



F. CARDALLO
—
PROTES-
TANTISMO
E
BÍBLIA



COLEÇÃO
1
BÍBLICA



FERNANDO CARBALLO

PROTESTANTISMO
E BÍBLIA

EDIÇÕES PAULINAS

TÍTULO ORIGINAL
PROTESTANTISMO Y BIBLIA
Ediciones Paulinas — Buenos Aires

Tradução de José Vicente

NIHIL OBSTAT
São Paulo, 24 de junho de 1959.
PE. JOÃO ROATTA, SUPERIOR PROV.
da Pia Sociedade de São Paulo
Censor

IMPRIMATUR
Scti. Pauli, 27-VII-1959.
MONS. LAFAYETTE
Ex delegations

Direitos reservados à Pia Sociedade de São Paulo
Praça da Sé, 184 - Caixa Postal 8107 - SÃO PAULO
1959

COLEÇÃO BÍBLICA
da Pia Sociedade de São Paulo

Ao redor do Livro Divino — a tradicional *Bíblia Sagrada* do Padre Matos Soares que se mantém dignamente em campo há longos anos, sempre abençoada e vivamente recomendada pela Santa Sé Romana ao povo do Brasil — as *Edições Paulinas* procuraram organizar uma assistência editorial para o clero e o povo fiel da Nação, suscitando a *Coleção Bíblica*, que ora se lança inicialmente de um só jato com três títulos, e que dia a dia irá enriquecendo-se com outros. A valiosa *Coleção* tende a prestar ajuda a todos na compreensão e defesa do tesouro de inestimável preciosidade, qual é a Palavra de Deus, patrimônio dos filhos da Igreja Católica.

São estes três volumes:

1) **PÁGINAS DIFÍCEIS DA BIBLIA.** Trabalho perfeito, de equilíbrio maravilhoso, com características aptas a satisfazer as exigências de quem se coloque ante a Bíblia com humildade e fé, mas também com vivo desejo de compreensão clara e iluminada daquelas páginas que podem criar dificuldades, principalmente no leitor mais culto e preparado.

2) **PROTESTANTISMO E BIBLIA.** Obra igualmente preciosa, de caráter mais popular, oferece ao cristão nuanas estudado e preparo fundamental indispensável com que possa fazer frente às objeções protestantes, e resolver diretamente os obstáculos que sóem apresentar os irmãos separados ao católico desprevenido, para erapanar-lhe a fé. — O trabalho é levado a termo com espírito de visão ampla, com expressiva e clara insistência sobre as disposições espirituais que devem amparar quem quer que se encontre em contacto com irmãos separados: a precisão e segurança de doutrina, acompanhadas de compreensão e caridade.

3) **SINOPSE EVANGÉLICA.** Harmonização da narrativa dos quatro Evangelhos, tomada como base a tradição dos imortais trabalhos já executados pela Igreja, em tôdas as línguas e países, desde o *Diatésaron* de Taciano, até nossos dias. Faltava no Brasil uma obra do gênero; lacuna essa ora preenchida pelo nosso bom amigo o Pe. Frederico Dattler, membro da Liga dos Estudos Bíblicos.

Embora tecnicamente difícil, muito prazerosamente as *Edições Paulinas* acolheram esse trabalho, porque indispensável ao público de nível cultural mais elevado, e porque era justo que uma grande editôra religiosa (constituída como tal pela Igreja nessa Nação e em todo o mundo), colaborasse ativamente com a Liga dos Estudos Bíblicos do Brasil.

Empreenda essa bela *Coleção* sua longa viagem apostólica entre os fiéis do Brasil. Dignem-se abençoá-la os Mestres do povo católico, e acolham-na com frutos sazonados todos os que procuram e amam a Palavra de Deus.

S. Paulo, 30 de setembro de 1959, festa de S. Jerônimo.

PE. GIOVANNI ROATTA
Superior Provincial

"Revesti-vos de entranhas de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, longanimidade, suportando-vos e perdando-vos mutuamente sempre que algum der ao outro motivo de queixa".

(Col 3,12-13).

"...suportando-vos uns aos outros com caridade, solícitos em conservar a unidade de espírito com o vínculo da paz".

(Ef 4,2-3).

RAZÃO DE SER DÊSTE LIVRO

Acontece freqüentemente que, ao encontrar-se um católico com um protestante, sejam trazidos a debate temas religiosos.

Em geral, não é precisamente o católico quem inicia a polêmica. Os protestantes, como são em número muitíssimo menor, têm, talvez por isso mesmo, um espírito exageradamente combativo, cheio de proselitismo.

Firme e tranqüilo em sua fé, o católico evita, geralmente, essas discussões. Quando a controvérsia se torna inevitável, coloca-se na defensiva e trata apenas de solucionar, uma depois da outra, as dificuldades clássicas que lhe apresentam contra a Confissão, o Papado, o celibato dos Sacerdotes etc.

Mas chega, invariavelmente, um momento em que o atacante arvora um texto bíblico, alegando que "a Bíblia, capítulo tal, versículo tal, diz isto e aquilo". Aí, o católico fica assombrado, primeiro, com a erudição de seu opositor; segundo, teme que as palavras que ouve deitem-no por terra, pelo menos na aparência, com suas explicações. Se a Bíblia se exprime assim, pensará consigo mesmo, que poderei responder?

Pedindo vênia à sempre Virgem Maria, vamos pôr seu nome em um exemplo que ilustrará o que acabamos de dizer. Suponhamos que o protestante, depois de criticar o culto de Maria Santíssima, como o faz amiúde, negue sua virgindade, discorrendo dessa maneira:

No capítulo 12, versículo 46 do Evangelho de São Mateus lê-se: "Estava Jesus ainda pregando à multidão, quando apareceram do lado de fora sua mãe e seus irmãos".

O protestante sabe de cor que se lê em São Mateus, capítulo 12, versículo 46, que Jesus tinha irmãos e, triunfante, o lança em rosto ao católico, pretendendo provar

com uma citação da Bíblia que Maria Santíssima não foi sempre virgem, visto ter tido outros filhos além de Jesus.

Se o católico não possuir um mínimo de cultura bíblica, ver-se-á em apuros para contestá-lo satisfatoriamente; mas, se já se deu alguma vez ao trabalho de procurar solução para esta e as outras objeções de caráter geral que são normalmente levantadas em nosso meio pelos protestantes, as quais não passam de umas vinte, estará em condições de rebater o adversário com suas próprias armas, a Bíblia Sagrada.

Vejamos: o católico ficou perplexo ante o texto sagrado que fala em "irmãos de Jesus..." como se atreverá a refutar as palavras bíblicas?

Mas não se trata disso, não se trata de refutar uma palavra da Bíblia Sagrada com algum argumento tirado do senso comum, da História, da Tradição ou do mesmo Livro Sagrado. Trata-se simplesmente de compreender corretamente um trecho que, mal interpretado, dá origem a confusões e equívocos.

De fato, se o católico quiser convencer o protestante, terá de conhecer os trechos bíblicos de interpretação difícil e saber explicá-los por meio de outros trechos fáceis de entender; pois a Bíblia Sagrada é, para os protestantes, a única fonte da revelação e os argumentos tomados a outros documentos, como os da antiguidade cristã, são aceitos por eles a contragosto.

No presente caso, para resolver a objeção contra a virgindade de Maria Santíssima, bastará ao católico aprender de cor que São Paulo, no capítulo 1º, versículo 19, da Epístola aos Gálatas, escreveu as seguintes palavras: "Não vi a nenhum outro Apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor".

E explicará que, naquele tempo, como ainda hoje se faz em muitos países, sobretudo orientais, se dava o nome de "irmãos" aos primos, a parentes próximos e até a simples amigos. O Apóstolo, irmão do Senhor, de quem fala São Paulo não podia ser irmão carnal de Jesus, como outro filho de Maria Santíssima, pois o próprio Evangelho afirma que Tiago o menor, bispo de Jerusalém, de quem fala São Paulo, era filho de Maria, mulher de Cléofas. (Mais

adiante, na Lição 8ª, trataremos detalhadamente desse texto).

Em muitas outras passagens da Bíblia, chamam-se de "irmãos" a pessoas que, rigorosamente falando, não o eram; por exemplo, no capítulo 1º, versículo 15 e 16 dos Atos dos Apóstolos, esse vocábulo é empregado em diferentes acepções. Há inúmeros outros exemplos.

Resumindo, se o protestante afirmar que Maria Santíssima não é virgem porque, segundo São Mateus, capítulo 12, versículo 46, Jesus teve outros irmãos, o católico responderá que não se trata de irmãos, mas de primos ou parentes próximos, como pode provar-se pela Epístola aos Gálatas, capítulo 1º, versículo 19.

A verdade é que, em nossa terra, o católico não precisava, outrora, andar aprendendo de cor certos trechos da Bíblia Sagrada, já que ninguém ousava atacar a sua fé. Mas, hoje, um crescido número de Pastores protestantes preparou para a luta grande quantidade de jovens de ambos os sexos que, munidos de um cabedal mais ou menos importante de passagens bíblicas aparentemente contrárias à doutrina católica, põem em apêto a nossos fiéis, que não tiveram ocasião de decorar textos bíblicos.

Por que esse afã, perguntaríamos, de vir perturbar a paz religiosa de nossos países? É um procedimento inexplicável, sob todos os pontos de vista. Contudo, devemos supor, caridosamente, que os responsáveis por esta situação são os chefes das igrejas protestantes e não os que, estimulados por esses dirigentes, fazem guerra a nossas crenças.

De outro lado, sabemos que muitos, muitíssimos dos propagandistas que atuam em nosso meio estão de boa fé e desejam nos fazer um bem espiritual.

Talvez esse protestantismo, que nos ataca, seja mandado por Deus para sacudir nossa sonolência, obrigando-nos a esclarecermos nossa fé; sem isto, poderia ela adormecer em cômoda rotina.

Não foi intenção de quem redigiu este livro compor um tratado completo de apologética. Muito longe disso. No interesse da clareza e da brevidade, evitou-se uma imensidade de citações e argumentos que, aliás, podem ser encontrados nas obras especializadas.

A nossa aspira modestamente a acomodar-se às necessidades do grande público; dirige-se aos que não podem fazer um estudo intensivo da apologética, mas desejam sair-se airosamente dos ataques dos protestantes, tão frequentes, infelizmente, em nosso tempo.

Para lhes facilitar o trabalho, a matéria foi disposta em Lições, que aconselhamos a estudar seriamente e não a ler apenas; seguem-se-lhes uns Questionários que ajudarão aos que tiverem empenho de reter as idéias principais de cada Lição. Esses Questionários poderão servir, especialmente, para o caso de se realizarem pequenos cursos coletivos; quem os dirigir terá assim um meio fácil de averiguar se os temas expostos foram assimilados pelos alunos.

É escusado dizer que cada Lição terá de ser explicada em uma ou em várias aulas, segundo sua extensão.

Recomendamos aos leitores, além disso, para assinalarem com tinta, lápis de côr etc., os argumentos que mais lhes agradarem; assim será mais fácil localizá-los e gravá-los bem, quando se repassarem as Lições. Uma leitura prévia do Índice e uma vista sobre êle antes de cada Lição ajudarão a perceber mais depressa o encadeamento das diversas matérias estudadas.

Reconhecemos que êsse estudo exigirá algum esforço. Nada se adquire sem trabalho. Em todo caso, dadas as circunstâncias especiais que atravessamos no tocante ao problema protestante e conhecendo o zêlo apostólico que inflama indiscutivelmente nossa juventude, cremos que não parecerá oneroso aos membros das associações católicas em geral, da Ação Católica e das Congregações Marianas em particular, que se lhes proponha como tema de estudo a apologética antiprotestante.

Feito isso, pode prever-se o dia em que um dos que se dedicaram ao problema protestante se encontrará na necessidade de defender sua fé; baseando-se nos novos conhecimentos, saberá responder vantajosamente, com o apoio da Bíblia, às dificuldades que lhe opuser o adversário ocasional. Verá, então, seus esforços premiados e terá por bem empregados os minutos que consagrou a êste livro.

Mesmo que nunca se venha a fazer uso dos argumentos expostos aqui, êste estudo, empreendido em nome

do Senhor e para honrá-lo melhor, dará frutos valiosos, aproximando mais de Deus, do Verbo de Deus, da Palavra de Deus, do testemunho escrito dêsse Verbo e dessa Palavra que é a Bíblia Sagrada.

Talvez seja uma aspiração exagerada, mas não perdemos a esperança de que êste livro, oferecido a algum de nossos irmãos protestantes, lido e meditado em paz, possa levá-lo à convicção de que seu credo não é totalmente legítimo. E de que o nosso, herdado de Jesus Cristo e transmitido carinhosamente, através dos séculos até hoje, sob os desvelos de uma sucessão ininterrupta de Sumos Pontífices, é verdadeiramente católico, pois disseminado, com sua unidade, por todos os países do mundo; é a única mensagem autêntica de salvação que o Criador se dignou enviar a sua criatura; é o caminho único por onde a humanidade há de aproximar-se de seu Deus, se tem algum desejo de não succumbir.

PRIMEIRA LIÇÃO

O APOLOGISTA CATÓLICO

“Portemo-nos com muita paciência, com pureza, doutrina, longanimidade, mansidão, com unção do Espírito Santo, com caridade sincera, com palavras verdadeiras, com o poder de Deus, com as armas da justiça...”

(2 Cor 6,3-10).

Muitas são as qualidades de que deve estar adornado o defensor do dogma católico. Mas vamos referir-nos só a três delas, por considerá-las um resumo de tôdas as demais. Aconselharemos, pois, ao apologista a que proceda com muita *caridade*, a possuir *unção religiosa* no modo de falar e de viver, e a que, por fim, diga sempre a *verdade*, com simplicidade e franqueza.

Antes de passarmos a considerar êsses dotes, precisamos lembrar uma condição que deve respeitar tôda controvérsia dêste gênero: as disputas sôbre assunto de religião devem realizar-se *em particular*.

a) EM PARTICULAR.

“Guardar-se-ão os católicos de ter disputas e conferências, sobretudo públicas, com os acatólicos sem licença da Santa Sé ou, em caso de urgência, do Ordinário Local”. Assim reza o cânone 1325 do Código de Direito Canônico.

Portanto, a intenção da Igreja é que o católico não ande procurando discussões sôbre assuntos de religião e que muito menos ainda aceite desafio para polêmicas públicas, isto é, com assistência de convidados, a hora prefixada etc., sem ter, primeiro, pedido licença à Santa Sé ou ao Bispo Diocesano, conforme fôr o caso. E isto pela

simples razão de que uma discussão pública se assemelha a um magistério, que ninguém deve exercer sem título e mandato especiais.

Contudo, se se apresentar de súbito a oportunidade, por alguém ter ousado atacar nossa sacrossanta fé, o católico pode e deve, em caráter particular, aduzir argumentos em defesa de nossas doutrinas.

A Igreja restringiu a faculdade de travar polêmicas a fim de manter incólume a fé de seus filhos. Pois é fácil compreender que nem todos estamos preparados para solucionar tôda sorte de objeções que o adversário venha a levantar, algumas das quais poderão, certamente, ser muito sutis.

Atitude igual se adota, aliás, na sociedade civil onde não se admite que qualquer cidadão interprete as leis, discuta e ensine Direito e Medicina, sem possuir os títulos necessários para isso.

A flor da fé é muito delicada. Pode murchar facilmente. Mas, se fôr bem protegida, embelezará pereneamente a vida e a encherá de perfumes celestes.

b) COM CARIDADE.

Em sua segunda carta aos Coríntios, São Paulo enumera os dotes que deve ter o apóstolo da Palavra Divina. Diz assim no capítulo 6, versículos 3 a 10: "Portemo-nos com muita paciência, com pureza, doutrina, longanimidade, mansidão, com unção do Espírito Santo, com caridade sincera, com palavras verdadeiras, com o poder de Deus, com as armas da justiça..."

A regra de ouro de tôda polêmica há de ser: proceder com caridade, *não ofender o adversário*.

Apesar disso, no que toca à secular controvérsia protestante, pouco se tem obedecido a êsse postulado. Já nos primeiros tempos, o fundador do Protestantismo, Martinho Lutero, lançava habitualmente sobre seus adversários os epítetos mais descomedidos e não há dúvida de que recebia, por sua vez, tratamento igual.

Ambas as partes, católicos e protestantes, padeceram

do mesmo mal. Porém é força confessar que o insulto e a calúnia brotavam com muito mais freqüência dos lábios dos novadores do que da bôca dos católicos. A legenda negra contra Filipe II, a adulteração da história relativa à noite de São Bartolomeu e à Inquisição Espanhola etc., são testemunhos claros da falta de caridade e justiça nos polemistas e historiadores protestantes.

Por êste mesmo motivo, o apologista católico deve esforçar-se por pagar o mal com o bem e, se fôr necessário, retribuir grosseiras com atos de caridade. Há de rebater com argumentos e razões as falácias e calúnias que, com muita freqüência, repetem, geralmente de boa fé, os propagandistas protestantes.

A caridade, que é a máxima virtude cristã, nos obriga, em todo caso, a detestarmos o pecado, porém não ao pecador. É isto por amor a Deus; não por conveniências materiais, nem por mero estoicismo.

Por outra parte, será sempre verdade que se "apanham mais môscas com uma gôta de mel do que com um barril de vinagre..."

É bem certo que a discussão sobre assuntos de religião se presta para nos fazer perdermos a paciência; sobretudo, quando se nota má vontade no adversário. Mas se há de procurar manter o domínio de si mesmo e não perder as estribeiras.

"Não pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, Nosso Senhor" (2 Cor 4,5).

Por último, trataremos de ver no protestante que nos ataca não um culpado, mas um equivocado.

c) COM UNÇÃO.

Conta-se que Murillo, o grande pintor espanhol que tantas vêzes transportou para a tela a efígie suavíssima da Imaculada, antes de tomar os pincéis para a tarefa de cada dia, aproximava-se da mesa da Comunhão para receber em seu peito e gravar em sua alma Jesus, o filho bendito de Maria. Queria experimentar também a sensação de pos-

suir o Salvador, como o possuía a Imaculada Virgem-Mãe, para fazê-la depois palpitar na tela.

E de Velázquez, autor do famoso Cristo "morte serena", Gabriel y Galán cantou:

"Amava-o, amava-o.

Não foi somente um milagre do gênio..."

Tivemos ocasião de contemplar êsses quadros no Museu do Prado, em Madrid. Realmente, a unção que as telas refletem deve ter, primeiro, inundado a alma dos artistas, pois ninguém dá o que não tem.

Por esta razão, se o católico quiser lavrar na inteligência e no coração de um irmão equivocado a verdadeira efigie do Senhor e de sua bendita Mãe, deve previamente tê-los conhecido, meditado, feito suas delícias, alma de sua alma.

O apologista que aspira fazer algum bem deve pedir ao Espírito Santo que o ilumine; seu proceder deve ser concorde com a fé, suas palavras devem demonstrar o ardor de um apóstolo.

Cabe ao Pai dos céus mover o coração dos homens e encaminhá-los para Jesus: "Ninguém vem a mim, a não ser que o Pai que me enviou o traga" (Jo 6,44). Portanto, é ao Pai dos céus que deve dirigir-se, fervorosa, a oração missionária do apologista católico.

Em uma palavra, o apologista deve respirar unção em toda sua vida. Do contrário, será como um bronze cujo som se perde nos ares, como um sino que soa no deserto. E fica exposto a que lhe repitam o adágio famoso: "Medice, cura te ipsum — médico, cura-te a ti mesmo" (Lc 4,23).

É necessário que a unção penetre em toda sua vida; porque a Religião é uma ciência eminentemente viva e não um conjunto de meras especulações teológicas. É todo o homem em ação, em suas relações com Deus, com o próximo, consigo mesmo...

d) NA VERDADE.

No texto acima citado, São Paulo exige mais uma qualidade dos defensores da fé: a verdade.

Possuir a verdade; adquiri-la com estudo perseverante e vivê-la em tôdas as circunstâncias. Transmitir a verdade; fazer com que os outros participem da verdade por nós conhecida e vivida. Daí decorre a necessidade do estudo.

"Veritas liberabit vos — a verdade vos tornará livres"; são palavras de São João no capítulo 8, versículo 32, de seu Evangelho.

O católico há de aceitar a verdade, mesmo quando esta pareça feri-lo; nunca se valerá da mentira, nem mesmo da exageração, por mais que tais armas lhe pareçam, à primeira vista, úteis; muitíssimo menos, da calúnia.

É certo que o caráter católico é naturalmente contrário a êsses procedimentos ignóbeis. De todo modo, recomendamos muito que se prescindia de todo insulto, de toda ironia...

Nunca devemos esquecer que o protestante de boa fé é um homem mal informado ou não informado; e que ataca por princípio religioso, porque sempre seus predecesores na fé protestante agiram assim, porque os próprios fundadores do Protestantismo baseavam sua subsistência no ataque ao Catolicismo e porque êste que nos ataca foi educado por seus superiores religiosos para a controvérsia.

Por isso, o mais conveniente é ouvi-los pacientemente e, em seguida, ir pondo os pontos nos ii quanto às questões bíblicas, o que é, em geral, de relativa facilidade; ou quanto às questões históricas, o que será mais difícil por exigir muita erudição.

E se, por defendermos nossa Santa Religião, viermos a sofrer perseguições, maus tratos e até mesmo a morte?

Pois, isto significaria uma honra insigne. Jesus, que é nosso modelo, nos remiu sofrendo. E "o discípulo não há de ser maior do que o mestre" (Lc 6,40).

Contudo, não é justo que exageremos a aspereza da luta. E no caso em que ela se apresente, temos a certeza de que Deus nos auxiliará, então, com graças extraordi-

nárias, como auxiliou aos mártires, dando-lhes uma coragem muito superior às forças de sua idade e de seu sexo.

“Não tendes medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes àquele que pode perder a alma e o corpo na geena” (Mt 10,28).

“A tribulação insignificante do momento presente nos prepara um tesouro de glória para a eternidade... Sabemos que, se a tenda de nossa morada terrena se destruir, temos uma morada que é obra de Deus, uma casa eterna... nos céus” (2 Cor 4,5).

Antes de terminar, queremos evitar que os leitores cometam o erro de pensar que só os que estiverem dispostos a sofrer o martírio e que, por outro lado, sejam profundamente caritativos, piedosos, totalmente verazes e bem formados em sua fé, estão em condições de fazer frente aos que atacam nossa Religião. De modo nenhum queremos dizer isto: nesse caso, só os santos e os eruditos poderiam enfrentar o adversário religioso.

Fizemos, apenas, a exposição dos dotes que se propõem como meta a ser alcançada pelo verdadeiro apologista católico. No entretanto, enquanto essa meta não é atingida de todo, tratemos de procurar obtê-la, sem por isso deixarmos de fazer o apostolado que as circunstâncias nos aconselharem.

Recomendamos, por fim, a leitura dos capítulos 3 e 4 da Segunda Carta que São Paulo, o Apóstolo e o Apologista por excelência, escreveu a Timóteo, um de seus discípulos; aí estão condensadas tôdas essas doutrinas.

SEGUNDA LIÇÃO

SITUAÇÃO HISTÓRICA

“Haveis sido chamados, irmãos, para a liberdade. Mas que a liberdade não seja pretexto de servir à carne... Se vos morderdes e devorardes mutuamente, vede que acabareis por vos destruídes uns aos outros”.

(Gál 5,13-15).

Temos de abordar agora um assunto assaz espinhoso: expor brevemente e com imparcialidade o panorama religioso dos tempos em que o Protestantismo fez seu aparecimento.

Faz uns 400 anos, ao transcorrer a primeira metade do século XVI... Mais exatamente, a 19 de abril de 1525 foi o dia em que ficou selada, de forma definitiva, a ruptura entre as novas idéias religiosas e a antiga Igreja (1).

a) NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

Como sobreveio esta cisão religiosa? Deixando entregue aos arcanos da Divina Providência a última razão desta

(1) A palavra igreja (do grego ecclesia — reunião, convocação) tem múltiplas acepções. Eis aqui algumas delas:

a) Igreja militante — o conjunto dos fiéis cristãos, cuja cabeça é o Papa. Igreja padecente — os fiéis defuntos que estão no Purgatório. Igreja triunfante — os que gozam nos céus a visão de Deus.

b) Na antiguidade, dava-se o nome de igreja a cada uma das diversas comunidades cristãs, segundo as diferentes cidades em que um bispo havia estabelecido sua sede; por exemplo, a igreja de Corinto, de Éfeso.

c) Atualmente, chamamos de igrejas aos diversos grupos de cristãos heterodoxos ou seja, equivocados em sua fé; por exemplo, a Igreja Grega Heterodoxa, a Igreja Anglicana, a Igreja Batista etc.

d) Enfim, emprega-se a palavra igreja como sinônimo de templo. Geralmente, ao falarmos de “a Igreja”, referimo-nos à Igreja Militante, Católica, Apostólica, Romana.

grande provação para o Cristianismo, diremos, falando humanamente, que a Cristandade passou naqueles tempos por um período difícil de sua história.

Tal como os indivíduos, assim também os grupos sociais atravessam períodos de esplendor — chamemo-los épocas de fervor, — e sofrem períodos de tentação, que podem degenerar facilmente em épocas de abandono espiritual.

A cristandade daquele século, inclusive muitos de seus membros mais conspícuos, foi fazendo concessões perigosas a certas formas de regime social diametralmente contrárias ao Evangelho...

Em uma palavra, sofreu a cristandade, clérigos e leigos, uma imensa e coletiva tentação culposa: "Eis que Satanás anda procurando jogar-vos no crivo como trigo" (Lc 22,31).

Foi uma das muitas tormentas, talvez a maior, por que tem passado a Barca de Pedro.

Porém, o mérito consiste precisamente em não cair na tentação, quando se teve a infelicidade de colocar-se em ocasião próxima. E a Igreja perene, a Igreja de Cristo como tal, não caiu. Nem podia cair, dada a promessa de seu Divino Fundador de assisti-la todos os dias, até a consumação dos séculos.

Tomemos um exemplo: dois indivíduos se acham à borda do abismo do pecado. Um deles possui sólida formação espiritual; diante do perigo, recorre às reservas de sua fé, utiliza os meios sobrenaturais que ela lhe proporciona, vence a tentação, levanta-se do estado de tibieza e recupera o antigo fervor. O outro, pelo contrário, menos bem formado na fé ou mais orgulhoso, ou de vontade menos firme, não se aproveita dos auxílios da Graça, deixa-se levar pelo que é mais fácil, cai na tentação e peca.

Algo de semelhante passou-se com a cristandade de há quatro séculos.

Imaginemos que havia em uma grande parte do povo e do clero do século XVI uma conduta tão anticristã quanto no-la querem pintar os exageros dos historiadores protestantes. Pois bem, chega a tentação inevitável, encarnada na rebelião de Martinho Lutero, na Alemanha.

Ante êsse fato, os bons cristãos se tornarão mais fer-

rosos ainda. Mas os cristãos tíbios e os que forem positivamente maus cristãos fazem uma das duas: ou resistem heróicamente à tentação e, nessa luta, purgam seus pecados ou se afastam totalmente da fé, passando a fazer parte dos filhos extraviados da Igreja de Cristo.

Mais uma vez, o fogo terá servido para depurar o metal nobre.

Isto é o que devemos entender claramente: a Igreja de Cristo, que é perene, permaneceu sempre incólume no essencial, na fé e no dogma, porque traz em si o germe da vida, Jesus Eucarístico e seu autêntico intérprete, o Soberano Pontífice.

Foram os membros maus da Igreja, os maus cristãos daquela época, que, menosprezando os preceitos da moral, caíram em um estado deplorável, que reclamava pronta correção. Foram êstes os que sucumbiram à tentação luterana.

Não faltaram, mesmo nesses tempos, almas santas que, reprovando tal estado de coisas, formassem o propósito de remediá-lo. Porém as tentativas dos Santos Pontífices e dos bons cristãos para reconduzir a cristandade ao esplendor antigo iam caindo em terreno sáfaro. Em troca, o grito de rebelião lançado por Lutero encontrou acolhimento rápido em vastas regiões da Europa católica.

b) A PSEUDO-REFORMA.

Que conseguiu o revolucionário com sua teorias originais, que abalavam não somente a parte externa da Igreja, mas também e principalmente sua parte mais íntima, a dogmática? Que conseqüências se seguiram à implantação da pseudo-reforma?

Algo que nem o próprio Lutero podia prever. Ao dar rédea solta aos instintos, desencadeou as paixões mais baixas, as guerras mais cruéis e uma desorientação tal que logo se arrependeu amargamente do modo por que haviam interpretado a "liberdade evangélica" por êle pregada. Foi o que teve de reconhecer em muitas oportunidades, como, por exemplo, no opúsculo publicado a 6 de maio de

1525 sob o título "Contra as quadrilhas homicidas e ladronas dos camponeses"; éstos, baseando-se nas novas doutrinas, se haviam levantado contra seus príncipes, tinham incendiado e saqueado conventos etc.

Vamos transcrever alguns trechos dêsse opúsculo famoso que retratam o caráter de Lutero e ajudam a compreender melhor o espírito da época. Dirigindo-se aos príncipes, diz o seguinte: "Os camponeses roubam, saqueiam, conduzem-se como verdadeiros cães raivosos. Despedaçai-os, estrangulai-os, passai-os pela espada secreta ou públicamente, onde e como quer que seja, tal como se dá fim a um hidrófobo. Eis como pode um Soberano ganhar o céu derramando sangue, melhor do que dedicando-se à oração..."

Talvez o leitor estranhe epítetos tão pouco caridosos na boca de Lutero. Já em seu tempo, muitos os estranharam e censuraram seu autor. Ao que êle respondeu com outro escrito, intitulado "Acêrca do severo opúsculo contra os camponeses", no qual diz, entre outras coisas: "O que eu escrevo e ensino será sempre justo e verdadeiro, mesmo que todo mundo estoure de despeito". E continua: "No jumento, pau. O populacho deve ser conduzido pela fôrça. O diabo quer valer-se do populacho para destruir a Alemanha, visto que não tem outro meio de combater o Evangelho". É claro que se refere ao "Evangelho" que êle pregava.

Como se vê, deve ter sido coisa muito difícil entender-se com uma pessoa que pensava dêsse modo, capaz de utilizar qualquer meio, mesmo o sangue e o fogo, para impor o que ela acreditava ser a verdade.

Pelo que ficou dito até aqui, pode afirmar-se sem medo de errar que a nova doutrina, longe de melhorar as coisas, infringiu no mundo cristão uma ferida tão sangrenta e tão profunda que muito tempo será necessário para que sare por completo.

c) A VERDADEIRA REFORMA.

Contudo, no campo fiel, a rebelião provocou como reação uma melhoria benéfica, a qual se expandiu em

uma observância mais estrita dos postulados da Religião de Cristo.

Um Concílio Universal do episcopado de tôdas as nações fiéis à Igreja se reuniu em Trento, na Itália, em 1545 e examinou minuciosamente as novas doutrinas, apresentando ao mundo, depois de largos anos de trabalho, uma obra sapientíssima que reafirma a sacrossanta fé herdada de nossos maiores e elucida pontos até então obscuros da doutrina cristã.

Sob a vigilância dos Papas, reformaram-se a Cúria Romana, o Clero, as Ordens Religiosas; criaram-se os Seminários...

Na Itália, surgiram homens do talhe de São Pio V e São Carlos Borromeu; na Alemanha, São Pedro Canísio...

A Espanha, onde a heresia protestante não pôde penetrar, foi pródiga em verdadeiros reformadores de costumes: o Cardeal Cisneros, Santa Teresa e São João da Cruz, reformadores do Carmelo; Santo Inácio de Loyola, fundador da providencial Companhia de Jesus que, com seus membros esclarecidos e seus ilustres colégios e seminários, serviu de baluarte ao dogma cristão. E muitos outros que não vem ao caso enumerar.

Enfim, apuraram-se ainda mais os valores.

Escrevendo aos Coríntios uma carta, a primeira que lhes enviava, São Paulo diz no capítulo 11: "Ouço dizer que há entre vós cismas e, em parte, o creio; pois é preciso que haja entre vós dissensões a fim de que se destaquem os de virtude provada".

Deus escreve direito por linhas tortas.

d) A OBRA DE LUTERO.

Passaremos agora a apresentar sucintamente a gênese da nova doutrina; doutrina fácil, cômoda, que arrasta tantos espíritos de débil formação espiritual.

Mas queremos, antes, deixar bem assentado que, nem no que toca às crenças, nem no que toca aos costumes, os protestantes de hoje podem comparar-se com seus antecessores na fé "reformada". Os protestantes de hoje, como já

ficou dito, o são geralmente de boa fé e levam uma vida muito semelhante à dos católicos. Herdaram determinada denominação religiosa como herdaram determinada nacionalidade e determinado sobrenome. Há entre eles quem seja mais observante do que muitos católicos; pois, embora se achem, talvez sem culpa, no êrro, separados da vida que é Jesus Cristo, participam de sua seiva, da seiva de sua doutrina, contida no Evangelho. E às vèzes aproveitam essa seiva melhor do que alguns católicos...

Passemos agora a fazer um pouco de história, já que devemos uma explicação a nossos leitores de como pôde tão facilmente vingar no mundo a pseudo-reforma luterana.

Martinho Lutero, cuja personalidade estudaremos amplamente na Lição 14, nasceu em Eisleben, na Alemanha. Sem ter verdadeira vocação, entrou para um convento de Agostinianos e foi ordenado Sacerdote.

Tendo um caráter orgulhoso e sensual, foi pouco a pouco apartando-se do procedimento correto em seu modo de agir e das doutrinas ortodoxas em seus escritos, até que, por fim, se decidiu a apresentar 95 teses contrárias à doutrina católica, por motivo de uma controvérsia sobre as Indulgências travada com o Padre Dominicano Tetzel, pregador comissionado por Roma.

O que há de mais relevante em sua doutrina é, talvez, a proclamação do "livre exame" da Bíblia Sagrada, sem controle dogmático por parte da Igreja. Segue-se em importância sua teoria da "justificação só pela fé", fé fiducial no sentido luterano, prescindindo das obras; quer dizer que nossa fé cega em Cristo e não nossas obras é o que nos faz justos e nos leva ao céu. E, em terceiro lugar a "negação do livre arbítrio" (seu famoso servo arbítrio), com o que anula totalmente a eficácia e o mérito das boas obras e abre a porta ao procedimento descontrolado.

Combate a autoridade do Romano Pontífice no campo doutrinário. Destrói praticamente o dogma da Presença Real de Cristo no Santíssimo Sacramento etc. (1).

(1) Nas lições seguintes, não trataremos senão dos dogmas que hoje em dia os protestantes atacam por aqui com freqüência. Além do mais, é reduzidíssimo o número dos que sustentam em bloco as teses do fundador do

Como alguns dos textos e livros da Bíblia Sagrada contradiziam abertamente suas teorias, não duvidou em afirmar que tais livros e passagens eram apócrifos, isto é, acrescentados por mão anônima às Sagradas Escrituras e, portanto, sem nenhum valor probatório.

As Epístolas de São Paulo, interpretadas a seu talante, formam o forte de sua doutrina. E os escritos de Santo Agostinho, difíceis por si mesmos de entender, dado o caráter apologético e flamejante com que foram redigidos, lhe proporcionam um material abundante.

No terreno da moral e dos costumes, declarou nulo o voto de castidade dos Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, incitando-os a contrair casamento. Convidou os bispos a negarem obediência ao Papa e formarem igrejas nacionais. Aconselhou os príncipes a se apoderarem dos bens eclesiásticos, a se tornarem independentes do rei ou do imperador etc.

Pode afirmar-se, sem sombra de dúvida, que, para os príncipes, adotar a nova religião foi mais questão de política e de cobiça do que de sentimentos religiosos. Para os maus sacerdotes, significava legitimar a vida irregular que já levavam havia muito tempo; o mesmo se diga dos Religiosos e Religiosas não-observantes. Para o povo em geral, a nova doutrina apresentou-se como uma libertação de muitas das obrigações que a fé antiga impunha... E para todos, eclesiásticos e seculares, a doutrina de Lutero procurou cobrir-se com os atrativos da originalidade, como algo que os transpunha novamente aos tempos apostólicos, com sua simplicidade, seus carismas... (1).

Protestantismo; se é que se pode chegar a formar com seus escritos um corpo de doutrina, quando não poucas vèzes estão em contradição uns com os outros.

(1) "As causas que aceleraram a Reforma foram várias: a inimizade entre o Papa Bonifácio VIII e Filipe, o Belo, de França que se revoltou contra o Pal Comum da cristandade e deslustrou o prestígio do Papado; a residência dos Papas em Avinhão (1309/1376)... o cisma do Ocidente e aquela peste geral que só em dois anos levou à sepultura a terça parte da população da Europa. As conseqüências desse morticínio não podiam ser mais desastrosas. As igrejas e os benefícios eclesiásticos ficaram, aos milhares, sem sacerdotes e bispos. Para suprir o que faltava, admitiu-se ao sacerdócio gente sem vocação, mundana e ambiciosa, que tinha os olhos postos nas riquezas que a Igreja havia acumulado através dos séculos com doações e legados espontâneos de seus filhos. Esse estado de coisas repercutiu nos costumes, em geral..." Caixa de Perguntas — Pe. Bertrando L. Conway. C.S.P. — Razón y Fe.

Enfim, nos tempos de Lutero, um mau católico podia tornar-se facilmente um bom protestante. Em troca, para que um bom protestante pudesse chegar a ser um bom católico, devia apurar não somente sua fé, fazendo-a mais esclarecida e mais humilde, mas também e sobretudo sua conduta, sujeitando-se a uma disciplina civil e eclesiástica muito mais rigorosa do que a exigida pelo Protestantismo.

Daí se explica a facilidade com que, em um mundo corrompido, puderam propagar-se as fáceis idéias novadoras.

e) O INCÊNDIO PROPAGA-SE.

O livro dos Juízes narra como Sansão “apanhando trezentas rapôças e tomando tochas, atou as rapôças duas a duas, cauda com cauda, pondo entre elas uma tocha. Acendeu as tochas e soltou as rapôças nos trigais dos filisteus, incediando os feixes amontoados, o trigo ainda em pé e até os vinhedos e olivais” (Jz 15,4-5).

Outro tanto se passou na cristandade do século XVI. A faísca que Lutero acendeu na Alemanha propagou-se rapidamente pela maior parte dos países da Europa, convertendo tudo em uma imensa fogueira.

Em tôda parte, iniciaram-se guerras de religião, defendendo uns a antiga fé, querendo outros impor as doutrinas novas. Houve enorme destruição de tesouros artísticos da antiguidade cristã, que os fanáticos protestantes arrasaram para riscar da terra, se possível, todo vestígio de “idolatria papista”; houve vinganças, saques sem conta...

Bem depressa surgiu a divisão entre os próprios dirigentes novadores. Como no caso das rapôças de Sansão, cada qual tomou seu caminho, contrário muitas vezes ao dos outros, concordando todos unicamente em propagar o incêndio anticatólico romano.

No terreno dogmático, como conseqüência da teoria do “livre exame” e, depois, no terreno político, Lutero e Melancton defendiam um tipo de cristianismo na Alemanha; Zwínglio pregava na Suíça, sua pátria, outro tipo

de doutrina, distinto do de Lutero; o francês Calvino difundiu encarniçadamente idéias próprias na França, na Holanda e até na Polônia e na Hungria; Knox pregou a revolução na Escócia; Cranmer, primeiro conselheiro de Henrique VIII, impôs uma reforma “sui generis” na Inglaterra etc.

f) GALHOS DA MESMA ÁRVORE.

Por mais que as diversas Denominações protestantes se esforcem, não poderão negar a história.

A implantação da religião “reformada” não foi levada a cabo em seus respectivos países senão mediante a mentira, a destruição e, em muitos casos, o terror. Os encarregados de propagar a nova religião foram, em geral, homens de vida escandalosa e se deixaram, em todo caso, levar por um fanatismo cruel.

Martinho Lutero, o pai do Protestantismo, vale muito pouca coisa como pessoa privada: sacerdote agostiniano apóstata, infiel a seus votos e obrigações, une-se em concubinato sacrílego com uma ex-religiosa; homem, além disso, impulsivo e vingativo...

Por sua parte, Henrique VIII de Inglaterra, que deu impulso à pseudo-reforma em sua pátria, supera de muito a vida pouco edificante de Lutero.

Esse rei inglês começou por ser defensor do catolicismo contra as novidades alemãs; chegou a escrever em 1521, durante o pontificado de Leão X, um arrazoado contra os protestantes, intitulado “De septem sacramentis”, que lhe valeu o título de “Defensor da Fé”, dado pelo Papa.

Era casado com Catarina de Aragão, de quem tivera cinco filhos. Mas, como entrara em relações ilícitas com Ana Bolena ou Boleyn, cego de paixão, decidiu pedir ao Papa Clemente VII anulação do matrimônio anterior para contrair novo enlace com Ana.

Sendo impossível conceder-se isto, viu nas recentes teorias reformistas, muito mais lassas que as católicas, uma solução para seu problema, pois os novos pregadores lhe concederiam, seguramente, o divórcio. E se uniu à rebelião

protestante, rompendo definitivamente com Roma em 1533 e unindo-se no mesmo ano com sua favorita Ana.

E assim se iniciou na Inglaterra uma perseguição tal contra os católicos que só pode ser comparada a que se lhe seguiu imediatamente, sob o reinado da sanguinária Isabel I, filha de Henrique VIII e dessa mesma Ana Bolena (1).

Até que ponto foi arbitrário o procedimento do pai do Protestantismo inglês, Henrique VIII, pode ver-se pela sua atitude com suas sucessivas "consortes". Desgostando-se de sua esposa legítima, Catarina de Aragão e unindo-se em 1533 com Ana Bolena, não tardou a cansar-se desta e fazê-la condenar (1536), para unir-se, no dia seguinte à execução, com Joana Seymour, que morreu no ano seguinte (1537). Contraiu o rei nova união com Ana de Cléveris (1539), a quem prontamente repudiou para unir-se pela quinta vez, agora com Catarina Howard (1540). Dois anos mais tarde, Catarina foi também executada (1542), passando a partilhar o sólio real Catarina Parr, que conseguiu sobreviver ao monarca (2)...

Não é que dê prazer aos apologistas católicos revolverem essas tristes recordações. Deus sabe que não é assim; mas lembramos êsses fatos incontestáveis para propormos, em seguida, esta reflexão:

Poderiam ser homens de Deus, poderiam ser arautos da verdadeira religião, pessoas cobertas de tais defeitos morais como os que a história descreve nessas vidas?

Talvez alguém diga: houve também na Igreja sacerdotes e papas de procedimento repreensível.

Admitimos; porém êsses tais não se apresentaram como regeneradores da cristandade, não disseram ser portadores de uma verdade desconhecida até então. No pior dos casos, eram maus defensores da verdade já estabele-

(1) Quando subiu ao poder, eram católicos dois terços do reino. No fim de sua vida, os católicos não passavam de 150 000.

Como índice de seus métodos de governo, lembraremos que os católicos eram encarcerados pelo simples fato de não assistirem aos cultos anglicanos. Em 1581 foi decretada uma lei que impunha a pena da força e do esquartejamento a quantos dessem ou recebessem a absolvição sacramental.

(2) Pode ler-se o capítulo "Psicologia dos Reformadores" do livro "O Protestantismo", de Artur Fesar Bayarri, editado pelo Apostolado da Imprensa em Buenos Aires.

cida; porém nunca messias redentores, pregadores de uma lei nova.

Os novadores, pelo contrário, dado que vinham destruir a religião existente, deviam provar sua missão divina. E não poderiam fazê-lo utilizando-se de métodos ilícitos para a implantação de sua doutrina e levando uma vida tão desordenada como a que levavam; coisa que os próprios protestantes reconhecem tácitamente ao não circundarem a cabeça de seus pais na fé com a auréola da santidade.

Isto, quanto aos fundadores.

Bem, quanto à nova religião: *poderá ser santa e autenticamente cristã uma religião, chame-se luteranismo, calvinismo, anglicanismo etc., que, para impor-se, se viu na necessidade de empregar meios tão diametralmente opostos ao Evangelho da caridade, como o insulto, a calúnia, a desonestidade, o saque, o assassinato? Poderá a obra de Lutero chamar-se uma obra de Deus?*

A meditação tranqüila sobre estas verdades indubitáveis fará com que todo protestante de boa fé duvide, pelo menos, da legitimidade da fé que professa.

QUESTIONÁRIO

Em que época o Protestantismo fez seu aparecimento?

a) Como poderia qualificar-se o século XVI quanto à religiosidade? Diante de uma situação difícil, tôdas as pessoas e grupos sociais adotam igual procedimento? Em que se baseia a maneira diferente de cada uma proceder? Teria a Igreja cedido terreno quanto ao essencial em alguma época de sua história? Por que? Não havia santidade naqueles anos?

b) A pseudo-reforma de Lutero, que conseqüências imediatas provocou no mundo cristão? Citar algum escrito do novador que se refira a situação reinante.

c) Seguiram-se somente males da revolução protestante? Que Concílio se reuniu por motivo desses fatos? Enumerar várias das obras de verdadeira reforma empreendidas nesse tempo e algumas das personalidades que as levaram a cabo.

d) O que se diz de Lutero e dos primeiros protestantes poderia aplicar-se a todos os protestantes de hoje? Que novidades ensinou no campo do dogma e dos costumes? Como se explica que um número tão grande

de pessoas adotasse a nova religião? Que era mais difícil, ser católico ou ser protestante?

e) Que passagem bíblica recorda a história daqueles tempos? Mantiveram-se de acordo os diversos novadores em suas respectivas pátrias? A que teoria protestante se deve, sobretudo, o divisionismo religioso?

f) A religião "reformada" valeu-se de meios lícitos para se impor? Narre-se sucintamente a história de Lutero e de Henrique VIII. Com que finalidade se recordam esses fatos repugnantes? Podem classificar-se de mensageiros divinos os pais do Protestantismo? Considerando-se os métodos que empregaram para sua difusão, podem chamar-se Santas as novas religiões protestantes?

TERCEIRA LIÇÃO

A BÍBLIA SAGRADA

"É o que ele (São Paulo) faz em todas suas Epístolas, nas quais há alguns pontos de difícil compreensão, que homens indoutos e inconstantes pervertem, como o fazem, aliás, com as demais Escrituras, para sua própria perdição".

(2 Pdr 3,16).

Não desejaríamos pecar por pessimismo ao afirmarmos que são poucos, hoje em dia, os católicos que conhecem a fundo o conteúdo da Bíblia Sagrada ⁽¹⁾. Talvez seja isto conseqüência de que, em séculos passados (e como reação contra a tendência protestante de radicar nesse Livro Sagrado a totalidade dos conhecimentos religiosos), tenha existido a propensão de permitir somente a pessoas de fé esclarecida o acesso à Bíblia Sagrada.

Quanto ao povo fiel, punha-se-lhe nas mãos o livro dos Santos Evangelhos e, no máximo, as Epístolas de São Paulo.

Dizia-se que a leitura de grande quantidade de textos do Antigo Testamento era, pelo menos, inútil; que não escasseavam passagens de um realismo prejudicial aos espíritos jovens; que havia o perigo de interpretá-los erroneamente, à maneira por que o faziam os protestantes.

Na realidade, o justo meio é o mais conveniente.

Hoje, põe-se a Bíblia Sagrada ao alcance de todo ca-

(1) "Este conhecimento e amor das Sagradas Escrituras é, em nossos dias, de uma necessidade premente, porque, se é certo que neste século das luzes se lê muitíssimo, quão pouco se lê o livro dos livros, a Bíblia! Não, não é lida, nem conhecida a Bíblia. Creio que, se se perguntasse a noventa por cento de nossos católicos que é a Bíblia, se veriam em apuros para responder". (Da Carta Pastoral de Dom Carlos F. Hanlon, Bispo de Catamarca, de 2 de setembro de 1852).

tólico e é raríssimo encontrar quem tire daí algum prejuízo. Pelo contrário, os benefícios espirituais que se obtiveram são prova fidedigna de que, dada a difusão atual de publicações de tôda índole moral, é acertado multiplicar a existência e a difusão dêsse antídoto divino, a fim de que não desfaleçam e morram tantas almas.

De acôrdo com esta opinião, há editores católicos, como a B.A.C. espanhola, que contam por centenas de milhares os exemplares da Bíblia Sagrada publicados a preços econômicos; sem falar de Institutos Religiosos, como a Pia Sociedade de São Paulo, entre cujas finalidades se destaca, precisamente, a de difundir o conhecimento das Sagradas Escrituras.

Por isso, recomendamos encarecidamente a nossos leitores que, se não a possuem ainda, *adquiram imediatamente uma Bíblia Sagrada*, não somente para aproveitar mais êste curso, como para recorrer a ela em todos os momentos de sua vida, como a um livro de consulta ou de leitura espiritual. Em todo caso, não lhes aconselhamos que deixem o Texto Sagrado ao alcance das crianças ou dos mais jovens, pois há, efetivamente, algumas narrações do Antigo Testamento que poderiam despertar nêles uma curiosidade malsã, com prejuízo para suas almas, para o respeito devido às Sagradas Escrituras.

a) NOÇÕES.

É muito sabido que a palavra "Bíblia" deriva do grego e significa "os livros", isto é, os livros por excelência, por antomásia; o livro dos livros etc.

A Bíblia Sagrada é um conjunto de 73 livros mais ou menos longos, alguns dos quais foram escritos antes de Cristo (os 46 do Antigo Testamento ou a Antiga Lei) e outros o foram depois de Cristo (os 27 do Novo Testamento, ou seja, a Lei Nova).

Moisés foi quem escreveu o primeiro dêsses livros, chamado o "Gênesis", por volta de 1.500 anos antes de Cristo; o último foi escrito por São João por volta do ano 90 da era cristã e se intitula o "Apocalipse".

Esses autores, tanto Moisés e São João, quanto todos que foram compondo, no decorrer dos séculos, as Sagradas Escrituras, eram *instrumentos de Deus*. Escreveram sob inspiração divina, isto é, foi o Espírito Santo que, por seu intermédio, fêz ouvir sua voz para nos aconselhar, repreender, animar e, em geral, para ensinar ao gênero humano o caminho da eterna salvação. Por conseguinte, todo o conteúdo do Texto Sagrado é absolutamente certo.

Tenha-se, porém, em mente que a Bíblia Sagrada não é uma enciclopédia. Enganam-se os que querem ver nas Sagradas Escrituras o modelo de todos os escritos e um manual perfeito de tôdas as ciências⁽¹⁾. A Bíblia Sagrada não é sequer o único manancial de Revelação Divina, como pretendem os protestantes, já que a Mensagem Divina, ou seja o conjunto daquelas verdades que Deus julgou conveniente comunicar aos homens no tocante à fé e à moral, está contida em parte na Bíblia Sagrada e em parte na Tradição, como diremos na Lição seguinte.

Considerando o Texto Sagrado em seu aspeto material, diremos que está dividido em vários livros; cada livro foi, por sua vez e para maior facilidade dos leitores, dividido pelos editores em vários capítulos e cada capítulo em vários versículos.

Na prática, ao fazer-se alusão a um dos livros, cita-se ou o autor (por exemplo, São João; em lugar de dizer — Evangelho de São João), ou o nome do livro (por exemplo, Gênesis, Apocalipse etc.).

Em geral, empregam-se abreviaturas em lugar dos nomes completos, como, por exemplo, Gên., Apc., cap., vers. em lugar de Gênesis, Apocalipse, capítulo, versículo. Enfim, a prática nos ensinará melhor êsses pormenores.

(1) Um antigo protestante, convertido ao catolicismo, que chegou a ser o Cardeal Newmann diz no capítulo V de seu livro "História de minhas idéias religiosas": "A experiência demonstra certamente que a Bíblia não serve para um propósito para o qual não foi criada. Pode ser, em certas circunstâncias, um meio de conversão para alguns indivíduos; porém um livro, no fim das contas, não pode fazer face ao selvagem e vivaz entendimento do homem".

E o Cardeal Barônio, em uma frase espirituosa, dizia que "a intenção do Espírito Santo, ao falar-nos por meio das Escrituras, é ensinar-nos não como vai o céu, mas como se vai ao céu".

b) CÂNONE DA BÍBLIA SAGRADA.

A palavra "cânone" significa, aproximadamente, regra, norma, pauta etc. Por isso, dá-se o nome de cânone das Sagradas Escrituras ao catálogo oficial dos escritos bíblicos que a Igreja reconhece como autênticos. Se não existisse esse catálogo oficial e infalível, como poderia o cristão ter certeza de que os livros que hoje lhe apresentam como escritos por Moisés concordam com o que escreveu realmente esse autor há milhares de anos, pois nem existem mais os originais de tais obras?

Deve existir, portanto, um órgão com autoridade infalível que fixe o cânone dos Livros Sagrados, ou seja, que determine, sem dar lugar a dúvidas, que livros são autênticos e que livros são apócrifos. Esse órgão é a suprema Hierarquia Eclesiástica, o Papa e os Concílios Ecumênicos.

Se bem que vários Papas, como Dâmaso e Gelásio, e vários Concílios, como os de Laodicéia, Cartago, Florença etc., tivessem, antes da revolução protestante, proclamado solenemente a autenticidade da versão da Bíblia Sagrada denominada Vulgata Latina, contudo o Concílio de Trento acreditou oportuno, em 1546, declarar oficial e solenemente, uma vez mais, que essa antiga versão, devida a São Jerônimo e conservada incólume até então, é realmente autêntica (1).

(1) Quase todos os livros do Antigo Testamento foram escritos originalmente em hebraico; os do Novo Testamento o foram em grego, salvo o Evangelho de São Mateus, que foi escrito em aramaico. Tanto dos livros do Antigo Testamento, como dos do Novo, houve numerosas versões, algumas das quais incompletas.

A versão do Antigo Testamento denominada Alexandrina ou dos Setenta (começada 200 anos antes de Cristo e terminada 100 anos depois de Cristo) é mais ampla do que a denominada Palestinense ou Esdrina (começada a codificar 500 anos antes de Cristo e encerrada pelo concílio judeu iamita, 100 anos depois de Cristo). De sorte que há alguns livros da versão Alexandrina que não figuram na Palestinense, tal como o Livro de Tobias, o Eclesiástico, os Livros dos Macabeus etc. Os livros que figuram em ambas as versões se chamam protocanônicos; os que figuram somente na versão Alexandrina se chamam deutero-canônicos.

Tanto Jesus como os Apóstolos, ao fazerem referência à Sagrada Escritura, citam textos conformes com a versão Alexandrina, com o que dão por certa sua autenticidade.

Durante os três primeiros séculos do cristianismo, ninguém duvidou da canonicidade dos livros do Antigo Testamento que figuram na versão Alexan-

Pode alguém afirmar que, por isso, o Concílio de Trento impôs uma "nova Bíblia" ao povo cristão? De maneira nenhuma. A única coisa que fizeram os Padres do Concílio de Trento foi dizerem, depois de um estudo prolongado: definimos que a versão da Bíblia Sagrada denominada Vulgata, cuja autenticidade negam, por conveniência, os novadores protestantes, é autêntica, ou seja, corresponde no todo e em cada uma de suas partes aos originais que foram escritos, no decorrer dos séculos, pelos autores inspirados.

Indício do cuidado que sempre se teve em não alterar o texto das Sagradas Escrituras é o seguinte fato: *pode reconstruir-se texto a texto* grande parte da Bíblia Sagrada e quase todo o Novo Testamento com as citações bíblicas que constam dos escritos dos Santos Padres.

Hoje nem sempre existe o escrúpulo de exatidão que antes havia ao transcrever citações de qualquer autor, máxime de um autor sagrado. Apesar de tudo, com respeito à Bíblia Sagrada e para prevenir qualquer eventualidade, São João, nos últimos versículos do Apocalipse, que é o último livro das Sagradas Escrituras, fulmina com anátema os que acrescentarem ou subtraírem algo ao Texto Sagrado.

Enfim, Deus Nosso Senhor não pode permitir que se introduza o erro no Livro dos livros, veículo de sua Palavra divina.

Sem embargo, como algumas passagens da Bíblia Sagrada molestavam a Lutero e seus sequazes, visto se oporem abertamente a suas novas teorias, resolveram eles afirmar, com a maior presunção, que não eram autênticas, que eram apócrifas, acrescentadas posteriormente e, portanto, careciam de todo valor.

É escusado dizer que, contra um procedimento tão pouco nobre, se levantou uma onda de protestos. Mas o novador, diante do ataque, se precipitou com estas palavras, citadas por Jansen no número 419 de sua História da Alemanha: "O doutor Lutero o quer assim e assim tem

drina e não constam da versão Palestinense. Nos séculos IV e V, houve dúvidas a respeito entre alguns escritores, porém logo dissipados pelos documentos eclesiásticos posteriores.

de ser, pois o que eu quero é que é racional; os papistas e os burros são uma coisa só”.

Em face de argumentos desta índole, não se sabe se é preciso indignar-se contra um orgulho tão impudente ou sorrir caridosamente...

c) A BÍBLIA SAGRADA E AS “BÍBLIAS PROTESTANTES”.

Depois que Lutero negou, em seu tempo, a autenticidade de algumas passagens da Santa Bíblia, os editores das diversas “bíblias protestantes” têm estado muito longe de concordar sobre o conteúdo do Livro Sagrado. Uns respitam o cânone de Lutero, outros acrescentam alguns dos trechos declarados apócrifos pelo novador. Houve quem negasse passagens que Lutero admitia. Outros, por fim e são talvez a maioria de hoje, decidiram aceitar o texto da Vulgata que os católicos utilizam, com pequenas variantes; tal é o caso da Bíblia Sagrada, editada em castelhano pela Sociedade Bíblica Britânica (tradução clássica de Cipriano de Valera), que tenho sobre a mesa de trabalho (*).

Não podia ser de outra forma. Os protestantes, não querendo admitir a submissão a uma norma religiosa determinada, viram-se submetidos à *escravidão da anarquia na fé*.

1. Existem, portanto, duas classes de edições da Bíblia Sagrada, as edições católicas e as protestantes. E como estas últimas, por não serem autêntica palavra de Deus, constituem um perigo para o católico, a Igreja proíbe severíssimamente, sob pena de pecado mortal, possuir ou ler

(*) A Epístola de São Paulo aos Hebreus, a de São Tiago, a Segunda de São Pedro, a Terceira de São João e a de São Judas e o Apocalipse foram, umas vezes, aceitos pelos novadores; outras vezes, recusados. O Eclesiástico, os livros dos Macabeus etc., foram sempre rechaçados. Cada chefe religioso (Calvino, Zwinglio etc.) compunha, em geral sua própria tradução da Santa Bíblia e só punha nela os livros, capítulos e passagens que estavam mais em consonância com suas respectivas doutrinas; conseqüentemente, tiravam o que os contradizia.

Calvino, por exemplo admitiu a Epístola de São Tiago e a chamou “carta de ouro”, enquanto Lutero a recusou, chamando-a de “carta de palha”.

as ditas “bíblias protestantes”; salvo os que tenham licença especial para isto. Assim o determinam os cânones 1398-1400 do Código de Direito Canônico.

Sendo assim, pergunta-se *como distinguir uma Bíblia Sagrada editada pelos católicos de outra editada pelos protestantes?*

Não é difícil distingui-las.

A) Tratando-se de uma edição em vernáculo, se tiver sido impressa na Inglaterra ou nos Estados Unidos, ou mesmo neste país mas por uma “Sociedade Bíblica”, será preciso tomar cuidado; isto é, por si, mau sinal, porém não dá ainda a certeza de que se trate de uma edição protestante.

B) Se a Bíblia Sagrada tiver anotações que esclarecem o Texto Sagrado, ao pé de cada página, é muitíssimo provável que se trate de uma edição católica. Diga-se o mesmo, se estiver impressa sob a supervisão de um Sacerdote, Instituto Católico, etc.

C) Mas a certeza de que, efetivamente, se trata de uma Bíblia Sagrada legítima é dada pela “Censura Eclesiástica”, a licença de impressão concedida pelo Ordinário, a qual está geralmente estampada nas primeiras ou nas últimas páginas do texto e se exprime nos seguintes termos: IMPRIMATUR ou, então, IMPRIMI POTEST, o que significa: imprima-se, pode imprimir-se. Ou outras expressões equivalentes.

2. Esta é, em definitivo, a atitude da Igreja: aconselha a leitura reverente da Bíblia Sagrada em edição católica e proíbe, sob pecado grave, a leitura desse livro em edição protestante.

Agora, com relação a outros livros ou folhetos de assunto religioso editados pelos protestantes, que atitude adota a Igreja?

Atitude igual. A Santa Igreja, com os mesmos sentimentos com que a mãe retira do alcance de seu pequeno filho um instrumento cortante, proíbe também, sob pecado grave, a leitura e a simples posse de todo livro que contenha doutrina protestante ou de qualquer outro modo he-

rética. Em caso de dúvida sobre se se trata de uma edição católica ou protestante, veja-se se o livro, folheto ou fôlha volante em questão, tem a "Licença Eclesiástica". Se versar sobre matéria de religião e moral, deve tê-la necessariamente.

Esta atitude da Igreja não significa opor uma barreira intransponível contra a investigação. Os bispos têm faculdade para dar licença de ler "livros proibidos" a quantos a peçam, sempre que, está claro, possuam cultura religiosa tal que os imunize contra as doutrinas deletérias; além de tudo, o processo da Cúria é simplicíssimo. A mãe, que lembramos acima como exemplo, não terá dificuldade em deixar que seu filho, tendo idade para isto, maneje instrumentos mais perigosos (1).

d) INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA SAGRADA.

Narra-se no capítulo 8, versículos 26 e seguintes, dos Atos dos Apóstolos que São Filipe encontrou o primeiro ministro da rainha Candace, soberana da Etiópia, o qual vinha em seu carro, lendo em voz alta trechos da Bíblia Sagrada. E diz o Texto Sagrado, que, ante a pergunta do Apóstolo: "Entendes, porventura, o que lêis?", respondeu o ministro: "Como poderei entender se não há quem me explique?"

Efetivamente, há muitas passagens do Livro Sagrado que são fáceis de interpretar; porém há outras que se prestam a confusão. Para estes últimos casos, a Santa Igreja, ora por meio de decretos particulares, ora pelo sentimento comum de seus teólogos, levando em conta o texto, o contexto, o sentido geral da Revelação Divina e as ciências afins à hermenêutica, determinou qual é a verdadeira interpretação dos pontos difíceis. A respeito, São Pedro, em sua Segunda Epístola, capítulo 1, versículo 20, proíbe taxativamente a interpretação privada de certas passagens das Sagradas Escrituras.

(1) Para aumentar o conhecimento da legislação eclesiástica sobre a leitura de livros proibidos, leiam-se os c. 1395/1405 do Cod. Dir. Canônico.

1. Porque não há dúvida de que o texto bíblico admite vários "sentidos" diferentes. Existe o *sentido literal* de uma frase e existe o *sentido típico* da mesma. Pode tomar-se um texto em *sentido próprio* ou em *sentido translatício*; em *sentido profético*, *tropológico*, *anagógico*, *místico*...

Se se tomasse em sentido literal, por exemplo, a frase de Jesus Cristo a seus Apóstolos: "Vós sois o sal da terra" (Mt 5,13), não poderia ela ter significação mais inconsequente. Que coisa é o sal da terra?... Além do mais, se se lançar sal na terra, não se lhe tira a fertilidade? Porventura, os Apóstolos haviam de ter na terra, no mundo, uma ação tão destruidora?

Muito pelo contrário. A frase há de tomar-se, pois, não no sentido real, mas em um sentido metafórico. Ou seja, assim como o sal serve para temperar e evitar o apodrecimento, dessa maneira vossa ação entre os homens deve aperfeiçoar suas obras humanas, dando-lhes a regra de sua finalidade espiritual, preservando-os da corrupção de um crasso materialismo etc.

Na realidade, este versículo é muito fácil de entender e não pode prestar-se a confusões. Mas, pergunto eu aos protestantes: estaria a maioria dos cristãos em condições de interpretar corretamente textos como o do Gênesis, cap. 3, vers. 14 e 15; Romanos, cap. 9, vers. 18; 1 São João, cap. 5, vers. 6 a 9 e, em geral, todos e cada um dos trechos das Sagradas Escrituras?

Não é certo que todos os cristãos estejam em condições de fazer uma exegese correta das passagens difíceis que se encontram amiúde na Bíblia Sagrada.

2. Além disso, a livre interpretação da Bíblia Sagrada, o *livre exame*, conduz necessariamente ao erro e ao divisionismo religioso. É coisa fácil de provar. Se um mesmo texto, por exemplo: "Isto é meu Corpo" (São Mateus, cap. 26, vers. 26), fôr tomado em sentido literal por um senhor chamado Lutero e em sentido metafórico por um senhor chamado Zwínglio, poderão os dois ter razão? Não será necessário que uma Instituição infalível em matéria de fé determine qual dos dois sentidos é o verdadeiro?

A resposta é óbvia. Do contrário, os partidários do senhor Lutero terão de manter polêmica com os partidários do senhor Zwinglio e, como se trata de um ponto essencial e decisivo, essa polêmica acabará tornando-se sangrenta, como o atesta a História.

3. Mais ainda, *com trechos isolados da Bíblia Sagrada podem provar-se as coisas mais absurdas*, como, por exemplo, a não-existência de Deus.

Suponhamos, para explicá-lo mais sensivelmente, que alguém se aproxima e nos propõe a seguinte tese: “Deus não existe; é o que diz a Bíblia no versículo 1, do Salmo 13”. Que havemos de responder?

Pois sim; já sabemos que, com trechos isolados da Bíblia Sagrada, como costumam fazer os propagandistas protestantes, pode provar-se qualquer absurdo. Esta é a primeira resposta a dar.

Em segundo lugar, será preciso procurar no Livro Sagrado a citação apresentada. Não crer nunca em textos que nos citem de cor; será preciso procurar vê-los em um exemplar da Bíblia Sagrada que seja, claro está, autêntica e católica. Enquanto não se fizer isso, toda discussão será, em geral, infrutuosa.

Em terceiro lugar, examinar o contexto da citação; facilmente se encontrará, então, o que responder ao opositor.

Vejamos, neste caso, o contexto da frase “Deus não existe”, que nos citaram; imediatamente aparece a solução, pois esta frase é posta pela Escritura na boca do néscio. Eis a passagem completa: “Diz o néscio em seu coração: Deus não existe” (Salmo 13, vers. 1). Por conseguinte, o homem sábio há de dizer “Deus existe”.

Em uma palavra, os textos da Bíblia Sagrada não são probatórios isoladamente, isto é, fora do contexto; menos ainda se forem separados do sentido geral da Revelação. Daí que, ao nos alegarem os protestantes um texto bíblico contrário (aparentemente, claro está) à doutrina católica, tenhamos que pensar que esse texto está mal apresentado ou mal entendido. Porque *mais vale todo o conjunto de textos da Bíblia Sagrada perfeitamente coordenados entre si, do que um só deles, de duvidosa interpretação*. É o que devemos levar muito em conta.

4. Por tôdas essas razões, o mais sensato que pode fazer um católico da massa, ou seja, sem maior conhecimento exegético das Sagradas Escrituras, com quem lhe apresentar determinada citação bíblica aparentemente contrária à sua fé, é repetir com simplicidade o que o célebre Catecismo do Padre Astete põe nos lábios do cristão em ocasião semelhante: “Não me pergunte isto a mim, que sou ignorante. A Santa Madre Igreja tem doutôres que poderão responder-lhe”. E ir logo consultar a um desses doutôres ou qualquer pessoa instruída na Religião para que lhe solucionem a dificuldade.

Isto seria humildade evangélica e sensatez humana.

Não é sem muita razão que os especialistas em Sagrada Escritura dedicam anos ao estudo desta parte da Teologia, provavelmente a mais árdua de tôdas.

Graças a êste proceder, a exegese dos Textos Sagrados é uma só e única em todo o mundo católico; única e concorde no essencial, porque a verdade não admite divisões contraditórias.

Pelo contrário, nossos irmãos protestantes, baseados no princípio errôneo do livre exame, sem possuírem uma norma externa infalível, caíram no *subjetivismo* e no individualismo que os levaram à pluralidade de “Confissões” ou seitas religiosas que hoje carcome o Protestantismo como tal.

O subjetivismo filosófico é um êrro dos mais perniciosos (eu, meu raciocínio, meus pontos de vista, *minha verdade*). E, em matéria religiosa, é diametralmente oposto à doutrina pregada por Cristo, que desejava despersonalizar a tal ponto a verdade que dizia de sua própria pregação: “Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou” (São João, cap. 14, vers. 24).

O livro de Hartmann Grisar S. J., intitulado “Martinho Lutero”, sumamente documentado e que nos proporcionou abundante material para esta obra, transcreve parte de *uma carta de Lutero, datada de 1525*, que diz assim, referindo-se ao subjetivismo religioso, filho da teoria novadora do livre exame: “Há tantas seitas e opiniões quantas cabeças. Êste nega o Batismo, aquê, os Sacramentos; o outro crê que há outro mundo entre o nosso e o

dia do Juízo. Outros dizem que Jesus Cristo não é Deus; outros dizem o que bem lhes parece. Não há pacóvio, nem imbecil que não considere inspiração do céu o que não é mais do que sonho ou imaginação sua" (1).

Não queremos dizer com isto que o subjetivismo religioso haja entrado no mundo com Lutero. Longe disto. Nasceu muito antes da Igreja Católica e morrerá quando morrer o último homem de espírito orgulhoso, que não possa aceitar uma norma de fé superior ao que lhe consiga mostrar sua inteligência.

Eis o que já escrevia, relativamente a este assunto, o Apóstolo São Pedro aos primeiros cristãos: "É o mesmo que ensina (São Paulo) em tôdas as suas Epístolas, nas quais há alguns pontos difíceis de entender, que homens indoutos e inconstantes pervertem, como o fazem, aliás, com as demais Escrituras, para sua própria perdição" (2 São Pedro, cap. 3, vers. 16).

e) A IGREJA ANTE A BÍBLIA SAGRADA.

A custódia zelosa que a Igreja tem sempre exercido sobre as Sagradas Escrituras é a melhor salvaguarda, humanamente falando, de tão precioso tesouro.

É simples calúnia dizer-se que a Igreja Católica menoscaba do Livro por excelência e proíbe sua leitura aos fiéis, como mostramos antes.

(1) Claro está que os protestantes de hoje não andam interpretando, cada qual por si, o Livro Sagrado; pelo menos, em seus pontos essenciais. Em geral, aceitam o parecer do "Pastor" que lhes distribui do púlpito a doutrina, o qual, por sua vez, se atém aos princípios gerais da "Confissão" de que é ministro.

De modo que não são freqüentes hoje entre as fileiras dos protestantes as interpretações particularistas. Mas, na realidade, todo protestante, para ser conseqüente com a doutrina do livre exame, deve estar capacitado para fazê-las.

De fato, os cabeças das diversas seitas se arrogam a faculdade de adotar sua própria atitude ante os numerosos trechos disputados da Bíblia Sagrada; a ponto de ser relativamente freqüente entre os ditos dirigentes a cisão religiosa, com a conseqüente criação de uma nova seita dissidente.

Devemos, pois saber distinguir entre o protestante de boa fé, que aceita o que sua tradição familiar ou regional lhe apresenta e o que seu "Pastor" lhe ensina, e o protestante de má fé, geralmente apóstata do catolicismo, que

A Igreja deseja, pelo contrário, que todo cristão leia a Bíblia Sagrada com a mesma reverência com que o fazia São Carlos Borromeu, santo exatamente do tempo da pseudo-reforma, que se ajoelhava cada vez que lia o Livro Sagrado para nutrir sua inteligência com este manancial, o mais antigo, de verdades transcendentais.

Ler, meditar, refletir sobre o Livro Sagrado. Deveríamos devorar, como fez o Profeta Ezequiel por mandado de Deus (Ez., cap. 3, vers. 1 a 3), a Sagrada Escritura para mais nos incorporar seu conteúdo.

Não esqueçamos que só há uma água que sacia e reflui na vida eterna; esta água é a palavra de Deus, prometida à Samaritana e a quantos andem sedentos neste mundo, em busca de perfeição. E a palavra de Deus se escuta, do modo mais eminente, na Bíblia Sagrada.

Erram, portanto, os que não nutrem sua alma com a leitura do Texto Sagrado ou que o lêem com espírito profano, com espírito curioso. Mas erram também os que superestimam, como se dizia no princípio desta Lição, e engrandecem acima de toda medida o âmbito das Sagradas Escrituras. Querendo levantar-lhes um pedestal, minam realmente sua base.

Qual seja a mente da Igreja a respeito do uso das Sagradas Escrituras, consta de documentos pontifícios imortais, como a encíclica "Providentissimus Deus" de Leão XIII, publicada em 1893 e a "Divino Afflante Spiritu", que Pio XII publicou em 1943 por ocasião do jubileu do documento anterior. São Pio X, fundador do Instituto Bíblico de Roma, fala em sua Carta Apostólica de 7 de maio de 1909 do espírito que há de animar o estudo da Bíblia Sagrada, relacionado-o sobretudo com as exigências e as preocupações da ciência moderna etc.

E, para encerrar esta Lição, transcreveremos algumas palavras de São Jerônimo, "preclaro amador da Bíblia Sagrada", como o chama Bento XV em sua encíclica "Spiritus Paraclitus", publicada em 1920, a qual se refere

adotou a nova religião probabilissimamente para legalizar uma situação moral insustentável no catolicismo ou bem anda mergulhado na doutrina protestante por puro espírito de novidade.

também à posição da Igreja ante as Sagradas Escrituras. Diz assim São Jerônimo: "Apascente-se nossa alma diàriamente com essa leitura divina. Leiamos com íntimo afeto os Livros Sagrados e meditemos dia e noite na Lei do Senhor para acertarmos, como peritos cambistas, a distinguir a moeda legítima da falsa... Estime tua filha os Códices divinos mais do que as pérolas e a sêda. Aprenda o Saltério e eduque-se nos Provérbios. Habitue-se, com a meditação do Eclesiastes, a menosprezar as vaidades mundanas. Imite os exemplos de fortaleza e paciência que lhe mostra o Livro de Jó... Lê a Bíblia amiúde e aprende com ela quanto puder. Surpreenda-te o sono com o Livro na mão e, ao cair-te de sono a cabeça, dê com a página sagrada".

QUESTIONÁRIO

A Bíblia Sagrada esteve sempre ao alcance de todo católico? Que razões aconselhavam para se proceder como antigamente? Em que se baseiam hoje os que põem o Livro Sagrado em tôdas as mãos?

a) Descreva-se em linhas gerais o que entendemos por uma Bíblia Sagrada. Que papel desempenhou o Espírito Santo para com os autores do Livro Sagrado? Fazer exercícios práticos de localizar na Bíblia Sagrada os trechos indicados pelo Professor.

b) Que se entende por "cânone" da Bíblia Sagrada e como se justifica sua necessidade? Que se entende por "Vulgata Latina"? O Concílio de Trento foi o primeiro a proclamar a autenticidade da Vulgata? Que razões o moveram a proclamá-la? Os novadores protestantes foram todos fiéis em suas traduções da Bíblia Sagrada?

c) Há uma só "Bíblia Católica"? Há uma só "Bíblia Protestante"? É lícito ao católico possuir e ler uma bíblia protestante? Quais os detalhes que mostram se uma Bíblia Sagrada foi editada por católicos ou por protestantes? Que pecado comete quem lê ou guarda algum livro que defenda a heresia?

d) Enumerem-se alguns dos "sentidos" que pode ter um texto bíblico e dê-se algum exemplo. Estamos todos aparelhados para achar o sentido justo? Que passagem bíblica pode aduzir-se para demonstrar que, com um texto isolado, pode provar-se um absurdo? Como há de conduzir-se o católico ante quem lhe alegar um texto bíblico como argumento contra a fé? Que tem maior valor probatório, todo o conjunto dos textos bíblicos cujo enlace forma a doutrina católica ou um

texto isolado de interpretação duvidosa? Se um fiel cristão achar-se diante de uma passagem bíblica que, na aparência, contradiz o credo católico e não souber como encontrar solução para o problema, que atitude, com palavras do Padre Astete, convém que tome? A que levou a prática do livre exame?

e) Com que espírito se há de ler, ou melhor, meditar, a Bíblia Sagrada?

QUARTA LIÇÃO

A TRADIÇÃO

"O que ouviste diante de muitas testemunhas, confia-o a homens fiéis capazes de ensinar a outros".

(2 Tim 2,2)

Não sentimos nenhuma dificuldade em admitir que a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana conserva no acervo de sua doutrina algumas verdades que, pela só leitura da Bíblia Sagrada, não consta terem sido ensinadas por Cristo; pelo menos, tal qual a Igreja as ensina hoje. Por exemplo, a doutrina sobre as Indulgências, o Purgatório, a Confissão auricular etc.

Noutras palavras, entre as verdades de fé que o bom cristão deve crer, há algumas que não figuram no Texto Sagrado, se bem que possam achar-se insinuadas em certas passagens do mesmo.

Diante dessa situação, o leitor pode formular uma dupla pergunta: qual é a fonte dessas verdades que podemos chamar, ainda que imprópriamente, de "extrabíblicas"? E é lícito à Igreja Católica professar uma crença que não se ache contida clara e abertamente nas Sagradas Escrituras?

À primeira pergunta, responderemos que a *sagrada Tradição* é a fonte dos dogmas e verdades de fé que não se encontram nas Sagradas Escrituras. E à segunda pergunta, responderemos que não só tem sido lícito à Igreja proceder assim, como isto lhe é, de todo ponto de vista, necessário.

Nossos irmãos protestantes, pelo contrário, não querem ouvir falar em Tradição. Negam-se a crer em toda doutrina que não conste clara e explicitamente da Bíblia Sagrada.

Não há dúvida de que a teoria protestante é mais simplista. Porém não é mais verdadeira; como se depreende, quando menos, dos seguintes fatos:

A. O cristianismo dos primeiros quinze séculos aceitou, sem nenhuma objeção, a Tradição como fonte primária da Revelação, isto é, como manancial de primeira ordem do qual brota o conhecimento de muitas verdades reveladas por Deus. Foi necessário chegarmos a uma época recente, ao século XVI, para que Lutero descobrisse, e o aceitassem depois dêle os protestantes, que essa veneranda Tradição é fonte de erros... Ora, isto significaria que, desde seus primeiros anos e durante quinze séculos, a Igreja de Cristo, aquela sua Espôsa imaculada, sem manchas nem rugas, a quem fôra prometida uma assistência diária até a consumação dos tempos, teria caído "no êrro, na idolatria, na prostituição das Sagradas Escrituras...", conforme o disse o novador. Até que ponto pode chegar a inteligência humana, quando a paixão a cega!

B. E se nos referirmos aos seguidores de Lutero? Eles também rechaçaram a Tradição divina e puseram seus olhos unicamente no texto da Bíblia Sagrada. Mais ainda, cada qual se arrogou o direito de interpretar as Sagradas Escrituras segundo sua própria inspiração, embora digam fazê-lo sob o "influxo" do Espírito Santo. A consequência imediata de sua apreciação particularista de quais sejam as verdades que constam do Texto Sagrado e de quais não constem, apreciação baseada no livre exame, como já ficou dito e na negação sistemática da Tradição, não podia deixar de ser o confucionismo religioso de que padecem ainda hoje.

Em êrro igual cairiam os juízes que só admitissem como fonte de suas decisões o Código do Direito Civil e rechaçassem a jurisprudência, os precedentes, as sentenças etc., que, anos trás anos, se foram urdindo em volta dos diversos artigos do Código, completando-os e atualizando-os. Passe a comparação, embora não seja inteiramente exata.

a) QUE SE ENTENDE POR TRADIÇÃO DIVINA.

Não serão muitos os leitores que saibam exatamente a que nos referimos quando falamos da Tradição.

A) Sem dúvida, alguns acreditarão, como crê a maioria dos protestantes, que aludimos, ao tratarmos da Tradição, àquelas narrações mais ou menos verídicas que se fazem a respeito de tal Santo ou de tal Santuário... Isto viria a ser tradição com "t" minúsculo, ou seja, o que se diz, o que se conta... Não tratamos disso.

Tão pouco devemos confundir a Tradição com o magistério eclesiástico. O magistério da Igreja, exercido pelo Episcopado Católico e pelo Sumo Pontífice (que se utiliza em determinadas ocasiões das Congregações Romanas, de que falaremos na lição seguinte), pressupõe as Sagradas Escrituras e a Tradição; cabe-lhe guardá-las, pregá-las e aplicá-las. Cabe ao magistério interpretar a Palavra de Deus escrita (Bíblia Sagrada) ou transmitida até nossos dias (Tradição).

B) Para melhor compreensão do que seja a Tradição, damos a seguir um conspecto da mensagem de Deus aos homens.

Deus falou, primeiro, aos homens por intermédio dos patriarcas, dos profetas e dos autores inspirados do Antigo Testamento. O Antigo Testamento é a primeira parte da Bíblia Sagrada, como já dissemos.

Em seguida, enviou seu Filho Unigênito para remir a humanidade e acrescentou à antiga doutrina escrita os livros novos dos diversos autores inspirados do Novo Testamento. O Novo Testamento é a segunda parte da Bíblia Sagrada, como já dissemos.

Ao conjunto de todos os escritos do Antigo e do Novo Testamento, dá-se o nome de Revelação escrita. Mas êsses escritos não contêm tudo que Deus ensinou aos homens, por meio de palavras e de fatos. Basta lembrar que o Antigo Testamento não conta todos os detalhes da vida do grande profeta Elias. Basta lembrar, sobretudo, as palavras com que São João encerra seu Evangelho: "Se se quisessem escrever (muitas outras coisas que Jesus fêz), creio que o

mundo inteiro não poderia conter o que se escreveria". Tudo que Deus ensinou e não ficou escrito nos livros do Antigo e do Novo Testamento está contido na sagrada Tradição, que se pode chamar de Revelação oral.

Como fiel depositário da Revelação, a que se acha escrita e a oral, Deus deixou a Igreja, à qual confiou o direito e a obrigação de interpretá-la infalivelmente (magistério eclesiástico), para que a Barca de Pedro tenha sempre à vista um farol seguro que a conduza ao pôrto. Assim sempre o entenderam nossos pais na fé, desde os primeiros anos do cristianismo.

C) Com o que precede, já podemos precisar um pouco mais o que seja a Tradição sagrada. Assim a descreveríamos: *o conjunto de verdade que os Apóstolos recolheram dos lábios do próprio Cristo ou que lhes inspirou o Espírito Santo e que eles transmitiram a seus discípulos, conjunto conservado até nossos dias sob a custódia da Igreja.*

b) A TRADIÇÃO DIVINA É FONTE DA REVELAÇÃO.

A) Depois de ter pregado durante três anos e pouco antes de subir, ressuscitado e glorioso, aos céus, Cristo Nosso Senhor entregou aos seus a missão de organizarem sua nova Igreja.

São Mateus consigna no capítulo 28, versículo 18 a 20, do seu Evangelho o mandato que lhes deu: "Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide e ensinai a todos os povos... as coisas que vos ordenei. E eu estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos".

Não resta dúvida de que, se tivesse querido fundamentar sua nova religião na palavra escrita, Jesus poderia ter ditado seus preceitos a algum de seus íntimos que, como São Mateus e São João, o acompanhavam constantemente nos dias de sua pregação; teria, então, podido dizer ao mundo: "Eis aqui minha Bíblia. Crede nela, praticai seus preceitos e vos salvareis". Ou poderia, pelo menos, ter-lhes dito ao partir: "Consignai por escrito quanto ouvistes de mim e seja esta a nova regra da fé".

Em lugar disso, enviou a *pregar*. A famosa "fides ex auditu", (a fé é recebida pelo ouvido) de São Paulo, na Epístola aos Romanos, capítulo 10, versículos 14 a 18, exige, para a salvação, que se tenha fé no que se ouve aos pregadores; e não, precisamente, no que se lê, no conteúdo de determinado livro (Veja-se Gálatas, cap. 3, vers. 2).

B) Do mesmo Apóstolo São Paulo, aduziremos agora um trecho da Segunda Epístola a Timóteo. No decorrer da mesma, o Santo dá a seu discípulo normas precisas sobre a maneira de exercer o apostolado.

Diz assim no capítulo 2, versículos 1 e 2, dessa carta: "Tu, pois, meu filho, toma bem cuidado, confiando na graça de Cristo Jesus. O que ouviste de mim diante de muitas testemunhas, transmite-o a homens fiéis, capazes de ensinar a outros".

Façamos um pouco de exegese sobre esse texto.

"Confia na graça de Deus": eis aqui o dote principal de todo apologista católico e que nunca se há de olvidar nos trabalhos do apostolado. "O que ouviste de mim diante de muitas testemunhas", ou seja, minha pregação oficial e não precisamente minhas palavras particulares. "Transmite-o a homens fiéis, capazes de ensinar a outros": faz apostolado da palavra, ensina a Revelação oral que recebeste de mim; que outros a aprendam para que também eles a ensinem aos demais.

Se a única fonte da verdade revelada fôsse a Sagrada Escritura, São Paulo teria dito: "Toma nota de quanto escrevi eu e de quanto escreveram os diversos pregadores que conviveram com Jesus; junta tudo isso às antigas Escrituras e seja esta a lei dos que desejam abraçar a religião de Cristo..." Máxime quando, ao escrever esses conselhos, perto de sua morte, a maior parte do Novo Testamento já se achava escrita. Outro texto paulino: "Mantende-vos, irmãos, firmes e guardai os ensinamentos que recebestes seja de palavra, seja por nossa carta" (2 Tessalonicenses, capítulo 2, versículo 15).

Teria, então, São Paulo baseado a fé dos novos cristãos na aceitação dos escritores sagrados? De modo nenhum. Pelo contrário, só em uma passagem de suas obras,

precisamente na Epístola a Timóteo que citamos há pouco, propõe explicitamente a Sagrada Escritura como norma de fé e, ainda aí, a indica como “útil”, não como necessária. Eis o trecho: “Tôda a Escritura é divinamente inspirada e útil para ensinar, repreender, corrigir, para educar na justiça” (2 Tim, cap. 3, vers. 16). De modo algum a propõe como fonte única da verdade revelada (1).

C) Argumento tirado do procedimento dos Apóstolos:

Os Apóstolos ouviram a Jesus; não somente escutaram dêle a doutrina que logo se consignou no Evangelho, mas muitas outras coisas que não figuram no Livro Sagrado (São João, cap. 21, vers. 25; 2 Ep. de São João, cap. único, vers. 12), como tudo aquilo que lhes ensinou nos quarenta dias que passou com êles depois da Ressurreição e foram sem dúvida os detalhes da constituição de sua nova Igreja (Atos dos Apóstolos, cap. 1, vers. 3).

Por outra parte, Jesus havia prometido aos seus enviar-lhes o Espírito Santo para que completasse sua instrução, como pode ver-se no capítulo 14, versículo 26, do Evangelho segundo São João. Concedamos aos protestantes que o Espírito Santo não lhes tenha ensinado muito, mas algo terá, pelo menos, ensinado...

Concordem conosco, pois, os protestantes em que tanto Jesus ressuscitado, como o Espírito Santo tiveram que ensinar aos Apóstolos *algo de novo*, ainda que fôsse muito pouco. É o que dizem os textos. Esse “algo” pode ter versado, por exemplo, sobre o uso dos Sacramentos da Confissão, da Eucaristia, da Extrema Unção etc., mas algo teve que ser. E, como foi ensinamento divino, devemos aceitá-lo, mesmo que não conste por escrito na Bíblia Sagrada, mas tenha chegado até nós por intermédio da Tradição divina.

Por tôdas essas razões, quando São Marcos quer resumir no fim de seu Evangelho a conduta que seguiram os Apóstolos, diz assim: “O Senhor Jesus, depois de lhes

(1) Recomendamos a leitura de tôda a Segunda Epístola de São Paulo a Timóteo bispo consagrado por São Paulo e apóstolo, como êle, da Palavra de Deus. É brevíssima e constitui, por assim dizer, o “Manual do Apologista Católico”.

ter falado, subiu aos céus e está sentado à destra de Deus. Êles saíram a pregar por tôdas as partes, cooperando com êles o Senhor e confirmando suas *palavras* com milagres” (São Marcos, cap. 16, vers. 19 e 20).

A respeito de escritos dos Apóstolos, pouco ou nada diz.

Mais ainda. Dos quinze Apóstolos, contando entre êles a São Lucas, São Marcos, São Paulo e São Matias, somente sete escreveram. Alguns dos que escreveram fizeram-no brevissimamente. E nenhum dêles tencionou redigir um corpo completo de doutrina; cada qual foi escrevendo conforme as circunstâncias iam aconselhando e com uma finalidade particular.

Veja mais o leitor: a Tradição tem tamanho valor como Palavra de Deus que mais de sessenta por cento do material que compõe o Novo Testamento foi escrito por pessoas que não conheceram pessoalmente a Cristo, nem escutaram de seus lábios a Boa Nova, mas adquiriram seus conhecimentos sobre o Mestre escutando as tradições populares, ouvindo o que se dizia dêle e a Igreja aceitava oficialmente (sem querermos com isto negar a possibilidade de contribuírem também com verdades conhecidas unicamente por inspiração direta do Espírito Santo). Portanto, antes de ser escrito o Novo Testamento, já a Tradição sagrada cumpria sua missão.

A que vem, portanto, o espanto de Lutero e demais protestantes, e sua recriminação por ver a Igreja conservar e professar verdades transmitidas pela Tradição? O próprio São Paulo, que não conheceu a Jesus durante sua vida mortal, não fez o mesmo? O Evangelista São Lucas não confessa abertamente no princípio de seu Evangelho ter escrito a história de Cristo “sicut *tradiderunt* nobis qui ab initio ipsi viderunt — conforme no-la *transmitiram* (traditio, transmissão de idéias) os que desde o princípio foram testemunhas oculares suas” (1)?

(1) O Evangelho segundo São Lucas começa assim: “Visto que muitos já empreenderam escrever a história do sucedido entre nós, conforme no-lo transmitiram os que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e ministros da Palavra, pareceu-me bem também a mim, depois de informar-me exatamente de tudo desde suas origens, escrever-te, nobre Teófilo, para que

Vejamos o caso do Evangelista São Marcos: 1) não foi discípulo de Jesus; 2) segundo uma tradição que começa com Papias e é confirmada pela crítica histórica, escreveu efetivamente o Evangelho que se lhe atribui; 3) acompanhou São Paulo em diversas oportunidades, porém permaneceu geralmente junto a São Pedro em Roma, onde, segundo parece, escreveu seu Evangelho, compilando as diversas passagens da vida de Jesus que havia ouvido narrar aos *pregadores* da nova religião...

Fica, pois, mais que suficientemente provado que a Tradição sagrada servia, já desde os tempos apostólicos, como fonte da Revelação. Isto significa que os primeiros cristãos fundamentaram sua fé não somente nas verdades que lhes proporcionavam as Sagradas Escrituras, mas também naquelas outras verdades que lhes eram transmitidas oralmente.

Mais ainda, afirmamos que:

c) A TRADIÇÃO SAGRADA É FONTE PRIMÁRIA DA REVELAÇÃO.

É fonte primária em vários sentidos, como seguem:

A) Primária na ordem lógica, na ordem das idéias. Quer dizer que, para se saber quais os livros da Bíblia Sagrada que são autênticos e qual o uso que o cristão deve fazer dos mesmos, se deve recorrer à Tradição divina.

B) Primária na ordem cronológica, ou seja, na ordem do tempo. Já existia um corpo de doutrina cristã conhecido mediante a Tradição e já tinham morrido por êle muitos mártires, defendendo sua fé, antes de ser escrito por São João o último dos livros que compõem a Bíblia Sagrada.

C) Primária na extensão da doutrina. A Tradição divina abraça não somente tôdas as verdades contidas de maneira clara nas Sagradas Escrituras, como também professa algumas verdades que são apenas insinuadas pelo Texto Sagrado e, por fim, aquelas outras verdades que, sem estarem nem sequer insinuadas no Texto Sagrado, fo-

conheças a solidez da doutrina que recebeste" — Evangelho segundo São Lucas, capítulo 1, versículos 1 a 4.

ram professadas desde os albores da era cristã, como, por exemplo, a Assunção de Maria Santíssima em corpo e alma aos céus.

Queremos com isto menoscabar da autoridade das Sagradas Escrituras? De modo nenhum. O que desejamos é, apenas, pôr as coisas em seu devido lugar.

O Livro Sagrado encerra, sem dúvida alguma, um tesouro inestimável de espiritualidade, que é, de todo ponto de vista, necessário aproveitar. E nos referimos não só aos quatro Santos Evangelhos ou ao Novo Testamento, mas também ao Antigo. Porém, quem quiser beneficiar-se com êsse tesouro de espiritualidade tem, sob todos os pontos de vista, necessidade de um guia experimentado, cujo ensino se baseie principalmente na interpretação que os órgãos da Tradição, que são o Papa e os Bispos, deram desde os primeiros séculos às diversas passagens da Bíblia Sagrada. Se se recusar êste complemento indispensável que é a Tradição, o erro sobrevirá inexoravelmente.

Por último, a Revelação foi feita gradualmente; somente depois de conhecer o conjunto do revelado, pode chegar-se a entender, apreciar em seu justo valor e saborear cada uma de suas partes. Sem preparação e sem a direção do Comentarista e do Magistério, corremos o risco de entender "não o que Deus quis dizer, mas o que crê compreender nossa ignorância", como dizia Santo Agostinho.

d) DIALOGANDO.

Como esta obra aspira ser um livro de texto, perdoe-se-nos a insistência nos mesmos conceitos.

1. Um bom protestante se apresenta diante do leitor e afirma, tomemos por exemplo, que não se deve crer na Assunção da Santíssima Virgem em corpo e alma aos céus porque êsse fato não se acha consignado em nenhuma parte da Bíblia Sagrada. No máximo, diz o protestante, poderia ser admitido como uma verdade histórica; porém não como uma verdade de fé.

Que atitude tomará o leitor?

A) Recordemos o que foi dito na 1ª Lição. A discussão é pública, isto é, num estrado, diante de ouvintes etc.? O leitor não a aceitará.

É privada e, por outra parte, inevitável ou muito conveniente? Poderá aceitá-la, não esquecendo os dotes que se exigem do bom apologista.

Arme-se logo com uma Bíblia Sagrada aprovada pela Igreja. Para contestar esta objeção, não seria necessária; mas, como existe o péssimo costume, filho da falta de lógica, de ir saltando de um assunto para o outro, é bom estar preparado. Aproveito para dizer-lhe que não passe nunca a pontos novos de polémica sem ter solucionado os anteriores. Pois a clássica discussão com os protestantes começa por qualquer tópico, recorre todos os demais e termina infalivelmente com o tema do celibato sacerdotal... E, o que é pior, não se obtém nenhum proveito com êsse tipo de discussão.

Bem, o leitor está preparado, suponhamos e escuta a objeção: a Assunção da Santíssima Virgem em corpo e alma aos céus, definida como dogma de fé pelo Santo Padre Pio XII em 1950, não pode ser aceita por não constar na Bíblia Sagrada. Em todo caso, poderia ser admitida como um fato histórico, não como dogma de fé.

B) A isto o leitor responde: não é requisito indispensável para crermos nas verdades de fé e nos dogmas que os mesmos se achem consignados no Texto Sagrado.

O fato da Assunção de Maria Santíssima foi tido como certo por tôda a antiguidade cristã, que é testemunha da Tradição. Santo Epifânio já se refere em seus escritos à Assunção da Santíssima Virgem. Desde então e até agora, sempre foi aceito como verdade inquestionável pela Tradição, patente nos Concílios, nos decretos dos Papas, no ensino dos Doutôres da Igreja e na devoção popular. E não sòmente no campo católico, mas também no dos heterodoxos orientais.

Pois bem, aquilo que o senhor protestante admite, no máximo, como *verdade histórica*, a Igreja tem crido, no decorrer dos tempos, como *verdade de fé*. E, por fim, esta verdade de fé acêrca da qual não cabe a menor dúvida

foi recentemente elevada à categoria de *dogma de fé*. Quer dizer que foi elevada à categoria de verdade definida solenemente como tal, de modo que o cristão que negasse hoje o fato da Assunção de Maria Santíssima seria considerado como formal e solenemente herético.

O Magistério eclesiástico, a que Cristo deu atribuição para atar e desatar, ensinar e pregar, tem pleno poder para tomar tais resoluções...

2. Fala então o protestante: deixemos de lado essa Tradição sôbre a Santíssima Virgem, realmente bem fundada e, portanto, venerável. Porém não se pode negar que o catolicismo está cheio de tradições extravagantes, umas mais infundadas do que as outras, sôbre Santos, milagres etc.

A) E o leitor responderá: não nos referimos a êsse tipo de tradições populares, só até certo ponto conformes com a verdade. Mais ainda, não tenho nenhuma dificuldade em admitir que muitas das tradições populares sôbre coisas de religião são meras lendas, sem fundamento histórico, que nos farão muito bem no dia em que desaparecerem.

Porém uma coisa são essas tradições populares, regionais, particularistas, de longevidade relativa e outra coisa é a Tradição divina que, por definição, deve partir dos tempos apostólicos, deve ter-se conservado na Igreja no decorrer dos séculos e deve ter sido aceita pelo Magistério eclesiástico como verdade tradicionalmente crida.

A respeito daquele tipo de tradições de aldeia, que o protestante rechaça com razão, não se deve esquecer que uma coisa é a Igreja e outra coisa é o povo cristão de dada região, como *uma coisa é a Igreja e outra coisa é um eclesiástico*.

Ademais, não é certo que o povo cristão esteja cheio de tais crenças; muito longe disso.

De outro lado, ninguém pode negar que o povo protestante da Alemanha, Suécia, Noruega etc..., conserva também tradições religiosas extravagantes, sem que por isso possa dizer-se que sua religião oficial as aprova.

B) Além disso, todos os protestantes do mundo se

vêm obrigados a aceitar a Tradição ao menos nestes dois pontos, para dar somente dois exemplos: quanto ao estabelecimento do cânone da Bíblia Sagrada e quanto à prática do descanso dominical.

Em que parte da Bíblia se estabelece o cânone da mesma ou, pelo menos, se enumeram os Livros Sagrados? Em nenhuma; foram as diversas Confissões protestantes que, baseadas na crítica histórica, *aceitaram o Texto Sagrado que a Tradição lhes apresenta.*

E em que parte das Sagradas Escrituras se diz que é preciso santificar o domingo? Em nenhuma; pelo contrário, o Êxodo, capítulo 20, versículos 8 a 11, diz: “*Recorda-te do dia de sábado para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás tuas obras, mas o sétimo dia é dia de descanso, consagrado a Javé, teu Deus*”. Ademais, em nenhuma parte do Evangelho se encontra o mandato de Jesus: “*Santifica o domingo em lugar do sábado...*” Por isto, o santificar o dia de domingo é outro costume que aceitaram e mantiveram os protestantes, *baseados também só na Tradição* que substituiu o sábado judaico da Antiga Lei pelo domingo cristão da Nova Lei.

De modo que, se os protestantes quisessem ser consequentes e rechaçar de plano a Tradição, deveriam santificar o sábado e não o domingo. Coisa que nenhum deles faz, salvo os aderentes a seita de menor importância.

3. Pois é assim, senhor protestante.

Se Deus tivesse querido que as Sagradas Escrituras fôsem a única regra de fé, tê-lo-ia dito mais claramente; já que, pelo modo de falar de seu Divino Filho Jesus e pelo modo de proceder dos Apóstolos, dos primeiros cristãos e, depois, de todos os que têm professado, no correr dos séculos, o cristianismo, se deduz que *a religião verdadeira é aquela que praticaram os Apóstolos e seus legítimos sucessores no governo da Igreja.*

Se sua teoria antitradicionalista, senhor protestante, fôsse verdadeira, teríamos que admitir que a Igreja de Cristo se manteve no erro durante longos quinze séculos, até que a um tal senhor Martinho Lutero, no século XVI, tivesse ocorrido alçar-se em defesa da verdade.

Poderia Cristo ter permitido que, durante tantos anos, a Verdadeira Igreja ficasse sem fiéis? Não haveria sequer um povo que mantivesse a chama da verdadeira fé, sem mescla de “Tradições perniciosas”?

Não é possível.

Ninguém estranhe, portanto, que Lutero em seus momentos de sinceridade exclamasse: “Tremo sempre que me pergunto se eu só sou o sábio e se o mundo não percebeu até agora o erro. Como imaginar que Deus onipotente tenha abandonado sua Igreja a tal ponto que a deixasse sucumbir no erro?” (Grisar, “Martinho Lutero”, capítulo 17).

QUESTIONÁRIO

Professa a Igreja Católica alguma verdade de fé que não se ache contida abertamente nas Sagradas Escrituras? Até a revolução de Lutero e durante os quinze primeiros séculos, que atitude adotou a Igreja com a Tradição?

a) Que diferença há entre tradição e Tradição divina? Quantos tipos de Revelação existem? Há algum intérprete oficial da Revelação? Como se poderia definir a Tradição sagrada?

b) Argumento A) que meio Cristo propôs ao mundo para tomar conhecimento de sua doutrina da salvação? Argumento B) com que trecho das Epístolas de São Paulo se prova a legitimidade da Tradição? Faça-se a exegese desse trecho. Argumento C) quantos dos Apóstolos consignaram por escrito suas doutrinas? Quantos dos que escreveram no Novo Testamento ouviram dos lábios de Jesus a doutrina que expuseram? Que confessa o Evangelho de São Marcos a esse respeito? Algum dos escritores sagrados fez ou pretendeu fazer um corpo completo de doutrina, como que prevendo que seus escritos iam ser a mais segura norma de fé? Qual foi, em caso contrário, seu proceder?

c) Que queremos dizer quando afirmamos que a Tradição divina é fonte primária da Revelação na ordem lógica, cronológica e pela extensão da doutrina que contém? Menoscabamos com isso da autoridade das Sagradas Escrituras?

d) Suponhamos que se faça ao leitor a seguinte objeção: o fato da Assunção não figura na Bíblia Sagrada. Logo, não deve ser aceito; pelo menos, como dogma de fé. Que deve o leitor ter em conta antes de aceitar essa discussão com um protestante? Suponho que a aceite, como deve responder? Que acrescenta a definição dogmática a uma verdade de fé? Como se classifica ao cristão que nega um dogma?

Aceita a Igreja certas tradições populares? Que frase terá o leitor nos lábios quando se tornar evidente o procedimento menos louvável de algum eclesiástico? As tradições de aldeia são patrimônio exclusivo de certas regiões católicas? Que tipo de tradições se vêem obrigados a aceitar, no mínimo, os protestantes? Lutero estava tranqüilo a respeito de sua atitude para com a Igreja tradicional?

QUINTA LIÇÃO

O MAGISTÉRIO

*"Ide e ensinai a todos os povos...
Eu estarei convosco todos os dias,
até a consumação dos séculos".*

(Mt 28,18-20)

Em lições anteriores, temos falado da Bíblia Sagrada e da Tradição divina, fontes de que brota o conjunto daquelas verdades religiosas, que são as únicas capazes de saciar a sede do entendimento humano.

Trataremos agora do organismo regulador de ambas as fontes da Revelação, ou seja, do organismo competente e infalível que seleciona, canaliza, purifica e apresenta ao mais proveitoso uso do povo fiel o caudal de verdades reveladas que Deus se dignou misericordiosamente comunicar-nos. Verdades reveladas que, em seu conjunto, não são outra coisa senão nossa Santa Religião.

Sem êste organismo providencial que é o magistério eclesiástico, correríamos o risco de interpretar mal e mesmo de adulterar a Palavra de Deus. Por isso, Cristo Nosso Senhor o criou em nosso benefício e lhe prometeu assistência até o fim dos séculos.

Não são estas, certamente, meras afirmações poéticas. A doutrina revelada, o depósito da fé, tem no Episcopado e no Sumo Pontífice seus defensores natos. O Papa e os Bispos, por expresse mandato do fundador do reino, Cristo Jesus e não por mera vontade dos homens, são os guardas oficiais da fé católica contra as vicissitudes dos tempos. Como veremos nas linhas que se seguem.

a) **MAGISTÉRIO AUTÊNTICO, INFALÍVEL E PERENE.**

A Hierarquia de nossa Mãe a Igreja quando, como mestra universal, se senta em sua cátedra, em face de seus filhos de todos os tempos, está dotada dessas três qualidades: autenticidade, infalibilidade e perenidade.

1. Era necessário que fôsse assim. Devíamos os cristãos ter um magistério autêntico, isto é, legítimo, capacitado para ensinar tudo que se refere à fé e aos costumes, e fazê-lo com verdadeira autoridade recebida do alto.

A não ser Deus, ninguém pode conferir a missão de ensinar sobre essas matérias; não podem conferi-la os homens, *nem o Estado como tal.*

É isto pela simples razão de que o regime das relações entre o homem e seu Deus foi regulado por Deus Nosso Senhor e somente êle tem poder para delegar autoridade aos que, entre os homens, devam ser porta-vozes de sua divina vontade.

Agora bem, quem foi delegado por Deus para ensinar? Afirmamos que êsse magistério foi confiado aos Apóstolos e a seus sucessores na missão de governar a Igreja.

Cristo Jesus, o Filho de Deus, exerceu êle próprio êsse magistério durante sua vida mortal. Porém, como não havia de viver perenemente entre os homens e como, por outra parte, os homens necessitavam para não errar de um magistério em matéria religiosa, Cristo delegou sua faculdade a seus íntimos amigos, os Apóstolos.

Elegeu-os um a um carinhosamente (Lc 6,12-16), deu-lhes a missão de acompanhá-lo e de pregar (Mc 3,14), ensinou-lhes particularmente uma porção de detalhes acêrca do funcionamento do reino da salvação (Mt 10,1-42;18,1-35 etc.) e, por fim, pouco antes de subir resuscitado aos céus, lhes conferiu sua missão de mestre, como nos narra São João no capítulo 20, versículo 21 de seu Evangelho com estas palavras: "Disse-lhes Jesus outra vez: A paz seja convosco. Como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós". Quer dizer: tôdas aquelas faculdades que meu Pai me deu a mim, eu as entrego a vós, meus Apóstolos, escolhidos entre milhões de homens e

como meu poder principal é o de ensinar os caminhos da salvação, eis que ficais dotados da mesma faculdade, o poder do magistério. Eu vos envio, pois, como meu Pai me enviou. "Quem vos receber a mim recebe, e quem me recebe, recebe ao que me enviou", são palavras de Jesus, que nos transmite São Mateus no capítulo 10, versículo 40 de seu Evangelho.

2. Estas afirmações de Cristo, tão claras e terminantes, supõem além disso que o magistério para o qual eram enviados os Apóstolos havia de ser *infalível*.

Se seu magistério não fôsse infalível, poderiam êles, humanamente falando, cair no êrro e ensiná-lo aos demais. Coisa diametralmente oposta aos desígnios divinos.

Portanto, não cabe a menor dúvida de que o poder de ensinar dado por Jesus, logo exercido pelos Apóstolos em sua pregação, era não somente autêntico, isto é, desempenhado legalmente, como também infalível; tão infalível quanto o magistério exercido por Cristo, a infalibilidade em pessoa.

3. Por último, êsse magistério autêntico e infalível devia ser necessariamente também perene, ou seja, devia durar enquanto durasse a Igreja. E isto pela simples razão de que a Igreja sempre precisará dêle.

Assim o quis Cristo. Poderia, é verdade, ter procedido de modo muito diverso. Poderia ter pôsto em mãos de seus fiéis um Código perfeito de religião, dotando cada um dêles de uma assistência especial para interpretá-lo...

Mas o caso é que não procedeu de tal modo. Mandou, ao contrário, alguns poucos pregarem e aos demais mandou que obedecessem. E, por todo Código, inspirou a alguns dos seus que escrevessem uns resumos não muito minuciosos de sua vida e de seus ensinamentos, os quatro Evangelhos; além de outros escritos que distam muito de ser um corpo sistemático de doutrina, como já explicamos.

Por que procedeu assim o Mestre, Cristo Jesus e não se conformou com as futuras idéias de Lutero e seus discípulos?

Nem seria necessário responder. Contudo, lembremos que Deus move as criaturas de acôrdo com a natureza que

Ines deu; que Deus se serve das causas segundas sempre que não é absolutamente indispensável sua intervenção imediata. Ora, assim como o homem depende dos pais para nascer, também depende deles para ser educado e instruído; é da natureza humana que os homens sejam gerados. Temos nossos Pais na fé, somos gerados para a vida da fé...

4. Compreendido o que precede, vamos aduzir agora um argumento geral para confirmar nossa tese de que o magistério da Igreja é autêntico, infalível e perene. Trata-se de um texto que já temos utilizado como Argumento A) da seção b) da lição anterior.

O leitor já deve sabê-lo de cor. Trata-se de São Mateus capítulo 28, versículos 18 a 20: "Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide e pregai a todos os povos... o que vos ordenei. Eis que estarei convosco todos os dias, até a consumação dos séculos".

Fazíamos notar na lição anterior o modo por que se exerceu o magistério, ou seja, a pregação (ide e ensinai), que deu nascimento, em seguida, à Tradição.

Agora acrescentamos, repetindo o mesmo texto de São Mateus, que esse magistério, por mandato de Cristo, é autêntico, visto provir do próprio fundador da Igreja; infalível, visto o Senhor se ter comprometido a "estar com eles todos os dias", preservando-os do erro; perene, visto que deve durar "até a consumação dos séculos", enquanto haja homens na terra, capazes de equivocar-se.

b) ANTES DE PASSAR ADIANTE.

Como pode ver o leitor, propomo-nos provar a tese do magistério utilizando textos bíblicos. Agora bem; quando falamos do cânone da Bíblia Sagrada, dissemos que a Igreja, com sua autoridade derivada do magistério, é a encarregada de estabelecer a autenticidade das Sagradas Escrituras. E agora, ao nos propormos provar a autenticidade do magistério eclesiástico, recorreremos, como a fonte de provas, a essa Bíblia Sagrada aprovada pela Igreja. Dêsse

modo, caímos em um *aparente* círculo vicioso: provando a Bíblia com o magistério e o magistério com a Bíblia.

Como sair desse círculo vicioso: Bíblia-Magistério, Magistério-Bíblia? Juntando-lhe um terceiro termo, ao qual já nos referimos largamente, a saber, a Tradição.

Valendo-nos da Tradição como conexão, deixaremos perfeitamente provada a autenticidade tanto da Bíblia quanto do Magistério eclesiástico.

1. Mediante a crítica histórica, estabelece-se indubitavelmente que os quatro Evangelhos *pertencem aos quatro Evangelistas que aparecem como autores*.

2. Os Evangelistas, ao narrar a vida de Jesus, dizem a verdade. Não exageram. Estão a tal ponto certos do que afirmam, que não vacilam em padecer o martírio, se necessário, em defesa da verdade que afirmam. Outro tanto, os Apóstolos em geral, e muitos dos primeiros cristãos.

3. Narrando os fatos históricos referentes a Jesus, os Evangelistas consignam alguns *milagres que não podem ser realizados senão por um Deus* (v. g., as ressurreições dos mortos).

4. Portanto, *Jesus Cristo é Deus*, já que realizou obras de Deus. Ele mesmo afirmou de si, que era Deus.

5. Jesus *aceita como autênticos todos os livros das Sagradas Escrituras*; aceita-os a todos, sem excluir nenhum.

6. Portanto, os Livros Sagrados são autênticos. Pois bem; valendo-nos desses Livros Sagrados provamos que Jesus *conferiu a um grupo de pessoas a faculdade de ensinar na Igreja*. Esse grupo exerce o que se chama "Magistério eclesiástico".

7. Valendo-se da autoridade que Cristo lhe conferiu, o *Magistério declara* que alguns livros (do Antigo e do Novo Testamento) pertencem à Bíblia Sagrada e outros não. Ou seja: estabelece o cânon da Bíblia Sagrada.

Eis aqui, pois, como por intermédio da Tradição podemos chegar — mediante um raciocínio simples — a estabelecer a legitimidade da Bíblia Sagrada e do Magistério eclesiástico.

c) O EPISCOPADO.

Voltando ao poder do magistério que, segundo São Mateus, capítulo 28, versículos 18 a 20, Jesus havia conferido à sua Igreja, perguntamos: teriam os Apóstolos recebido exclusivamente para si mesmos a faculdade de ensinar? Ou seja, receberam essa missão como pessoas particulares ou como cabeças da Igreja de Cristo, que se começava a organizar sobre a terra?

1. A resposta é muito simples. Recordem-se as palavras de Jesus, há pouco citadas: “Estarei convosco até a consumação dos séculos”; às quais se podem juntar as que são citadas pelos Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículo 8: “Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Samaria e até os extremos da terra”.

Se o vocábulo “vós” se referisse exclusivamente às pessoas e não aos cargos de Chefes da nova Igreja, os Apóstolos deveriam viver até o fim do mundo e pregar nos extremos limites da terra; nada disso aconteceu. Portanto, Jesus Cristo se dirigia a eles e lhes prometia assistência não referindo-se exclusivamente a suas pessoas, mas principalmente a seus cargos, os quais teriam de durar até o fim dos séculos.

2. *Outro passo mais.* Quem haveria de ocupar, por conseguinte, o cargo de Apóstolos e, com isto, receber o poder do magistério autêntico, infalível e perene? Responde-se: os Bispos. Em primeiro lugar, o Bispo de Roma, que recebe o nome de Pontífice Romano, Sumo Pontífice, Santo Padre etc., mas que é, fundamentalmente, o Bispo de Roma.

Bispo (do grego: epi-skeptomai, olhar sobre) significa algo assim como inspetor ou prefeito. Episcopado é o conjunto dos Bispos, dos prefeitos do campo eclesiástico.

A. Eis aqui as palavras que São Lucas põe na boca de São Paulo, segundo o capítulo 20, versículos 28 e seguintes dos Atos dos Apóstolos: “Olhai por vós outros e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos a fim de apascentar a Igreja de Deus, que ele adquiriu com seu sangue. Já sei que, depois de minha partida, virão

a vós lobos vorazes... e que de entre vós se levantarão homens que ensinarão doutrinas perversas... Vigiai, pois”.

Poderia haver afirmação mais clara da missão divina dos Bispos, que o próprio Espírito Santo pôs para apascentar a Igreja de Deus, para defendê-la contra as doutrinas perversas dos lobos desejosos de fazer estragos no rebanho de Cristo?

B. Ouçamos novamente a São Paulo, desta vez em carta a seu discípulo Tito, que deixara encarregado da Igreja de Creta para regê-la como bispo. Estes são seus conselhos: “É preciso que o bispo seja sem culpas, como administrador de Deus; não soberbo, nem iracundo... porém modesto, justo... conforme com a doutrina, de sorte que possa exortar com doutrina santa e repreender aos contradizentes” (Tt 1,7-9).

C. Por último: estas faculdades e obrigações não pertenciam exclusivamente aos Apóstolos, nem àquelas em que os Apóstolos impuseram as mãos, ordenando-os bispos. Junto com o poder de governar a Igreja, transmitiu-se-lhes o poder de ordenar a outros que a governassem, os quais, por sua vez, ordenariam sucessores “até a consumação dos séculos”. É o que se vê claramente na Primeira Epístola a Timóteo, nos versículos 19 a 22 do capítulo 5: “Contra um presbítero não recebeis acusação nenhuma que não esteja apoiada por duas ou três testemunhas. Aos que cometerem faltas, corrigi-os... Não sejais precipitados em impor as mãos (ordenar) a ninguém, para que não venhais a participar dos pecados alheios”.

Pode recordar-se também o texto da Segunda Ep. a Tim., cap. 2, vers. 1 e 2, citado como argumento B da seção b) na lição anterior.

3. Resumindo: desde o princípio os Apóstolos consagraram Bispos com o direito e a obrigação de defender a Igreja contra as teorias errôneas. Esta faculdade de defender a santa doutrina e de repreender aos contradizentes não é outra coisa senão o magistério eclesiástico.

Os Bispos ordenados pelos Apóstolos, pelo que foi dito, consagraram por sua vez a outros Bispos e assim sucessivamente até nossos dias, fazendo com que o Episcopado que

hoje rege a Igreja Católica, Apostólica, Romana, seja, por uma cadeia ininterrupta de ordenações, herdeiro direto dos Apóstolos e, por conseguinte, do próprio Cristo.

Portanto, a consequência é que, se nossos Bispos são realmente herdeiros, devem possuir o mesmo poder de ensinar na Igreja, de exercer um magistério tão autêntico, infalível e perene como o dos Apóstolos, que era, por seu turno, como o de Cristo.

d) O PAPADO.

De modo que possuímos um Episcopado que é herdeiro direto dos Apóstolos, com o poder e a obrigação de exercer um magistério infalível.

Pergunta-se: todo Bispo é infalível?

Respondemos: Não. O Episcopado, isto é, todos os Bispos reunidos e todos concordes, êsse é que é infalível.

Não há nenhuma exceção?

Sim, há. Há para o Bispo de Roma, o Papa. "Com esta igreja (de Roma) é necessário que concordem tôdas as demais igrejas e isto *propter potiore principalitatem* (por ela possuir um alto principado), por ter conservado em si incólume a tradição apostólica". Era isto o que já escrevia no século II de nossa era Santo Irineu em sua Carta contra os Herejes, livro 3, capítulo 3. E acrescentava algo de muito significativo: Quando quisermos confundir aos herejes, não precisamos mais do que comparar sua doutrina com a da Igreja fundada e constituída por Pedro e Paulo, ou seja, a Igreja de Roma. De modo que, ao se lhes demonstrar que não concordam com a Igreja de Roma, fica demonstrado que estão no êrro.

Que poderiam responder a isto os protestantes? As palavras de Santo Irineu, escritas nos albores da Igreja e aceitas através dos séculos até o aparecimento de Lutero, longe de representarem uma posição exagerada do Santo Mártir, são a afirmação de uma verdade de ontem, de hoje e de todos os tempos.

Porém, vamos às provas tiradas da Bíblia Sagrada, já

que nos propusemos argumentar com o mesmo tipo de argumentos que os protestantes utilizam.

Nossa argumentação constará de duas partes; na primeira, veremos que São Pedro recebeu o supremo poder na Igreja de Cristo e, na segunda, que êsse poder passou a seus sucessores, que o têm exercido até nossos dias.

1. Passamos a transcrever três passagens bíblicas diferentes, de três Evangelistas distintos, tôdas três relativas a São Pedro e nas quais o Mestre lhe confere com palavras insofismáveis o Supremo Poder tanto sôbre a Igreja tomada em seu conjunto, como sôbre todos e cada um de seus membros.

A) No capítulo 16, versículos 16 a 19 de seu Evangelho, São Mateus diz o seguinte: "*Tomando a palavra, Pedro disse: Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo. E Jesus, respondendo, disse: Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne, nem o sangue que te revelaram isso, mas meu Pai, que está nos céus. E eu te digo a ti que tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do reino dos céus e quanto ligares na terra será ligado no céu, e quanto desatares na terra será desatado no céu*".

B) No capítulo 22, versículos 31 a 32 de seu Evangelho, São Lucas diz assim: "*E o Senhor lhe disse: Simão, Simão, eis por aí anda Satanás procurando te sacudir no crivo como trigo. Porém eu roguei por ti, para que não desfaleça tua fé. E tu, uma vez convertido (arrepêndido de tua negação ante a criada do sacerdote Caifás), confirma teus irmãos*".

C) Enfim, no capítulo 21, versículo 15 a 17, São João diz o que se segue: "*Depois de terem comido, Jesus disse a Simão Pedro: Simão, filho de Jonas, amas-me mais do que êstes? E êle respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Disse-lhe então: Apascenta meus cordeiros. Pela segunda vez lhe disse: Simão, filho de Jonas, amas-me? Pedro lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta meus cordeiros. Pela terceira*

vez lhe disse: *Simão, filho de Jonas tu me amas? Pedro se entristeceu de que lhe perguntasse pela terceira vez: Amas-me? e lhe disse: Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo. Jesus lhe disse: Apascenta minhas ovelhas*".

Não pode haver nenhuma dúvida a respeito da autenticidade do Primado de Pedro. Como é possível que os protestantes não compreendam textos tão claros, em seu verdadeiro significado?

Só Deus o sabe.

O certo é que, como ficou mostrado, o Senhor distinguiu a São Pedro entre todos os demais Apóstolos para que fôsse o fundamento de pedra e inabalável de sua Igreja; para que confirmasse na fé aos outros, quando o demônio do cisma e da heresia viesse joeirar a Igreja, separando o joio do trigo; para que, como Pastor supremo, apascentasse aos cordeiros, os fiéis e às ovelhas, os bispos⁽¹⁾.

D) Por sua parte, os Apóstolos o entenderam assim e assim o aceitaram. Vejam-se os Atos dos Apóstolos, cap. 5, vers. 1 e seguintes; cap. 12, vers. 5; cap. 15, vers. 6 e seguintes.

Foi São Pedro quem presidiu à eleição de São Matias (At 1,15 e seguintes); foi êle o primeiro que pregou a Jesus Crucificado, convertendo os 3.000 primeiros cristãos que deram corpo à nova Igreja (At 2,14 e seguintes). Foi São Pedro quem, como Pastor supremo, recebeu a revelação de aceitar os não-judeus na Igreja e, em consequência dessa revelação feita ao chefe da nascente cristandade, mandou batizar tôda uma família de pagãos (At 10,1 e seguintes).

São Paulo afirma claramente no capítulo 1, versículos 18 e 19 de sua Epístola ao Gálatas: "Depois, passados três anos, subi a Jerusalém para ver e falar com Cefas (Pedro), com quem permaneci quinze dias. Não vi a nenhum outro Apóstolo, a não ser Tiago, o irmão do Senhor". (O leitor se recordará dêsse texto...) Como se pode ver, a visita a que São Paulo faz referência aqui não foi só

(1) A Igreja, no tempo da revolução protestante, foi sacudida no crivo mais do que em qualquer outra época. O que deu lugar a que, debaixo da tutela do Supremo Pastor, se apartasse o trigo (os fiéis da Igreja de Cristo) da palha (os mais cristãos que apostataram da fé secular).

de cortesia para com o Príncipe dos Apóstolos, mas de singular conveniência para comparar a doutrina pregada por êle durante três anos com a do Chefe nato da Igreja, guarda fiel do depósito da fé. Haver-se encontrado com São Tiago, primo do Senhor, foi só uma coisa accidental.

2. Agora bem (e como para o caso do Episcopado): os poderes não foram dados a Pedro enquanto pessoa privada, mas enquanto Chefe do Reino; quer dizer que o poder foi dado ao cargo e a quem o ocupasse. Pois, pensando bem, se iam surgir dificuldades doutrinárias e de regime nos primeiros anos da Igreja, cuja solução exigia, humanamente falando, a existência de um Pastor Supremo, capaz de proferir a respeito uma sentença sem temor de errar, não iriam elas também surgir ao correr dos séculos, ante as vicissitudes dos tempos?

Por isso, afirmamos que o magistério de São Pedro e de seus sucessores no Papado, do mesmo que o dos Bispos, é por instituição divina autêntico, infalível e perene.

E no entanto, coisa estranha! os protestantes, fazendo caso omisso de todos êsses textos bíblicos, nada atacam com tanta sanha quanto o Primado de Pedro, do primeiro Papa e o de seus sucessores; São Lino, que se seguiu imediatamente a São Pedro; São Cleto, que sucedeu a São Lino; São Clemente, Santo Evaristo... e a série ininterrupta de 263 Papas que vêm governando a Igreja até João XXIII, gloriosamente reinante.

e) SÃO PEDRO ESTÊVE EM ROMA.

Certos protestantes, embora muito poucos, afirmam que São Pedro nunca estêve em Roma. Façamos um breve parêntese para provar o contrário.

É um fato admitido por tôda a tradição cristã que São Pedro residiu em Roma. Só no século XII ocorreu aos Valdenses negá-lo.

Clemente Romano (ano 96), Inácio de Antioquia (ano 107), Clemente de Alexandria (ano 150), Irineu, Bispo de Lião (ano 190) e inúmeros historiadores e apologistas

dos primeiros séculos dão-no como fato aceito. De outro lado, nenhuma outra Igreja, a não ser a de Roma, reclamou nunca a honra de possuir os restos de São Pedro.

Enfim, as recentes investigações arqueológicas efetuadas em Roma confirmam que o Santo morreu e foi sepultado na Cidade Eterna.

Passando aos argumentos bíblicos para provar êsse fato, apresentamos o final da primeira Epístola de São Pedro (1 Pdr 5,13): "Saúda-vos a igreja de Babilônia, participe de vossa eleição e Marcos, meu filho". É evidente que São Pedro não escrevia do vilarejo que era então a antiga Babilônia. Usa o Santo da metáfora "Babilônia" para designar a Roma de seu tempo, cidade soberba e idólatra, opulenta e pecadora, como a antiga Babilônia; outro tanto faz São João quando, no capítulo 17 de seu Apocalipse, diz ter visto Babilônia (Roma) embriagada com o sangue dos mártires.

Outra dedução bíblica que confirma a verdade dessa tese se obtém com o mesmo texto já citado, pelo qual manda o Santo as saudações de Marcos. Ora, São Paulo, que estava por aquêle tempo encarcerado em Roma, escreve de lá a Filémon, dizendo nos versículos 23 e 24 do capítulo único de sua Epístola: "Saúda-te Epafras, Marcos, Aristarco... meus colaboradores". Portanto, se Marcos estava com São Pedro e também com São Paulo, e êste último jazia em correntes em Roma, como êle próprio o diz nessa Epístola, deduz-se que São Pedro vivia também nessa época em Roma.

f) COMO O PAPA E O EPISCOPADO EXERCEM SEU MAGISTÉRIO INFALÍVEL.

Seria um êrro grave imaginar que o Papa e os Bispos exercem seu magistério infalível a todo momento e tratando de qualquer assunto, seja êste histórico, político etc.

Há quem creia que nós afirmamos semelhante absurdo e, por isso nos lance em rosto a alegação de "ninguém é infalível neste mundo falível".

É certo isso. Não o são tão pouco o Papa e o Episcopado, senão em determinadas e excepcionais circunstâncias, em que Deus se comprometeu a assisti-los em nosso benefício, dada nossa falibilidade.

1. Tanto o Papa, como o Episcopado, deverão estar representando oficialmente a Igreja para poder exercer o poder do magistério infalível.

Eis aqui as condições exigidas:

A) O Episcopado é infalível quando a) concorde com o Papa; b) concorde entre si; c) encine sôbre matérias de fé e costumes; d) quer esteja reunido em Concílio, quer esteja espalhado pelo mundo.

Se faltar alguma dessas quatro condições (por exemplo, se o Episcopado não estivesse de acôrdo entre si ou se se pronunciasse sôbre matérias estranhas à sua incumbência etc.), já não seria infalível.

B) A respeito do Sumo Pontífice, para que exerça seu magistério infalível se requer que fale "ex cathedra" (1), ou seja: a) que fale como Pastor ou Doutor universal, exercendo a suprema autoridade que recebeu de Pedro; b) que fale para tôda a Igreja; c) que tenha a intenção de definir; d) que ensine sôbre matérias de fé e costumes (Concílio do Vaticano, sessão IV, capítulo 4).

Do mesmo modo que para o Episcopado, se não se observassem simultâneamente essas quatro condições, a doutrina proferida pelo Sumo Pontífice não teria a força da infalibilidade, nem seria dogma de fé.

2. Na realidade, os protestantes não têm o que temer. O Papa está auxiliado pelo corpo de escrivistas e teólogos mais competente do mundo; antes de definir, ouve o parecer de todos os Pastôres do orbe católico e só em ocasiões muito contadas se decide a falar "ex cathedra", como o fêz a 8 de dezembro de 1854 ao definir o dogma da Imaculada Conceição de nossa Mãe Maria Santíssima e a 1º de novembro de 1950 ao definir sua Assunção em corpo e alma aos céus.

(1) "Ex cathedra" se pronuncia: ex cátedra, e significa: da cátedra, da cadeira. Subentende-se: da cátedra de São Pedro.

O meio corrente de ensinar que usa o Sumo Pontífice é o das Cartas Encíclicas e dos Decretos Doutrinários das Congregações Romanas.

As Cartas Encíclicas trazem como autor o próprio Sumo Pontífice. Os Decretos das Congregações Romanas dimanam de eminentes teólogos, canonistas etc. Esses Decretos costumam ser respostas concisas a diversas perguntas que sobre o amplíssimo tema da fé e dos costumes, são dirigidas ao Papa, de tôdas as partes do mundo. Cada Congregação estuda os temas de sua incumbência e dá, no fim, sua decisão, a qual adquire, em última instância, sua força devido à autoridade do Sumo Pontífice, Prefeito nato de tôdas as Congregações.

Embora o conteúdo das Encíclicas e dos Decretos Doutrinários não constitua matéria infalível (já que o Papa não pretende dar-lhe tal caráter), contudo o cristão há de prestar-lhe o assentimento interno e religioso de sua inteligência; de modo que, se não o fizesse, se rechaçasse peremptoriamente o conteúdo dessas Encíclicas, pecaria mortalmente⁽¹⁾. Mas não seria réu de heresia, já que não se trata de dogmas de fé.

Tem o Sumo Pontífice um terceiro modo, mais comum ainda, de exercer o magistério: seus discursos, alocações radiofônicas, cartas e prédicas pessoais etc. A prudência mais clementar aconselha a aceitar sem críticas os ensinamentos desses documentos pontifícios, porém não pecaria gravemente quem rechaçasse seu conteúdo, sempre que não haja outras razões que obriguem a aceitá-los⁽²⁾. Diga-se o mesmo das Cartas Pastorais dos Bispos em suas respectivas dioceses.

(1) A respeito dos Decretos Doutrinários, diz o seguinte uma nota ao cânone 248 do Código de Direito Canônico, comentado por Miguelez, Alonso e Cabrera, da Editorial B.A.C.: Os Decretos Doutrinários exigem assentimento interno "o que não obsta a que alguém, especialmente competente e fundado em razões muito graves, possa em caso excepcional suspender seu juízo e mesmo expor respeitosamente à Santa Sé as razões que se lhe oferecem em contrário, observando externamente, em tudo mais, a obrigação do acatamento obsequioso".

(2) Tanta importância têm os Documentos Pontifícios que existem coleções dos mesmos, com índices analíticos completíssimos, conforme seus diversos assuntos, o que facilita achar quanto disseram os Papas sobre o tema que interessa.

3. Este é o magistério eclesiástico, "jugo suave, carga leve" (Mt 11,30). Não é, como o pintam alguns protestantes, uma tirania inflexível, um abuso do poder, uma opressão das consciências.

É norma, farol, bússola, guia caritativo que nos leva ao destino eterno, libertando-nos dos escolhos e dos extravios.

Digam-se essas coisas aos protestantes que atacam o magistério infalível. Se não acreditarem na necessidade da proteção desse magistério eclesiástico, perguntem-lhes porque Cristo se exprimiu nos termos que acabamos de comentar. A quem se dirigiam e que fim tinham as frases de Jesus consignadas em São Mateus, cap. 16, vers. 16 a 19; São Lucas, cap. 22, vers. 31 e 32; São João, cap. 21, vers. 15 a 17, que acima transcrevemos.

E se responderem que eram poderes pessoais para São Pedro e os Apóstolos, recordem-lhes o "ensinai a todos os povos... estarei convosco até a consumação dos séculos" de São Mateus, capítulo 28, versículo 18. Os Apóstolos não haveriam de ensinar pessoalmente a todos os povos, nem teriam de viver até a consumação dos séculos. Portanto, esse mandato e essa promessa foram dirigidos aos cargos dos Apóstolos mais do que a suas pessoas.

Oxalá se acelere a vinda do Anjo do Senhor que, como no caso de Tobias, encontre a fórmula para que caia a venda dos olhos de tantos irmãos nossos, protestantes de boa fé, que poderiam ser hoje excelentes cristãos e, portanto, católicos, adoradores do Pai em espírito e *verdade!*

QUESTIONÁRIO

Existe algum organismo regulador do rio das Verdades reveladas? Quem o compõe?

a) Quais são as qualidades do magistério eclesiástico? que presuppõe cada uma delas? Apresente-se um texto bíblico que demonstre, de modo geral, que o magistério eclesiástico está adornado de tais qualidades.

b) Comete-se algum círculo vicioso na argumentação bíblica para estabelecer o magistério? qual é o termo médio que rompe o círculo

Magistério-Bíblia e Bíblia-Magistério? Como podemos provar, valendo-nos desse termo médio, a autenticidade da Bíblia e a legitimidade do Magistério?

c) Quando Jesus Cristo conferiu aos Apóstolos o poder de ensinar, referia-se a eles como pessoas privadas unicamente ou bem a eles e aos cargos que desempenhavam? Quais são os sucessores dos Apóstolos no ministério da palavra? Cite-se um texto bíblico em que apareçam os sucessores dos Apóstolos exercendo autoridade episcopal.

d) Há algum Bispo que por si só seja infalível? Recorde-se o famoso texto de Santo Irineu. Cite-se um texto bíblico que confirme o Primado de Pedro. Os Apóstolos aceitaram o Primado de Pedro? A promessa de especial assistência dada ao Chefe da Igreja foi conferida exclusivamente à pessoa do Apóstolo ou antes à sua sede, sua cátedra, sua cadeira, quer dizer, ao Primado da Igreja? Como se explica o procedimento dos protestantes que negam o magistério do Sumo Pontífice?

e) Que diz a antiguidade cristã a respeito da estadia de São Pedro em Roma? Alguma Igreja, fora de Roma, já reclamou a honra de possuir o sepulcro do Príncipe dos Apóstolos? Há algum texto bíblico que prove que São Pedro esteve na Cidade Eterna?

f) O Papa e os Bispos são infalíveis a todo momento? Que condições se requerem para a infalibilidade do Episcopado? Quais se requerem para a infalibilidade do Papa? O Santo Padre fala com frequência "ex cathedra"? Qual é seu modo habitual de ensinar?

SEXTA LIÇÃO

ARGUMENTOS GERAIS

"Prega a Palavra, insiste a tempo e fora de tempo, argúe, ensina, exorta com toda paciência e com doutrina bem fundada".

(2 Tim 4,2).

Teria sido muito mais fácil e, provavelmente, agradável começar este livro com a refutação das dificuldades doutrinárias que os protestantes costumam apresentar.

Porém, tratando-se de um texto didático e de estabelecer uma firme base doutrinária, quisemos expor primeiro os princípios em que se funda nossa defesa católica; por isso, determinamos antes de tudo o âmbito e os limites das duas fontes da Revelação, a saber, a Bíblia Sagrada e a Tradição divina.

Não tenho dúvida de que, a esta altura do livro, estarão um tanto fatigados os que tiverem seguido este curso.

Façamos, pois, uma parada no caminho e olhemos para trás. Teríamos aproveitado alguma coisa com o estudo destas páginas? Não nos encontraremos, ao menos um pouquinho, mais fortes em nossa fé, talvez um pouquinho mais capazes de defendê-la do ataque protestante?

Ânimo, pois. Provavelmente não haverá repetição do curso, nem se cortará a carreira de ninguém por não ter sido aprovado no exame de "Protestantismo e Bíblia...". Em todo caso, tenho idéia de que, como meus leitores e leitoras tomam tanto interesse nas obrigações dos diversos cursos que estudam, para se saírem airoso e com altas notas, muito maior empenho terão em aproveitar ao máximo a doutrina que aqui se expõe, visto ser, de todo ponto de vista, a mais transcendente, a que transcende da

terra ao céu, fala de Deus e dos meios seguros de alcançá-lo; é um guia a consultar no caminho da pátria celeste, caminho cruzado por tantos desvios que podem perturbar a marcha do viajante desprevenido.

Além disso, a situação atual de nossa terra, cuja fé católica está sendo submetida com tanta porfia à prova de fogo protestante, exige de nós um esforço à altura da gravidade do momento. Será possível que permaneçamos de braços cruzados quando se estende por aqui o incêndio que tantas devastações causou na velha Europa do século XVI?

A hora presente não é própria para viver em uma rotina cômoda, mas é tempo para se ter uma fé ilustrada, que saiba sobrepor-se ao erro disfarçado de verdade, que nos tenta invadir por todos os lados...

a) TRASLADAR A DIFICULDADE PARA A TESE DO MAGISTÉRIO.

Nas lições seguintes ofereceremos argumentos particulares com que rebater as dificuldades que os protestantes levantam mais freqüentemente contra a fé católica. Agora vamos apresentar um tipo de argumentação geral que serve para responder a qualquer objeção.

Citemos um exemplo. Apresenta-se-nos um protestante e nos faz a seguinte oposição: a existência do Purgatório é um mito. Poderemos responder-lhe, de acôrdo com a argumentação geral que se expõe neste inciso: "A Igreja ensina tal coisa (que o Purgatório existe)? Então, é certa". Se a Igreja ensina que Purgatório existe é porque ele existe realmente.

Alguém negará que o mero fato da Igreja afirmar uma coisa seja, por si só, razão que obrigue a crer. Responderemos que a Igreja tem a missão de ensinar e exerce um magistério autêntico, infalível e perene. Portanto, quando afirma a existência do Purgatório não faz mais do que cumprir sua missão.

Sem dúvida, o protestante negará o poder do magistério eclesiástico. Para prová-lo, temos a lição 5ª dessa pequenina obra.

Enfim, ao nos apresentar o protestante uma objeção contra o Purgatório (do mesmo modo que se nos apresentasse outro tipo de objeção doutrinária), *trasladamos a dificuldade para a tese do magistério*. Quer dizer que não argumentamos *diretamente* sobre o Purgatório, mas *indiretamente*, provando a tese geral de que a Igreja possui um magistério infalível. Por esse motivo, as provas da 5ª lição devem ser aprendidas muito bem.

Esta é uma maneira fácil de argumentar, pois assim uma só série de raciocínios bem sabidos, os do magistério, bastarão para refutar qualquer tipo de objeção doutrinária.

Além disso, é uma argumentação profunda, porque atinge a própria raiz do problema. Pouco valeria provar ao protestante a existência do Purgatório se, imediatamente, ele pudesse sair-se com outra objeção semelhante, como por exemplo, contra a Presença Real de Jesus Cristo na Santíssima Eucaristia ou outra tese do mesmo gênero. Mas, provado o poder que tem a Igreja de definir em matéria de fé e costumes, ficam automaticamente provadas tôdas as teses que ela defende.

Em todo caso, daremos no seguimento dessa obra, como ficou dito, argumentos especiais, de tipo bíblico com preferência, a serem usados na refutação das objeções mais comuns dos protestantes.

Por fim, tenha-se bem em conta que *trasladar a dificuldade para a tese do magistério* não quer dizer "fugir do assunto", coisa que já reprovamos como vício de argumentação, falta de lógica.

Se a discussão começar, pois, com o problema do Purgatório, conforme o exemplo dado, deverá terminar com o mesmo assunto, o Purgatório.

O fato de aduzir o magistério da Igreja como "térmo médio", como a "menor" do argumento, é apenas passageiro. A "conseqüência" há de ser sempre esta: logo, temos de crer na existência do Purgatório.

b) O CREDO.

Existe uma tradição popular que narra que os Apóstolos, antes de se separarem para ir evangelizar cada qual a região que lhe teria sido designada, compuseram um Símbolo da Fé, um resumo sumariíssimo das verdades que iam pregar.

Não existe texto dêsse Símbolo, mas possuímos algumas fórmulas antiquíssimas que vamos enumerar a seguir, às quais se dá vulgarmente o nome de Credo por começarem por essa palavra latina (credo — creio).

A) A fórmula mais antiga de Símbolo que hoje se conhece data do ano 150 de nossa era e se encontra na obra "Testamento em Galiléia de Nosso Senhor Jesus Cristo", de autor desconhecido (Patrologia Oriental, página 192, edição L. Guerrir, 1913); diz assim: "Creio no Pai Onipotente e em Jesus Cristo nosso Salvador, e no Espírito Santo Paráclito, na Santa Igreja e na remissão dos pecados".

B) Outra fórmula, muito usada durante o século III na liturgia egípcia, é a seguinte, segundo o papiro Der-Balyzeh: "Creio em Deus Pai Onipotente, em Seu Filho Unigênito Nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito Santo, na ressurreição da carne e na Igreja Católica".

Com o andar dos tempos, cada liturgia e cada Concílio adotou seu próprio Símbolo, tomando os textos anteriores, acrescentando ou suprimindo esclarecimentos, segundo exigiam as necessidades da época e o progresso do dogma.

Os Símbolos que hoje mais se usam na liturgia latina são dois: o Credo que se reza na Santa Missa e o "textus receptus", cuja tradução em língua vulgar é conhecida de todos.

C) O Credo da Santa Missa é uma fórmula que data, na sua redação atual, do ano 381. Por ter sido esta fórmula composta, primeiramente, pelo Concílio de Nicéia, em 325 e aceita depois, com alguns acréscimos, pelo Concílio de Constantinopla de 381, dá-se geralmente a êsse Credo o nome de Símbolo Niceno-Constantinopolitano. Traduzido em português diz assim: "Creio em um só

Deus, Pai onipotente, Criador do céu e da terra, de tôdas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado mas não feito, consubstancial ao Pai, pelo qual foram feitas tôdas as coisas. Êle, por nós homens e pela nossa salvação, desceu dos céus. E se encarnou do Espírito Santo no seio da Virgem Maria. E *fêz-se homem*. Foi também crucificado; sob Pôncio Pilatos, padeceu e foi sepultado. E ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. Subiu ao céu, está sentado à direita do Pai, de onde virá segunda vez, com glória, a julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim. Creio no Espírito Santo, que é Senhor e dá vida, e procede do Pai e do Filho. E com o Pai e o Filho é juntamente adorado e glorificado, e que falou pelos Profetas. Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica. Confesso um Batismo para remissão dos pecados. E espero a ressurreição dos mortos, e a vida do século futuro. Amém".

D) O Credo que empregamos geralmente em português é o denominado "textus receptus", ou seja, uma tradução do texto ocidental latino mais recente, algo posterior ao Niceno-Constantinopolitano, que já era usado por Fausto de Riez no ano de 450 e se encontra em vários Sacramentários e Códices da época. Diz assim: "Creio em Deus Pai todo poderoso, Criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, um só seu Filho, Nosso Senhor, que foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado. Desceu aos Infernos. No terceiro dia ressurgiu dentre os mortos, subiu aos céus e está sentado à direita de Deus Pai onipotente, donde há de vir julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém".

Valendo-nos dêsses símbolos ou sínteses da fé, podemos adotar um segundo tipo de argumentação geral, válido para provar tôdas as verdades que estão mencionadas em algum dêles. Nossa argumentação poderá ser a seguinte:

"Tal coisa está afirmada no Credo? Então, temos de crer nela".

É impossível que Deus Nosso Senhor haja permitido que se tivessem infiltrado erros substanciais nessas fórmulas, resumos da fé, que por tantos séculos foram professadas constante, universal e permanentemente pela Igreja.

Tomemos outro exemplo prático. Vamos supor, como no caso anterior, que se apresente um protestante e negue a existência do Juízo Final em que todos seremos julgados. Pois bem, poderemos argumentar assim: O Credo, o Símbolo dos Apóstolos, que já se professava dez séculos antes de Lutero, exige do cristão fé em Jesus Cristo, "que há de vir julgar os vivos e os mortos"; êsse juízo conjunto de todos, vivos e mortos, tem o nome de Juízo Final.

Portanto, se a existência do Juízo Final se acha afirmada no Credo, temos nós de a afirmar também.

Ou seja, e resumindo para qualquer verdade que esteja contida em um dos Símbolos que acabamos de mencionar: "Tal coisa é afirmada no Credo? Então, temos de crer nela". E êste poderá ser um novo tipo de argumentação geral.

c) AS QUATRO "NOTAS".

Assentadas a existência e a legitimidade dos Símbolos, podemos chegar a conhecer, prescindindo de qualquer outra argumentação, qual é a verdadeira Igreja de Cristo, a única que tem poderes para ensinar a verdade.

O Símbolo Niceno-Constantinopolitano, que citamos acima (o Credo da Santa Missa), punha na bôca daquelas centenas de Bispos, reunidos em Concílio que congregava todo o orbe católico de então, esta afirmação: "Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica". O que equivale a dizer — creio em uma Igreja que possui êstes quatro dotes — *unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade*. Afirmando que dita Igreja é a Igreja de Cristo. E se se me apresentasse uma igreja que não conservasse firme *unidade* de fé, *unidade* de doutrina, *unidade* de govêrno; que não possuísse *santidade* em seu fundo doutrinal e em seus membros;

que não fôsse *católica*, isto é, universal, espalhada por todo o mundo com sua unidade de doutrina, que não fôsse *apostólica*, herdeira direta dos Apóstolos; se se me apresentasse, digo, uma igreja que carecesse de algumas dessas quatro qualidades, então não creria nela, porque não seria a autêntica Igreja de Cristo, por mais que a si mesma quisesse dar tal denominação.

Pois bem; pelo que ficou dito e referindo-nos ao objeto de nosso estudo, qual das duas instituições, o Protestantismo e o Catolicismo, pode tomar para si o título de "verdadeira Igreja de Cristo"?

Por pouco que o leitor medite e compare, convencer-se-á de que à Igreja Protestante faltam, pelo menos, duas das quatro qualidades exigidas: falta-lhe *Unidade* devido à pluralidade de suas seitas (1) e falta-lhe *Apostolicidade*, pois a quebrou quando, no século XVI, rompeu com os autênticos sucessores de São Pedro e dos Apóstolos, e apartou-se da doutrina apostólica tradicional (2).

Portanto, a Igreja Católica, Apostólica, Romana que, como salta aos olhos, possui eminentemente essas quatro notas, é a única e verdadeira Igreja de Cristo; automaticamente, tôda "Confissão" que discrepa da Igreja Católica está, por isso mesmo, contaminada pelo êrro.

(1) Segundo o doutor César Ruiz Izquierdo, em "Ecumenismo" (Burgos, 1948), existem nos Estados Unidos nada menos de 46 seitas protestantes perfeitamente diferenciadas e com mais de 50 000 adeptos cada uma. O total das seitas norte-americanas seria de 300 e o total mundial, mais de 1.000. Estes dois últimos dados são do R. P. Simon S.J., em seu livrinho "Protestante?" (Buenos Aires, 1951). A êsse respeito, vamos transcrever uma frase do sr. Foster Stockwell, professor de teologia na Faculdade Evangélica de Buenos Aires, em seu livro "Que é o Protestantismo?" (Editorial Columba, B. A., 1954): "Existe, sem embargo, no Protestantismo atual a convicção profunda de que muitas de suas divisões são desnecessárias e debilitam seu cristianismo".

(2) Há, contudo, um pequeno grupo de protestantes que conserva a Hierarquia (à semelhança dos heterodoxos orientais e tem, portanto, Bispos, Sacerdotes etc.). Esses tais embora sejam sucessores "de facto" de Bispos católicos (e, portanto, dos Apóstolos), não podem, contudo, ser sucessores "de jure" dos mesmos, já que, por sua separação, perderam todo direito a presidir na Igreja de Cristo.

Além disso, no caso de certos protestantes, como por exemplo os episcopais, como se corrompeu substancialmente o rito da consagração episcopal, não contam êles em sua hierarquia com verdadeiros bispos consagrados. Os heterodoxos orientais, erroneamente chamados ortodoxos, possuem verdadeiros Bispos e Sacerdotes que exercem vâldamente seu ministério, embora o façam ilicitamente por estarem separados da Igreja que é uma só.

Sendo assim, daí se conclui um terceiro tipo de argumentação geral, semelhante ao primeiro que expusemos nesta lição, se bem que se diferencie dêle pelas razões em que se baseia. É o seguinte:

“Tal coisa é ensinada pela Igreja Católica, Apostólica, Romana? Então é certa”.

Já que essa Igreja, por ser una, santa, católica e apostólica, é a única verdadeira Igreja de Cristo, guardiã fiel da verdade.

d) EM TODO CASO, SE NÃO AUMENTAR, TAMPOUCO DIMINUIR.

Costumam os protestantes censurar-nos por aumentarmos com Preceitos, Sacramentos e Tradições o conteúdo das Sagradas Escrituras. É êste o momento para responder-lhes com o seguinte argumento:

Não há dúvida de que os católicos acrescentamos ao depósito da fé contido nas Sagradas Escrituras alguns preceitos dogmas etc., que os protestantes não aceitam por não se acharem expressos, ao menos tão claramente quanto êles desejariam estivessem, no Livro Sagrado.

Pois bem; se, como dizem, modificar, *aumentando*, o depósito da fé é ilícito, sejam conseqüentes e não o modifiquem *diminuindo*, ou seja, fazendo caso omisso daquelas passagens que contrariam, de modo evidente, suas teorias.

E nisto está seu erro grave. Não somente êles não aumentam o Texto Sagrado com o complemento indispensável da Tradição e do Magistério, mas o diminuem positivamente, rechaçando trechos e até livros inteiros, como já dissemos. E, o que talvez seja ainda pior, dão a certas passagens um sentido totalmente contrário ao que aparece no texto.

Portanto, se se tratar de alguma polêmica em que isso se torne oportuno, poderemos recordar a frase: *“Em todo caso, se não quiser aumentar, não se ouse tampouco diminuir”.*

Sempre será oportuno recordá-lo quando se tratar de reivindicar as glórias de Maria Santíssima, Mãe de Deus

e os direitos de Jurisdição e Magistério do Sumo Pontífice e dos Bispos.

e) VERDADES INDISCUTÍVEIS.

Transcreveremos a seguir uma série de frases breves, muitas das quais se acham estampadas neste livro e que encerram conceitos claros, fáceis de compreender, e que podem, talvez, ser empregadas com êxito na polêmica. Ninguém, nem mesmo os protestantes, pode pôr em dúvida a legitimidade e a verdade dessas afirmações. Oferecemo-las ao apologista para que as empregue conforme seu critério. Eis-las:

Os católicos possuem unidade de doutrina e de governo; os protestantes, não.

Nunca um bom católico se torna protestante; não é raro que um bom protestante se converta ao catolicismo.

Vale mais o conjunto dos textos da Bíblia Sagrada coordenados entre si do que um só dêles interpretado duvidosamente.

Não é possível que a Igreja de Cristo tenha passado 10 a 15 séculos submersa no erro, até o aparecimento de Lutero.

Uma coisa é a Igreja e outra coisa é um eclesiástico só. Nos lábios de um cristão comum e que, portanto, não tem estudos profundos de Teologia é perfeitamente lógica a seguinte declaração: “Não me pergunte isso a mim que sou ignorante. A Igreja tem seus Doutôres que lhe saberão responder”.

QUESTIONÁRIO

Merece nossa santa Religião que dediquemos a seu conhecimento uma boa parte de nossas energias? O momento atual é propício para permanecer em cômoda rotina?

a) Que quer dizer “trasladar a dificuldade para a tese do Magistério”? Cite-se um exemplo.

b) Que entendemos por Credo? De quando datam os dois Credos

que se usam hoje com preferência? Que tipo de argumentação geral pode elaborar-se na base da autoridade do Credo?

c) Quais são as quatro notas ou características que, pelo Credo Niceno-Constantinopolitano, deve apresentar a verdadeira Igreja de Cristo? Que significado tem cada uma dessas notas? A Igreja Protestante possui essas quatro notas? A Igreja Católica, Apostólica, Romana as possui? Pressupostas essas qualidades da Igreja Católica, arme-se um argumento geral que sirva para rebater qualquer tipo de objeção.

d) Referir-se à regra: "Em todo caso, se não se quer aumentar, não se ouse diminuir".

e) Enunciar brevemente algumas "Verdades indiscutíveis".

SÉTIMA LIÇÃO

O CULTO A MARIA SANTÍSSIMA E AOS SANTOS

"Apareceu no céu um sinal: uma mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas..."

(Apc 12,1).

A figura de Maria Santíssima, Mãe de Jesus, tem sido e é objeto de sentida veneração por parte de toda cristandade, inclusive a oriental.

Só o protestantismo faz exceção. Levado pelo seu afã desmedido de inovar, faz caso omisso dos extraordinários privilégios que a Bíblia Sagrada e a Tradição divina reconhecem pertencerem à Santíssima Virgem e tenta equipará-la a qualquer das mulheres famosas de que nos falam os Livros Sagrados.

Ante o sacrilégio protestante, o povo fiel redobrou de amor e veneração pela Virgem Santíssima. Tanto assim que não sentimos dificuldade em conceder aos protestantes que, em alguns casos, êsse povo chegou a exagerar a nota, dando a Maria Santíssima títulos desmesurados e atribuindo-lhes obra de que não é autora. Porém isso é um piedoso exagêro de filhos amorosos. Exageros que, por serem inexatidões, não duvidamos em reprovar.

Maria Santíssima já possui, aliás, glórias bastantes para que ainda seja necessário adorná-la com títulos mais ou menos autênticos.

De acôrdo com o nosso propósito, preferimos os argumentos bíblicos; pois, com o Livro Sagrado nas mãos, é fácilimo provar aos protestantes que cometem *uma grave omissão* ao não tributarem o culto e a veneração devidos a quem foi nada menos do que a Mãe de Jesus, nosso Redentor.

Se não se deve aumentar, lembraremos ao protestante, não se deve tampouco diminuir...

a) DUAS GLÓRIAS DE MARIA: MATERNIDADE E VIRGINDADE.

Trataremos de duas gemas, as mais refulgentes, da coroa de Maria Santíssima: sua maternidade divina e sua perpétua virgindade.

1. *Maria é Mãe de Deus.* Mãe no verdadeiro sentido da palavra. Como o diz claramente a Bíblia Sagrada. Vejamos o capítulo 1 do Evangelho segundo São Mateus, versículo 18: "A concepção de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de coabitarem se achou ter concebido do Espírito Santo".

E agora vamos transcrever uns formosos parágrafos extraídos do I e II capítulos do Evangelho segundo São Lucas, fazendo ao leitor um convite para ler os textos completos: "No sexto mês, o Anjo Gabriel foi enviado da parte de Deus a uma cidade da Galiléia chamada Nazaré a uma virgem desposada com um varão de nome José... Entrando o Anjo onde ela estava, disse: Deus te salve, cheia de graça, o Senhor está contigo... Não temas, Maria; conceberás em teu seio e darás à luz a um filho a quem porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamado Filho do Altíssimo... e seu reino não terá fim. Disse Maria ao Anjo: como poderá ser isto, se não conheço varão? O Anjo lhe respondeu: O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra, e por isso o filho concebido será santo, será chamado Filho de Deus... E o Anjo partiu. Por aqueles dias, Maria se pôs a caminho... e saudou Isabel. Assim que Isabel ouviu a saudação de Maria... clamou com voz forte: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre. Donde me vem a mim que a mãe de meu Senhor me visite?... Por aqueles dias saiu um edito de César Augusto para que se recenseasse todo o mundo... José subiu de Galiléia, da cidade de Nazaré, para a Judéia, para a cidade de Davi que se chama Belém, por ser ele da casa e da família de

Davi, para ser recenseado com Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando ali, chegaram os dias de seu parto e deu à luz a seu filho primogênito, e o envolveu em panos e o colocou no presépio, por não haver lugar para eles na estalagem".

Quanta beleza nessas poucas linhas! Por que os protestantes as esquecem?

Maria é Mãe de Jesus.

Jesus é Deus.

Logo, Maria é Mãe de Deus.

E como tal merece um culto especialíssimo. Não pode haver a menor dúvida. Nós católicos, não fazemos mais do que continuar tributando a Maria Santíssima a honra que, desde o primeiro instante de sua maternidade divina, lhe tributam anjos e homens.

2. *Uma objeção contra a maternidade divina.* Há protestantes que sustentam que Maria, por ter dado a seu filho a natureza humana e não a natureza divina, que já preexistia, foi Mãe de Jesus-Homem, porém não de Jesus-Deus.

Este modo de ver é errado sob todos os pontos de vista. As mães são mães de seus filhos, embora lhes dêem o corpo, visto que a criação da alma pertence a Deus. Maria Santíssima, dando nascimento a Jesus, que é Deus, é verdadeiramente Mãe de Deus; do mesmo modo que uma mulher, ao dar à luz um filho homem em que Deus infundiu a alma humana, é mãe de um homem.

Foram essas considerações que levaram os Padres do Concílio de Éfeso, no ano de 431, a compor a bela oração que desde então anda nos lábios de todos os cristãos: "Santa Maria, Mãe de Deus..."

3. *Maria Santíssima foi sempre Virgem.* Esta Senhora sempre constituiu e ainda hoje constitui para os católicos o modelo perfeito da delicada virtude da virgindade. Os protestantes pretenderam em vão despojar sacrilegamente a Mãe de Deus desse precioso privilégio.

Mas, passemos a defender esse título de Maria Santíssima.

A) *No Credo* ou Símbolo da Fé confessamos, juntamente com a maternidade divina de Maria, sua perpétua virgindade, ou seja, que Maria Santíssima permaneceu virgem até o fim de seus dias. Estas são as palavras do Símbolo Niceno-Constantinopolitano: "Creio... em Jesus Cristo... o qual... se encarnou... no seio da Virgem Maria..."

É indubitável que, ao afirmarem os Padres do Concílio que "se encarnou... no seio da Virgem Maria", queriam dizer "Maria, que é virgem". E no texto comum que a Santa Igreja ensina a todos os fiéis, o Credo diz expressamente "... nasceu da Virgem Maria".

E é tão certa esta interpretação que Santo Epifânio, no século IV, glosando as palavras do Símbolo Niceno, que comentamos, assim se exprime: "O qual (Jesus), por nós homens e por nossa salvação, desceu e se encarnou, isto é, se fez homem no seio de *Maria sempre Virgem*, perfeitamente gerado por obra do Espírito santo..."

E não foi somente Santo Epifânio que professou a perpétua virgindade da Mãe de Deus; tôda a antiguidade cristã está de comum acôrdo sôbre esta verdade de fé.

B) Provas emanadas da Bíblia Sagrada. É certo que não se encontra nas Sagradas Escrituras esta frase: "Maria conservou perpétuamente sua virgindade", porém as passagens que se relacionam com o nascimento de Jesus são tão eloqüentes neste sentido, que basta o mais simples raciocínio para que uma inteligência desprovida de preconceitos deduza do texto bíblico a perpétua virgindade da Mãe de Deus.

a) Maria Santíssima permaneceu sempre virgem; não podia ser de outro modo. *Aquêlê corpo sacrossanto, consagrado durante longos meses com a Presença Divina, permaneceu perenemente consagrado a Deus*; como um cálice que não admite, sob pena de sacrilégio, outro uso a não ser o de receber o Sangue de Cristo (1).

(1) Desde os albores do cristianismo, os escritores sagrados aplicaram a Maria Santíssima e à sua perpétua virgindade aquelas palavras do Ezequiel, capítulo 44, versículo 2: "E o Senhor me disse: Esta porta permanecerá fechada; não se abrirá e nenhum homem entrará por ela, porque o Senhor Deus de Israel entrou por ela". Não se pode falar do fato sublime da perpétua inviolabilidade de Maria Santíssima com palavras mais claras e belas.

Supor o contrário, supor que Maria perdesse sua virgindade em algum momento de sua vida, seria antinatural, seria absurdo. Como o iria permitir aquela bendita criatura que, segundo o texto de São Lucas, havia, por suas qualidades especiais, "achado graça diante do Senhor?"

b) Existe além disso, como prova do aprêço que Maria Santíssima dava a essa preciosa virtude, êste detalhe muito significativo: apesar de ver-se convidada pelo Anjo a aceitar a maternidade divina, opôs-se perplexa, objetando: "*Como poderá ser isto, se não conheço varão?*" É indubitável que, se não tivesse a intenção de continuar observando a virgindade, virtude que parece antepor à própria glória de ser Mãe de Deus, não teria por que estranhar a maternidade futura que lhe era anunciada.

c) Por esta razão, pelo anseio de permanecer virgem, é que *não deu seu consentimento senão depois de ter conhecido o modo sobrenatural* que a faria Mãe do Salvador de Israel.

Isto é o que se depreende naturalmente do Texto Sagrado. Em todo caso, apesar de ser tão claro o texto bíblico, não devemos estranhar a atitude do protestante comum que impugna a virgindade de Maria Santíssima; foi instruído nesses erros marianos e devemos compreendê-lo. O que devemos fazer é não perder oportunidade de fazê-lo ler êste 1º capítulo do Evangelho de São Lucas. Por si só, é suficientemente eloqüente para ouvidos não predispostos contra.

4. Principais objeções contra a perpétua virgindade de Maria Santíssima.

1ª *Dificuldade*. Certas passagens bíblicas podem prestar-se, sem dúvida, a uma interpretação errônea. Para entendê-las bem, recorde-se êste princípio de Lógica — "A afirmação de uma coisa não significa necessariamente a negação de outra".

Estão juntos, tomemos êste exemplo, Alfredo e Roberto. Se ouço dizer que Alfredo tem a tez branca, nem por isso vou deduzir que Roberto não a tem, porque afirmar uma coisa não significa necessariamente negar a outra.

Outro exemplo: Antônia está acostumada a dar 100

cruzeiros de esmolas todo mês. Se ouço afirmar que, até o mês passado, deu essa esmola, não vou logo deduzir que não a dará no mês corrente ou no próximo etc. Para eu poder deduzir tal coisa, teria que ouvir dizer positivamente: "Antônia deu esmola pela última vez o mês passado". Máxime se não há nenhuma razão para crer que, no futuro, mudará o modo de proceder dessa pessoa, dada sua índole generosa, o estado florescente de sua fortuna etc.

De modo que a afirmação de uma coisa não significa necessariamente a negação de outra. A afirmação de que Jesus Cristo é "filho primogênito" não significa que não possa ser também "filho unigênito", isto é, filho único. A afirmação de que São José não exerceu a totalidade de seus direitos de espôso "antes que nascesse Jesus", não quer dizer que a exercesse depois.

A Bíblia Sagrada, ao nos afirmar: é filho primogênito, não nega, nem afirma que seja filho unigênito. E, ao afirmar que São José não exerceu seus direitos conjugais antes que nascesse Jesus, nada afirma, nem nega a respeito de tê-los ou não exercido depois (1).

É por isto que os católicos estabelecemos nossa tese interpretando todo o conjunto de textos que se referem à Mãe de Deus. E a provamos com razões muito dignas de fé, como as que já expusemos, ou seja, pelo amor de Maria Santíssima à virgindade que, conforme se disse, antepôs à própria glória de ser Mãe de Deus; pelo fato de que, para tão pura Senhora, teria sido um verdadeiro sacrilégio

(1) "O vocábulo hebraico *primogénito* é um termo legal e jurídico que, sem possibilidade de dúvida, designa o primeiro a nascer, mesmo quando (Êxodo, cap. 13 vers. 2), depois dele, não venham outros filhos; tão "primogénito" permanece se se seguem outros filhos, como se fôr o único... No princípio deste século descobriu-se uma lápide sepulcral (Edgard Ann. Egypt., t. 22) sumamente interessante. No ano 5 de nossa era, precisamente no ano em que Cristo nasceu, uma jovem hebréia morreu no Egito em consequência de seu primeiro parto; sua lousa sepulcral dizia, entre outras coisas, o seguinte: "O destino me conduziu ao termo de minha vida entre as dores causadas pelo meu primogénito..." (Esta nota é retirada do livro do R. P. dr. Jesus Montanchez "Jesus niño, adolescente, joven" que, junto com os de "Jesus, Verbo Encarnado" e "Pasión de Jesucristo, redentor", forma um interessantíssimo estudo sobre a personalidade de Cristo dentro do quadro histórico de seu tempo. Editados pelo Instituto de Cultura Religiosa Superior, de Buenos Aires).

compartilhar seu corpo virginal com outro ser humano, quando uma Providência milagrosa a havia feito espôsa do Espírito Santo e Mãe de Deus; e porque não há nenhuma prova, nem na Bíblia, nem na Tradição, que afirme a não-*virgindade* de Maria. Muito pelo contrário. Desde os albores do cristianismo, foi ela honrada como Virgem incorrupta antes, durante e depois do parto (2).

2ª Dificuldade. Já nos referimos na Introdução deste livro ao fato de que o Texto Sagrado diz irmãos de Jesus.

Como mostramos naquela oportunidade, são muitos os lugares bíblicos em que o vocábulo "irmãos" é usado para designar "parentes" ou meros amigos. Citamos assim a passagem de Gálatas, capítulo 1, versículo 19, em que São Tiago Menor é chamado "irmão do Senhor", apesar da mesma Bíblia Sagrada afirmar em outras partes que êsse São Tiago era filho de outra Maria, a espôsa de Cléofas.

(Quem quiser ter a prova completa do fato de que São Tiago era filho de Maria que era espôsa de Cléofas e de que, portanto, não era irmão carnal de Jesus, leia os textos seguintes: São João, cap. 19, vers. 25: "Estavam junto à cruz de Jesus sua Mãe, a irmã de sua Mãe, Maria, a de Cléofas e Maria Madalena"; São Marcos, capítulo 15, versículo 40: no ato da crucifixão de Jesus, estavam presentes "também umas mulheres... entre as quais estavam Maria Madalena e Maria, a mãe de São Tiago Menor e de José". Portanto, a Maria, mãe de São Tiago Menor e de José, é a Maria espôsa de Cléofas. De sorte que Jesus e São Tiago não podem ser irmãos no rigoroso sentido da palavra, mas primos ou parentes. Finalmente, tenha-se em conta que Cléofas também é chamado Alfeu em outras passagens do Texto Sagrado).

(2) O Padre Astete, em seu famoso Catecismo, refere-se delicadamente à virgindade de Maria Santíssima durante o parto, empregando esta comparação: "Jesus nasceu milagrosamente de Maria Santíssima, como o raio de sol que atravessa um cristal sem o danificar, nem manchar". Por sua parte, Pérez Millán se exprime assim: "Maria Santíssima, sempre Virgem, é a árvore que nos deu o fruto sem perder a flor".

Na realidade, nada obsta a que Deus, que havia de aparecer ressuscitado no Cenáculo sem abrir as portas, atravessando a matéria, nada obsta a que Deus onipotente faça seu ingresso na terra mediante um milagre de tipo semelhante.

Entre os muitos casos em que o Antigo Testamento emprega o termo "irmão" pelo de "parente", vamos escolher um muito claro.

Diz o Gênesis, capítulo 11, versículo 31, que Abraão era filho de Taré e que Lot era filho de Arão. Por conseguinte, Abraão e Lot não eram irmãos. Apesar disso, nos versículos 14 e 16 do capítulo 14 do mesmo livro, são chamados de irmãos, etc.

E com isto ficam solucionadas as duas dificuldades que mais freqüentemente levantam os protestantes contra a virgindade de Maria.

A Santíssima Virgem nos perdoe que, mesmo a título de estudo, tenhamos falado de sua não-*virgindade*; Ela bem sabe que não o fizemos senão porque nos vimos obrigados.

No tocante a *outras dificuldades*, por exemplo, contra qualquer dos dogmas relativos a Maria Santíssima, pode argumentar-se ou com texto da Bíblia Sagrada, ou dos Santos Padres, ou com a Tradição etc., ou *trastadando a dificuldade para a tese do magistério* (como se fêz na lição anterior); quer dizer, fazendo o seguinte raciocínio: Tal coisa, tal dogma é afirmado pela Igreja? Logo, é certo. E passar imediatamente a provar, com a lição sobre o Magistério, que a Igreja não pode equivocar-se.

b) O CULTO A MARIA SANTÍSSIMA.

Não é de estranhar que os católicos tributem um culto muito especial àquela a quem o Arcanjo São Gabriel chamou de "cheia de graça" e Santa Isabel, de "bendita entre tôdas as mulheres". Com isso não fazemos mais do que cumprir um dever de estrita justiça, oferecendo nossa devoção fervorosa a quem é a Mãe de Deus e nossa Mãe Santíssima.

Contemplamos, nós católicos, a Jesus e, cheios de admiração e amor por Ele, exclamamos com aquela mulher hebréia: "Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram" (Lc 11,27).

Tributamos-lhe, pois, todo nosso culto. Menos o culto de adoração, que só se deve a Deus (').

Tênicamente falando, o tipo de culto que tributamos a Maria Santíssima recebe o nome de hiperdulia; inferior ao culto de latria, que só se tributa a Deus, porém superior ao culto de dulia, tributado aos Santos.

Honramos a Maria Santíssima, invocamo-la e a amamos com todo fervor; porém *não chegamos a adorá-la*. Se houver algum devocionário popular que fale, coisa certamente reprovável, em "adoração" à Santíssima Virgem, saiba-se que dará ao termo uma significação muito larga; do mesmo modo que, na linguagem corrente, se diz: adoro-te, eu te idolatro, para significar: amo-te, eu te reverencio...

Se um católico "adorasse", no sentido estrito da palavra, a Maria Santíssima, cometeria um erro colossal. Porém isso, estejam tranqüilos os protestantes, ninguém o faz.

Fica, pois, eliminada outra das dificuldades mais correntes que nos opõem os protestantes, a de que "adoramos" a Maria Santíssima.

c) QUEM SÃO OS SANTOS.

Os Santos que hoje gozam de Deus no céu foram homens e mulheres como nós, no que toca à natureza humana que nos é comum. Porém, o heroísmo de suas virtudes, seu talhe moral, fizeram-nos superiores a nós, como

(') Ramiro de Maeztu, o grande pensador espanhol cuja volta ao catolicismo produziu grande repercussão, diz assim de si mesmo: "Não voltei ao culto da Virgem por meio de considerações intelectuais, mas por exigências do coração. Sempre julguei lógico que a Encarnação fôsse preparada pela pureza do caminho, escolhendo-se para isso uma mulher imaculada e livre do pecado original; porém a necessidade de dirigir a Ela minhas orações não nasceu desse pensamento mas das chamas e das cinzas de minhas próprias paixões. Quando se recolhe delas, como é inevitável, a amargura de um grande desengano, é necessário que surja algum estímulo ou conforto que nos levante de nossa queda, sob pena de uma degradação definitiva. Nenhum Jêles pode comparar-se ao influxo que, em casos tais, pode exercer uma sombra branca, uma beleza moral pura que redime ao recordar-nos que, apesar de tudo, somos seus..." Cf. "Hombres que vuelven a la Iglesia", Severin Lamping, ed. Espasa.

é superior ao simples cidadão, que cumpre seus deveres sem maior trabalho, um prócer ou um sábio.

Mais ainda; os Santos têm uma característica que os distingue dos demais homens, a faculdade de fazer milagres.

Deus Nosso Senhor se compraz freqüentemente em permitir que se suspendam as leis da natureza em honra ou por intercessão de determinados servos seus. E os homens, ao conhecerem essa Providência especial de Deus em favor dos Santos, pedem e obtêm graças extraordinárias pela intercessão dos mesmos.

Sabemos de sobra os católicos, que o único Mediador é Jesus Cristo, conforme aquelas palavras de São Paulo na 1ª Epístola a Timóteo, capítulo 2, versículo 5; mas não olvidamos a passagem de São Mateus, capítulo 18, versículo 10, nem a de São João, capítulo 19, versículo 27, pelas quais sabemos que Jesus se compraz em que nossos pedidos lhe sejam apresentados pelas mãos de sua Mãe Santíssima e a instâncias de seus amigos os Santos, muitos dos quais viveram e morreram entre tormentos na defesa de seu Nome bendito.

d) O CULTO DOS SANTOS.

Tal como se disse ao falar do culto a Maria Santíssima, devemos render também culto aos Santos; não porém o culto de maior hierarquia, como o de latria ou de adoração. Tão pouco podemos tributar-lhes um culto semelhante ao que oferecemos à Mãe de Deus, ou seja o culto de hiperdulia.

Nosso culto aos Santos há de ser menor que o que tributamos a Deus e à Santíssima Virgem, porém muito maior que o culto civil que dispensamos a nossos seres queridos e aos antepassados. Nunca se há de converter, portanto, em adoração propriamente dita. Veneração, sim. Adoração, não.

e) RELÍQUIAS E IMAGENS.

Para compreender em todo seu significado o verdadeiro sentido de nosso culto às relíquias e imagens de Santos, nada melhor do que transcrever uns parágrafos da sessão XXV do Concílio Tridentino, encerrado em 1563, quando os erros protestantes sobre esse particular se espalharam por várias nações da Europa.

Esta é a doutrina do Concílio e da Igreja a respeito: "Os corpos dos santos Mártires e dos demais que reinam com Cristo, que outrora foram membros de Cristo e templos do Espírito Santo, devem ser venerados pelos fiéis, pois os homens obtêm por seu intermédio muitos benefícios de Deus.

O Concílio, — prossegue o documento, — ordena que as imagens de Cristo, da Virgem Mãe de Deus e dos outros Santos, sejam colocadas e guardadas nas igrejas e se lhes rendam a honra e a reverência devidas, *não porque se creia que nelas há alguma divindade ou virtude* em vista da qual se lhes deva prestar culto ou pedir alguma coisa, ou pôr a confiança nelas, como faziam antigamente os gentios que punham suas esperanças nos ídolos, *mas porque a honra tributada a elas se refere aos que essas imagens representam*; de tal maneira que pelas imagens que beijamos e ante as quais nos ajoelhamos, adoramos a Cristo e veneramos aos Santos, cuja semelhança possuem".

Faz quatro séculos que os católicos ouvem estas mesmas palavras. Faz vinte séculos que as estamos praticando. Por que os protestantes se obstinam em dizer que adoramos as relíquias dos Santos ou suas imagens? Ou será que não se pode render um culto que não seja de adoração?

Bem sabemos que estava proibido aos judeus do Antigo Testamento fazer imagens de seus Santos e prestar-lhes culto. É verdade que, apesar disso, renderam com merecimento um quase culto aos Anjos, enviados do Senhor e a certos homens de virtudes excepcionais, como pode ver-se lendo: Gênesis, capítulo 20, versículos 7 e 17; capítulo 49, versículos 29 a 33; Tobias, capítulo 12, versículo 12; Jó, capítulo 5, versículo 1; capítulo 42, versículo 8 etc.

Porém esta proibição foi feita aos judeus não por ser intrinsecamente mau render culto a um Santo representado por uma imagem, já que, segundo nos dizia há pouco o Tridentino, "a honra tributada às imagens se refere aos que estas imagens representam", mas porque havia o perigo de caírem os judeus em idolatria semelhante à dos povos pagãos que os rodeavam.

Render culto não é adorar, havemos de repeti-lo até cansarmos.

A) Possuímos, por exemplo, a fotografia de nossa mãe ou de um ser querido ausente. Beijamo-la, guardamo-la com carinho por mais amarelecida que esteja e a pessoa ali representada use trajos fora da moda etc. Não é certamente ao papel fotográfico que dirigimos nosso afeto, é à pessoa nêle representada.

Temos também em nossas igrejas imagens de todo tipo, algumas delas com a idade de muitos séculos. Vamos, assim, à Catedral de Lugo e ali encontramos uma imagem de Maria Santíssima, a dos Olhos Grandes, ante a qual São Pedro Mezonzo compôs o Salve. Pois bem; movidos pelo amor à nossa Mãe Celestial e comovidos com a recordação de que ante essa imagem se compôs uma oração tão bela como o Salve, inclinamo-nos, ajoelhamos e rezamos com fervor, não àquele pedaço de madeira mais ou menos belo, mas a Maria Santíssima que, do céu, volve seus olhos misericordiosos para nós.

Vamos a Luján e ali encontramos a imagenzinha da Virgem, que quis ficar conosco para encher-nos de benefícios. O mesmo podemos dizer de Monserrate, da Aparicida e tantas imagens milagrosas que a cristandade possui.

B) E o que se diz de uma fotografia ou de uma imagem com igual ou maior razão se há de dizer de uma relíquia ou de um objeto que conserve para nós recordações queridas: a caneta que meu falecido pai usava, a cadeira em que se sentava um antepassado ilustre, os escritos de um Santo, as roupas que usou um mártir; mais ainda, um pequeno fragmento de osso, um pedacinho daquele corpo que deu tanta glória ao Senhor durante sua vida mortal.

São relíquias estas de inestimável valor para quem pense sem preconceitos (Veja-se IV Reis, cap. 13, em que se narra como o contacto só das relíquias de Eliseu foi suficiente para ressuscitar um morto).

Guardamos cuidadosamente as relíquias dos seres queridos e as veneramos; a umas, às dos heróis ou dos antepassados, com culto civil; a outras, às dos Santos, com culto religioso. Mas não adoramos a nenhuma delas.

f) TEMPLOS CATÓLICOS E TEMPLOS PROTESTANTES.

Nas igrejas católicas está, antes de tudo, Jesus Sacramentado, presente, vivo e verdadeiro, no Sacrário. Além de contar com a presença dêsse Augusto Senhor, nossas igrejas possuem imagens ou representações de sua divina pessoa, assim como efígies de Maria Santíssima e dos Santos e Santas que nos precederam com o exemplo de uma vida íntegra ou do arrependimento sincero.

Os templos protestantes são frios. Nêles não há o calor que irradia Jesus-Eucaristia, nosso Pai e nosso Irmão. Não há nêles a imagem de Maria Santíssima, nossa Mãe, que consola e dá alento, infunde com sua recordação a idéia da pureza e da humildade. Não há aí a representação de um São José, modelo de operário paciente; não se vêem nem Madalena, nem Santo Agostinho, confirmando-nos que "mais ama aquêle a quem mais foi perdoado". O ministro de Deus não vê a imagem do santo Cura d'Arce, mortificado e cheio de zêlo pelas almas; o rico não vê a um São Francisco de Assis, que se despoja de tudo para vestir-se de Deus; a jovem não encontra a figura da Mártir da Pureza, Maria Goretti, a jovem contemporânea que procurou cobrir com seu sangue a impureza de nosso século...

O Santo crucifixo e a Bíblia Sagrada dos templos protestantes e dos lugares de seu culto não são suficientes para mover nossa alma, que não atua senão por meio dos sentidos. Foi isto o que já haviam compreendido os cristãos das Catacumbas, que decoravam suas capelas com repre-

sentações piedosas de Jesus, de Maria e demais personagens bíblicos.

O fato de o Segundo Concílio de Nicéia ter anatematizado, no ano de 787, aos iconoclastas (destrutores de imagens) fala bastante claro sobre a legitimidade e antiguidade do culto das imagens.

Por outra parte, se Deus não quisesse que rendêssemos culto às imagens dos Santos, bastaria que não fizesse milagres em favor de quem, ante elas, implora sua graça. Seria suficiente que Deus não concedesse milagres frequentes aos que acodem a tal Santuário, em que se venera determinada relíquia ou determinada imagem de Santo, para que bem depressa tal Santuário ficasse sem devotos. Mas, o caso é que Deus se compraz em fazer milagres precisamente por intercessão de determinado Santo ou de Maria Santíssima, venerada sob determinada invocação; isto significa que êle aprova o culto que tributamos a essas imagens.

Milagres! ouço o protestante racionalista dizer: Histórias de mulherzinhas históricas e não milagres!

Não é assim, respondemos. Falamos de verdadeiros milagres, de uma autêntica e comprovada suspensão das leis naturais, quando, por exemplo, os tecidos necrosados de um enfêrmo incurável recobram instantâneamente sua vitalidade e louçania...

Há uma anedota em que aparece um sacerdote católico dialogando com um pastor protestante; um afirma a existência dos milagres, o outro a nega.

Como estão em Roma, o sacerdote convida o pastor a examinar no Arquivo do Vaticano o processo de canonização de determinado Santo. O pastor acede, examina minuciosamente a documentação referente a um dos milagres apresentados (uma cura repentina), verifica as declarações dos médicos, radiografias, biopsias, um tumor evidente, com ramificações... Constata a minuciosidade e garantia dos testemunhos e por fim, exclama vencido: se todos os milagres admitidos pelos católicos forem como êste, não terei mais dificuldade alguma em aceitá-los. Ao que o sacerdote replica: pois saiba que êste é precisamente

um dos milagres que foram recusados pela Sagrada Congregação por não ter preenchido os requisitos indispensáveis para ser aceito oficialmente como milagre absolutamente provado...

QUESTIONÁRIO

De quando data a devoção a Maria Santíssima? Essa devoção foi muito impugnada? Que afirmam os protestantes, levados por seu afã de inovar? Os protestantes são justos para com a Mãe de Jesus, nosso Redentor?

a) A respeito da maternidade de Maria Santíssima, que afirma o primeiro capítulo do Evangelho segundo São Mateus? Enunciar um argumento brevíssimo que prove que Maria é Mãe de Deus. Quais são as objeções protestantes mais comuns contra a perpétua virgindade de Maria Santíssima? O primeiro capítulo de São Lucas afirma taxativamente que Maria Santíssima permaneceu virgem depois do nascimento de Jesus? Que razões provam essa verdade até à evidência?

b) O culto a Maria Santíssima é algo de super-rogoratório ou é de estrita justiça? Cumpre um dever o cristão que adora à Santíssima Virgem?

c) Que se entende por um "Santo"? Qual é a prova mais clara a favor da santidade de um varão ilustre?

d) Que tipo de culto tributamos aos Santos?

e) As imagens e relíquias dos Santos têm em si mesmas alguma virtude especial? Por que, então, tributamos um culto mais obsequioso a certas imagens e relíquias, preferindo-as a outras? Há no Antigo Testamento casos de culto aos Anjos e a Santos? Citar alguns exemplos de culto, veneração e estima tributados a heróis e a pessoas queridas, que não seja precisamente adoração.

f) Diferença entre os templos católicos e os protestantes. De que modo Deus aprova o culto a determinadas imagens ou Santuários? Anedota a respeito da autenticidade dos milagres.

OITAVA LIÇÃO

O SUMO PONTÍFICE

“E eu te digo a ti, que és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as fôrças do Inferno não prevalecerão contra ela”.

(Mt 16,18).

Ao tratarmos nas lições anteriores do magistério eclesiástico, dedicamos alguns parágrafos ao Bispo de Roma, ao Sumo Pontífice.

Provamos, então, com argumentos tirados da Bíblia Sagrada, que Nosso Senhor decidiu conceder a São Pedro a chefia da Igreja que nascia; que, para êsse fim, o dotou dos poderes necessários, entre os quais sobressai o de definir infalivelmente, sob certas condições, em matéria de fé e costumes; que os Apóstolos, depois da morte de Jesus, accitaram sem restrições sua suprema autoridade e que, por fim — o que é mais importante — êsses poderes não eram privativos de Pedro como pessoa particular, mas foram conferidos ao cargo de Supremo Pastor.

Assim sempre o entendeu a Santa Igreja de Deus, como se prova com antiquíssimos documentos.

Para não repetir aqui o que já foi dito, recomendamos aos que fazem êste curso que releiam tudo o que a isso se refere nas letras d), e) e f) 5ª Lição sôbre o Magistério Eclesiástico.

E passamos a escrever algumas reflexões que podem servir para dissipar certos preconceitos que têm os protestantes sôbre o assunto.

a) O PAPA NÃO É IMUNE AO PECADO.

Crêem muitos protestantes que nós, levados por uma submissão exorbitante ao Papa, afirmamos que ele é algo assim como um deus.

Puro absurdo. O Sumo Pontífice, eleito sob a assistência do Espírito Santo entre milhões de homens para chefe da Igreja, está claro que há de ser, como pessoa particular, um modelo de virtudes e de ciência. Porém, de modo nenhum o consideramos impecável; tanto é assim que admitimos sem dificuldade que houve Papas cuja vida particular deixou bastante a desejar.

A êsse respeito, consignaremos os seguintes fatos significativos, tomado ao acaso: na Catedral de Tuy, em Espanha, há um retábulo, que data de 1718, em que aparecem representados o Céu, o Inferno, o Purgatório e o Limbo. Pois bem; entre as almas que gemem no Purgatório, o artista não hesitou em colocar sacerdotes, religiosos e até um Papa. Mais ainda; Dante, em seu poema teológico "Divina Comédia", pôs um Papa no Inferno...

Isso dispensa comentários.

O Sumo Pontífice está, como qualquer mortal, na possibilidade de cair em faltas. Por isso, confessa-se periodicamente e recebe, como qualquer cristão, absolvição das imperfeições que tiver cometido.

Portanto, *o Papa não é impecável; mas é infalível.*

Como isto é possível? Já o dissemos na 5ª lição. Em determinadas e contadíssimas ocasiões, falando "ex cathedra", sob uma iluminação especial do Espírito Santo, o Papa goza do privilégio da infalibilidade. Não se trata, pois, de que o Pontífice Romano passe o dia fazendo de suas opiniões novos dogmas de fé.

A infalibilidade não é uma prerrogativa "pessoal", mas "oficial" do cargo. Quando o exige sua função de Supremo Pastor, o Papa é infalível; não para seu bem, mas para o bem da Igreja. Quando suas funções não exigem a infalibilidade, então sua opinião é, evidentemente, de grande autoridade, porém não é infalível.

Como corolário, diremos que a maioria dos Papas

passou seu pontificado sem falar nem uma só vez "ex cathedra". A êsse respeito, repetimos, os protestantes podem ficar tranquilos.

b) O PODER TEMPORAL.

É um fato que, no passado, os Sumos Pontífices exerceram poder temporal sobre regiões mais ou menos extensas da Itália. Tal proceder, no sentir de alguns, se opõe à pobreza evangélica; sobretudo, àquela frase de Jesus: "Meu reino não é deste mundo" (Jo 18,36).

Vejamos até que ponto se justificam essas críticas.

A) O poder temporal *não é indispensável* à Igreja, visto que ela exerce em primeiro lugar um poder espiritual. A Igreja de Cristo não se mantém sobre baionetas, nem com os impostos do povo; quem a sustenta é a assistência do Espírito Santo.

B) Porém o poder temporal do Sumo Pontífice sobre um Estado livre *é muito conveniente ao exercício* do poder espiritual. Se o Papa governasse as almas, residindo em território sujeito ao domínio de uma nação estrangeira, seria muito possível que o senhor de tal território pretendesse influir nas decisões do Pontífice. Com grande detrimen- to, claro está, para a Igreja.

Portanto, é muito conveniente que o Papa seja dono e senhor de si mesmo e do território em que exerce suas funções de Supremo Pastor (1).

Admitidos êstes dois princípios, vejamos o que nos diz a História.

Nos primeiros séculos, os Papas não possuíram nenhuma propriedade. Não eram chefes de nenhum Estado e se conduziam como súditos.

(1) Transcrevemos a seguir umas frases de S. S. Pio IX, pronunciadas a 20 de abril de 1849, quando ainda não se havia suscitado o problema da expoliação dos Estados Pontifícios: "Jamais acorreriam com devoção e confiança ao Bispo de Roma os povos, os reis e as nações, se o vissem sujeito a um Soberano ou a um Governo, sem plena liberdade e independência plena. Sempre nasceria nêles a suspeita de que o Papa agia influenciado pelo Soberano ou pelo Governo do território em que residisse e, sob êsse pretexto, os Decretos Pontifícios seriam desobedecidos".

Pouco a pouco, diversas doações foram fundando e aumentando o patrimônio da igreja de Roma; a ponto que já no século VIII se podia dizer que o Sumo Pontífice era o Senhor de Roma. No decurso dos tempos, os Papas foram enriquecendo a Cidade Eterna com monumentos de arte; em muitas ocasiões, tiveram de defendê-la contra exércitos invasores.

Houve, contudo, um lapso de tempo, do ano 1305 ao ano 1376, em que os Papas deixaram Roma para estabelecer-se em Avinhão, na França. Êsses anos provaram quanto é desvantajoso que os Sumos Pontífices estejam sujeitos a uma ingerência estranha. Conforme notamos antes, uma das raízes do aparecimento do Protestantismo foi o descrédito da Igreja durante êsses anos do "Destêrro de Avinhão".

Com diversos altos e baixos, chegou a história do Papado até 20 de setembro de 1870, dia em que as tropas aliadas da Itália penetraram em Roma, obrigando o Papa a encerrar-se no Vaticano. Ali permaneceram os Sumos Pontífices na qualidade de prisioneiros até que se firmaram, no dia 11 de fevereiro de 1929, um Tratado e uma Concordata entre a Santa Sé e o Governo Italiano, pelos quais se reconhecia a independência e soberania do Estado do Vaticano e se adotou um estatuto de amplas garantias para a Igreja na Itália.

Ao aceitar a tremenda redução dos antigos Estados Pontifícios da Igreja, ao punhado de quilômetros quadrados de que consta o Estado do Vaticano, o Sumo Pontífice PIO XI demonstrou praticamente que "seu reino não era dêste mundo". E que a Igreja não almejava posses territoriais, mas garantias para poder exercer livremente sua missão espiritual.

Voltou o Papa a ser, hoje como antes, um Soberano temporal. Em todo caso, o fato não há de ser motivo de temor para outros Soberanos temporais. O Estado do Papa é reduzidíssimo, apenas simbólico. A interferência do Vaticano em coisas políticas é nula. Cuida, sim, o Pontífice Romano dos interesses das almas em todo o mundo. Porém é ridícula a afirmação de que admitir a um Le-

gado Papal seja instalar no país um governante estrangeiro...

c) A POMPA.

Uma palavra sôbre a pompa da côrte papal: os cardeais, a sédia-gestatória, os guardas suíços...

Vê-se que os que impugnaram a pompa pontificia nunca estiveram no Vaticano. Não há dúvida de que, se assistissem a alguma das grandes cerimônias que se realizam na Basílica de São Pedro, mudariam de idéia.

Vamos copiar, por muito oportuna, a opinião de *um protestante* sôbre a sédia-gestatória, espécie de trono portátil sôbre o qual o Sumo Pontífice é transportado nas grandes solenidades. "Quanto à sédia-gestatória, é a única coisa que se pode fazer, quando mais não seja para que se possa ver o Papa..." (Richard Barmann, em "Peregrinação a Roma").

No Vaticano, conserva-se a pompa da côrte papal única e exclusivamente para realçar as cerimônias do culto e como homenagem ao Vigário de Cristo na terra.

O Papa João XXIII, gloriosamente reinante, é reconhecidamente simples e modesto. Porém, nem por isso suprime o cerimonial externo vigente, pois sabe que essas honras não são tributadas pessoalmente a êle, mas ao Vigário de Cristo.

Por outra parte, sob o ponto de vista econômico, êsse aparato externo exige *despesas sumamente reduzidas*, que não pesam demasiado nem à Igreja, nem ao Papado.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar algumas razões que justificam a *pompa do culto divino em geral* e podem servir para solucionar um bom número de dificuldades dos protestantes.

A) Antes de tudo, há de ter-se em conta que somos humanos; nosso conhecimento começa pelos sentidos. O aparato do culto externo serve para suscitar em nós a idéia da grandiosidade dos atos que se realizam.

B) Além disso, o esplendor do culto é, sobretudo,

uma oferenda a Deus. Deus merece nosso incenso, nossos ricos paramentos, a prata de nossos altares, as harmonias de nossos coros, o som de nossos sinos, a majestade de nossos templos. E muito mais.

C) A tendência moderna, lembram-nos às vezes, favorece a simplicidade; por isso, certas "cerimônias" parecem fora de moda...

Em parte é verdade, responderemos. Poder-se-ia, então, talvez, ir reduzindo a pompa puramente externa do culto, *contanto que se fôsse suprindo essa carência* com uma participação maior do entendimento e uma oblação mais pura do espírito. Porém, suprimir-se totalmente a pompa do culto, jamais. O homem terá sempre de prestar culto externo a Deus e terá de rodear êsse culto de uma pompa que signifique a entrega total à Divindade de sua pessoa e do melhor que possuir.

d) A DEVOÇÃO AO PONTÍFICE ROMANO.

Encerramos esta lição justificando o amor arraigado que professamos pelo Papa todos os católicos do mundo.

O Sumo Pontífice é, antes de tudo, o Chefe da Igreja, nosso guia, nosso pai. Ocupa o lugar que Jesus ocupava entre seus Apóstolos e Discípulos; é o Vigário, o Representante de Cristo na terra.

O Pontífice Romano sempre recebeu, no decorrer dos séculos, o preito de homenagem de todos os católicos, mesmo nos tempos em que as guerras, as ambições territoriais e mesmo o proceder repreensível dos Papas deveriam afastar os católicos de seu Chefe Supremo. Haveria, então, menos amor; porém sempre o mesmo acatamento e o mesmo respeito pelo papel de que está investido.

Nossa época, graças sejam dadas a Deus, tem sido marcada por pontificados de Papas santos. Há poucos anos foi elevado aos altares o Santo Papa Pio X, que governou neste nosso século. Há pouco acabou de falecer quem o canonizou e muitos corações esperam na cristandade que não tardará o dia em que o Santo Padre Pio XII será proposto ao culto público dos fiéis.

A vida longa do Santo Padre João XXIII tem sido toda ela consagrada ao serviço de Deus e de sua Igreja. Por onde tem passado, deixou a amizade e a gratidão dos que conquistou com sua bondade paternal. E nos primeiros meses de seu pontificado já abriu o caminho para a grande unidade de todos os cristãos, convocando o Concílio Ecumênico que terá como divisa "Um só rebanho e um só Pastor".

QUESTIONÁRIO

Como justifica o Pontífice Romano a posse das prerrogativas de que hoje goza?

a) O Papa é impecável? Houve algum Papa que, como tal, haja faltado a seus deveres? Estabelecer bem a diferença entre a pessoa do Papa e o ofício que exerce. Citar algum exemplo em que se veja que os católicos não consideramos o Papa como um deus de perfeição absoluta. O Sumo Pontífice pode ser infalível sem ser impecável? Deve-se afirmar a infalibilidade pontifícia? Se o Papa se puser a sentenciar sobre geografia, política etc., não haverá perigo de que se engane?

b) Convém ou não que os Papas gozem de poder temporal? Que diz a História a respeito? Que nos recorda a data de 20 de setembro de 1870? Que se contratou em 1929 entre a Santa Sé e o Governo da Itália?

c) Por que causa o Sumo Pontífice admite a pompa na corte vaticana? Que razões justificam o esplendor externo do culto divino em geral?

d) Em épocas turbulentas para o Papado, faltou a submissão e o preito de homenagem dos católicos ao Pontífice Romano? Em que se baseia nossa devoção ao Papado em geral e ao Papa atual, em particular?

NONA LIÇÃO

A CONFISSÃO

“Dizendo isto, soprou e lhes disse: Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”.

(Jo 20,22-23).

Uma das inovações mais fundamentais de Martinho Lutero foi suprimir o Sacramento da Penitência ou Confissão.

De fato, por mais que as palavras de Cristo sejam bem claras, não salta aos olhos de quem lê os Textos Sagrados a instituição da Confissão-sacramento tal como se praticava nos tempos de Lutero, se pratica e se praticou sempre na Igreja Latina, salvo modificações acidentais.

Em todo caso, suponhamos que a um senhor chamado Lutero ou a qualquer outro senhor se apresentassem dificuldades para interpretar as passagens bíblicas referentes à Confissão. Ante êsse fato, qual seria o procedimento reto de quem desejasse conhecer a exegese verdadeira dêsses textos, o sentido genuíno que lhes quis imprimir Cristo Nosso Senhor? Ora, o mais lógico para se conhecer a verdade seria indagar como interpretaram êsses textos os teólogos cristãos, sobretudo os dos primeiros séculos.

Lutero não quis saber nada disso. Não só desprezou a doutrina dos Santos Padres e a prática sempre seguida pela Igreja, mas condenou severamente, ao menos nos primeiros anos de sua luta religiosa, a Confissão auricular, ou seja, a Confissão feita de viva voz ao Sacerdote.

Para dizer a verdade, não lhe era possível manter como confessores aos clérigos apóstatas, geralmente de

maus costumes, unidos pela maior parte em concubinato sacrílego; pois tais foram, com raras exceções, os primeiros pregadores do "Novo Evangelho". Quem lhes teria o respeito e a confiança necessária para confiar-lhes suas culpas e pedir-lhes conselho nos tranSES difíceis?

Além disso, a supressão da Confissão, Sacramento que é de si gravoso, quadrava perfeitamente para "facilitar" o ingresso na nova Igreja.

A razão teológica em que Lutero fundou a dita supressão, apresentá-la-emos ao falar da justificação pela fé somente.

a) QUE DIZ A BÍBLIA SAGRADA.

No Livro dos Números, encontra-se algo assim como um prenúncio da Confissão. Moisés diz, na parte de Deus: "*Quando um homem ou uma mulher cometer algum pecado dos que podem acontecer aos homens e, por negligência, traspassar o mandato do Senhor e delinquir, confessará seu pecado e restituirá o capital, e dará a mais uma quinta parte àquele contra quem tiver pecado*" (Núm 5,6-7). Como se fala em seguida da participação dos Sacerdotes nesses assuntos, parece que essa confissão teria de fazer-se aos mesmos. Não oferecemos, porém, êste texto como argumento.

A) Tomando agora palavras de Cristo, referimo-nos à passagem em que confere a São Pedro o Primado na Igreja. Diz assim o conhecido texto de São Mateus, capítulo 16, versículo 19: "*Eu te darei as chaves do reino dos céus; quanto atares na terra será atado nos céus e quanto desatares na terra será desatado nos céus*". Do que se deduz: se o Primado inclui pleno poder para atar e desatar na terra e, por via de consequência, nos céus, também desatar dos laços do pecado, a quem, dadas suas disposições exteriores, parece merecer o perdão; e não perdoando, não desatando, a quem conste não encontrar-se disposto.

Daqui deriva a doutrina dos "pecados reservados", ou seja, da faculdade que o Papa tem de reservar para si (ou reservar para os Bispos, bem como para determinados Sa-

cerdotes) o poder de perdoar certo tipo de pecados, como poderiam ser, por exemplo, o pecado de sacrilégio perpetrado contra as Sagradas Espécies Eucarísticas (o Papa reserva para si mesmo o perdoar êsse pecado) ou bem o pecado do abôrto (êste pecado está reservado ao Bispo, só o podendo perdoar êle e certos e determinados Sacerdotes) etc. etc.

O Sumo Pontífice, pois, de acôrdo com o direito e a obrigação que emanam das palavras de Cristo, ata e desata, pode perdoar os pecados ou recusar o perdão.

B) Um poder semelhante foi, primeiro, prometido e, em seguida, dado por Cristo aos Apóstolos. As mesmas palavras que Jesus empregara com São Pedro ao referir-se à sua dignidade no Primado, empregou-as depois falando com os Apóstolos.

Assim o relata São Mateus no capítulo 18, versículo 18: "*Em verdade vos digo, quanto atardes na terra será atado nos céus e quanto desatardes na terra será desatado nos céus*". Isto equivale a dizer que o mesmo direito e a mesma obrigação de atar e desatar no fôro das consciências, que concedeu a Pedro, concede também aos Apóstolos; sempre, claro está, debaixo da autoridade e dentro dos limites que o Chefe da Igreja demarcar.

C) As passagens citadas, embora de interpretação claríssima para o católico, dão margem, contudo, a que os protestantes façam uma interpretação tortuosa. Mas o texto que citaremos a seguir não pode dar lugar a dúvidas: o Senhor, de livre vontade, confere aos continuadores de sua obra os mesmos poderes que Êle tem e, entre êsses, explicitamente o de perdoar pecados.

Para que se compreenda melhor essa passagem, adiantamos que se refere a um dos aparecimentos de Jesus ressuscitado a seus discípulos, no Cenáculo.

Diz assim o texto de São João, capítulo 20, versículos 19 a 23: "*Estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por temor aos judeus, veio Jesus e pôs-se no meio dêles, e lhes disse: A paz seja convosco. . . E os discípulos se alegraram vendo o Senhor. Disse-lhes outra vez: A paz seja convosco. Como meu Pai me en-*

viou, assim eu vos envio. E, dizendo isto, soprou e lhes disse: Recebei o Espírito Santo; a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”.

Um pouco de exegese.

Salta aos olhos que Jesus quis dar ao acontecimento uma solenidade especial. Aparece milagrosamente no Cenáculo, diz duas vezes aos Apóstolos: A paz seja convosco. Em seguida, confere-lhes de modo geral as mesmas faculdades que Ele havia recebido do Pai, sobretudo em favor dos pecadores (“*não vim salvar os justos, mas os pecadores*”, Mt 9,13); sopra depois, como querendo infundir algo muito profundo de si mesmo e lhes diz “*recebei o Espírito Santo*”. Muito precisavam dêle os Apóstolos para exercerem com retidão o difícil ministério do Sacramento da Penitência. E, por fim, sem usar metáfora alguma, lhes confere, em particular, a faculdade de absolver, dizendo-lhes abertamente: “*A quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados...*” Mais ainda; ao dizer-lhes: “*A quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos*”, o Mestre nos está indicando a obrigação de recorrermos aos Apóstolos, que julgarão se somos ou não merecedores de perdão.

Poderia o Senhor ser mais explícito? É possível que um protestante, lendo sem preconceitos êsse texto, não se convença da instituição divina do Sacramento da Penitência? Claro que Jesus poderia ter dito: “todo fiel fará um exame de consciência e se apresentará ao Sacerdote, a quem confessará seus pecados para que êste lhe dê a absolvição”.

Mas o caso é que Cristo sempre pregou sua doutrina em termos gerais; por outra parte, muitos pontos da mesma não constam explicitamente nas Sagradas Escrituras, como já dissemos e repetiremos quantas vezes seja necessário. Não esqueçamos de que, depois da Ressurreição, apareceu a seus Apóstolos e lhes falou longamente da constituição definitiva de sua Igreja (At 1,3). Além de lhes ter deixado ampla liberdade para constituírem e regulamentarem a Igreja conforme seu critério, sob a proteção do Espírito Santo...

Resta dizer que êsse poder de perdoar, como todos os que Cristo conferiu a São Pedro e aos Apóstolos, não era privativo dêstes, mas era *um poder anexo ao cargo*, para o bem da Igreja, como se disse na 5ª Lição. Tanto êles, quanto seus sucessores até a consumação dos séculos, terão êsse poder. Por outra parte e dada nossa natureza decaída, nunca faltarão pecadores que precisem aproveitar-se dêles.

b) O QUE DIZ A TRADIÇÃO.

Embora pouco valha falar a protestantes sôbre os teólogos dos primeiros séculos do cristianismo, contudo vamos transcrever alguns parágrafos de seus escritos, tomados quase ao acaso, relativos à Confissão.

São Policarpo dizia assim, no ano 107 de nossa era, em sua carta aos Filipenses, 6,1: “Os presbíteros sejam inclinados à compaixão, misericordiosos, *não demasiados severos no juízo* (da Confissão), já que todos somos réus de pecado”.

São Cipriano, pelo ano de 251, em seu Tratado sôbre os pecadores, 29, assim se exprimia: “Rogo-vos, irmãos, que cada qual confesse seus delitos enquanto vive neste século, enquanto pode confessar-se, enquanto *o perdão e a penitência dados pelos Sacerdotes são gratos ao Senhor*”.

São João Crisóstomo, no ano de 381, dizia em seu livro sôbre o Sacerdócio 3,5 e 6: “Os Sacerdotes receberam um poder que Deus não deu nem aos Anjos, nem aos Arcanjos. A êstes, não lhes disse: quanto atardes na terra será atado nos céus e quanto desatardes na terra será desatado nos céus... Limpar da lepra do corpo, ou melhor, não limpar, mas declarar que estavam limpos, era poder dos sacerdotes judeus; mesmo assim, já vêdes que significava isto para êles. Porém nossos Sacerdotes receberam o poder *não só de declarar a limpeza*, mas positivamente de limpar; e não as manchas do corpo, mas as da alma”.

Conhecidos êstes textos tão antigos, dos anos de 107, 251 e 381, como o protestante pode dizer que a Confissão é uma invenção da Idade Média?

A mais constante Tradição divina depõe a favor do "creio no perdão dos pecados" dado pelo Sacerdote no santo tribunal da Penitência. Até as próprias igrejas heterodoxas orientais, que se foram separando da Igreja Católica, têm conservado a confissão auricular.

c) A CONFISSÃO DURANTE OS PRIMEIROS SÉCULOS.

A disciplina externa do Sacramento da Confissão não tem sido sempre a mesma na Igreja de Cristo.

Entendamo-nos. O essencial da Confissão, ou seja, o submeter os pecados ao Sacerdote para o fim de obter o perdão dos mesmos, permaneceu inalterado no correr dos tempos. Mudou, isso sim, o exterior; por exemplo, a frequência em confessar-se, o vulto da penitência, a forma de administrar-se o Sacramento etc.

Por exemplo, antigamente a Confissão se praticava com pouca frequência. Mais tarde, os Padres do IV Concílio Lateranense, no ano de 1215, mandaram que todos que haviam chegado ao uso da razão se confessassem, ao menos, uma vez por ano. Hoje, aconselha-se a Confissão freqüente, como meio muito proveitoso para a própria santificação.

Além disso, nos primeiros séculos se usava de grande severidade. Aos réus de apostasia, de adultério e homicídio, que se chamavam "*pecados canônicos*", impunha-se uma penitência de graves penas, geralmente públicas, como poderiam ser: dar esmolas copiosas, praticar jejuns rigorosos, vestir trajos de penitente e postar-se por muito tempo nas portas das igrejas etc. Hoje, em troca, as penitências sacramentais que se costumam impor são muito pequenas.

Muito mudou a própria forma de proceder-se ao juízo; a Confissão é um julgamento, em que o réu é quem se confessa e o juiz é o Sacerdote. Nos tempos apostólicos, afirmam alguns investigadores, os pecados públicos deviam confessar-se publicamente; os pecados ocultos confessavam-se privadamente, mas os reincidentes em pecados públicos passavam a confessar-se em particular. Hoje, a

Confissão é sempre privada; deve fazer-se, sobretudo tratando-se de mulheres, em um confessionário situado à vista dos fiéis; entre o penitente e o Sacerdote medeia uma gradezinha e uma cortina, que permitem ouvir o que se diz, porém não ver a quem se acusa ou ao Sacerdote que absolve. Nada impede que amanhã a Igreja estabeleça, se o acreditar conveniente, outra maneira de praticar a Confissão.

Isto é, poderá modificar-se o accidental, o modo; porém o essencial, o submeter os pecados a um Sacerdote para que êle julgue e, em seguida, dê a sentença, de absolvição ou não, isso haverá sempre, como sempre houve desde que Cristo disse: "*a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos*".

d) FUNDAMENTO TEOLÓGICO DE LUTERO.

Repetimos mais uma vez que os protestantes caem freqüentemente em um erro grave de interpretação exegetica. As Sagradas Escrituras são um quadro de muitas côres; se nos empenharmos em olhar um só centímetro, veremos tudo escuro ou tudo claro. É preciso olhar para o conjunto do colorido, o enlace dos textos.

Um texto ou dois da Bíblia Sagrada, considerados separadamente de todo o corpo da doutrina, podem dar-nos uma idéia incompleta, uma verdade parcial que não é, portanto, "a verdade". (Recorde-se o que foi dito na 3ª Lição, secção d) a respeito do Salmo 13).

1. Os protestantes alegam, por exemplo, que se lê no Salmo 4: "Arrependei-vos dos pecados de vosso coração na intimidade de vossos aposentos". Por conseguinte, concluem, não é necessária a Confissão.

Mas nós lhes perguntamos: e todos os outros trechos que citamos? Por que esquecem tão facilmente as passagens em que se promete a São Pedro e aos Apóstolos o poder de atar e desatar, e aquêle outro texto em que Jesus lhes confere êsse poder, dizendo: a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos?

Além do mais, continuaríamos a dizer-lhes, está bem o arrepende-se dos pecados em particular; os católicos aconselham a prática do exame de consciência quotidiano, antes de deitar-se para dormir. Porém uma coisa não dispensa da outra. O exame e o arrependimento de cada dia não suprimem a necessidade da Confissão.

Eis aqui a frase que o apologista católico há de ter sempre à flor dos lábios: “Esse trecho que o senhor cita parece confirmar sua teoria; mas, e os outros trechos?”

2. Outros textos bíblicos aduzem os protestantes e, de certo, com mais fundamento teológico. Já os havia empregado Lutero para provar muitos pontos de sua nova teologia; são os referentes a esta tese luterana: “A pura fé fiducial, sem obras, justifica”. (Fé fiducial = *fé que confia* no perdão dos pecados pelos méritos de Cristo).

Justificar é o mesmo que tornar justo, tornar o homem agradável a Deus. Segundo a tese errônea de Lutero, a pura fé fiducial e, por conseguinte, sem necessidade da Confissão, basta para fazer do homem um justo.

Note-se que não afirmamos, glosando a Lutero, que a fé, sòzinha, apague o pecado; segundo Lutero, os pecados não se “apagam”, apenas se “ocultam” aos olhos de Deus, de modo que o homem justificado por sua fé fiducial nos méritos de Jesus Cristo, que cobrem tudo, se apresenta à Divindade como digno de sua complacência.

Pois bem, essa teoria de que “a fé sòzinha justifica”, Lutero pretende prová-la com vários textos de São Paulo, tomados à Epístola aos Romanos, todos mais ou menos como o que transcrevemos a seguir: “Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus pela mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rom 5,1).

Se não houvesse na Bíblia Sagrada nada além desse texto sobre a justificação, admitamos que provasse a tese luterana. Porém, como *há muitos outros trechos* em que, além da fé, se exigem outras disposições para a justificação e a salvação, então cai por terra tudo que se edifique sobre *um só texto* bíblico. O próprio São Paulo, em sua carta aos Gálatas, capítulo 5, versículo 6, diz, por exemplo, que a única coisa que vale em Jesus Cristo é “a fé que

opera pela caridade”. Por conseguinte, a fé sòzinha não basta. Veja-se também a 1 Cor, capítulo 13, versículos 1 e 2.

O texto do Apóstolo citado acima e outros semelhantes da mesma Epístola aos Romanos têm de ser interpretados levando em conta o propósito de São Paulo ao escrever essa carta, ou seja, provar que não é precisamente a Lei, (entenda-se bem: a Lei Mosaica), que por si mesma justifica, como afirmavam os judeus aferrados ao cumprimento da letra da Lei e que desprezavam o espírito da mesma e, sobretudo, a obra redentora de Jesus Cristo. A Lei não justifica, diz São Paulo; é a fé que justifica, graças à mediação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em última análise, esse modo de o Apóstolo expressar-se: é a fé que justifica, é uma reação lógica contra a tese judaica de que é a Lei que justifica.

Uma maneira semelhante de exprimir-se, se bem que sustentando uma tese diametralmente contrária em aparência à de São Paulo, se encontra na passagem existente em São Mateus, capítulo 7, versículo 21, em que Jesus se refere aos que o aclamavam sem pôr em prática sua doutrina, dizendo assim: “Nem todo aquêle que diz Senhor! Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquêle que faz a vontade de meu Pai que está nos céus”.

Interpretaria imperfeitamente quem comentasse assim este texto: “A entrada nos céus depende das obras, do *cumprimento da vontade do Pai* e não da fé, pois o andar dizendo a Jesus — Senhor! Senhor! supõe a fé em sua pessoa e sua missão”. Tal explicação torceria o sentido das palavras de Cristo. Pois bem, outro tanto se pode afirmar da interpretação luterana do texto de São Paulo de que tratamos.

Recomendamos que se leia a segunda metade do capítulo 2 da Epístola de São Tiago, que situa a questão no justo meio (1).

(1) “Que aproveita, meus irmãos, a alguém dizer “eu tenho fé”, se não tem obras? Poderá salvá-lo a fé? Se um irmão ou irmã estiver sem roupa e sem o alimento do dia e algum de vós lhe disser: Ide em paz que podereis aquecer-vos e fartar-vos, porém não lhe der com que satisfazer a necessidade do corpo, que proveito isso lhe daria? Assim também a fé, se não

e) A PRÁTICA DA CONFISSÃO.

Tendo passado de moda o materialismo rude em Medicina, vão os médicos de hoje concedendo cada vez mais importância à alma do enfermo como fator de cura para qualquer moléstia e os psiquiatras, por sua parte, longe de menosprezarem a Confissão sacramental, como em época já superada faziam alguns deles, a consideram agora como algo de muita importância, mesmo sob o só ponto de vista da saúde, para se manter ou conservar o equilíbrio psíquico.

1. A psicanálise, por exemplo (um pouco desacreditada pelos mercadores da psiquiatria), se baseia em algo assim como um arremêdo da Confissão. Não cogitamos da eficácia ou ineficácia dos diversos métodos empregados; mais ainda, a psicanálise freudiana foi positivamente rechaçada pela moral católica. Mas citamos êsse tipo de terapêutica unicamente porque ambos, a psicanálise moderna e a antiga Confissão, têm um ponto de contato enquanto dão importância suma à *liberação da alma mediante a manifestação exterior de "algo" que trava a vida normal do espírito.*

Liberar a alma da culpa ou do problema que a preocupa é uma necessidade impreterível para a vida espiritual e de uma eficácia importantíssima para o funcionamento regular das potências anímicas. Nós, Sacerdotes, o vemos todos os dias. Espíritos desorientados pela dúvida, abatidos por situações opressivas ou angustiados por algum delito, depõem seu problema no santo tribunal da Penitência, recebem conforto, conselho oportuno e absolvição de suas culpas, se fôr necessário, e deixam o confessor com a alma renovada, melhores e... são.

Por isso, não temos dúvida em afirmar que, aumentando o número dos confessorários, se diminuiria o número dos institutos de psicoterapia.

Porém, não confundamos. *O Sacerdote não faz psicanálise.* Não anda mergulhando na alma do penitente atrás da catarse reveladora. Escuta apenas o que se lhe

tiver obras, é por si mesma morta". Epístola de São Tiago, capítulo 2, versículos 14 a 17.

expõe, pergunta, visto que é *juiz*, sobre as circunstâncias agravantes ou atenuantes das culpas que o penitente confessa e, a seguir, *como representante de Deus*, dá o perdão; como *médico da alma*, dá o conselho e o tratamento espiritual correspondente.

2. Uma confissão bem feita deixa o homem pecador como renovado. Renovado no estrito sentido da palavra. Sua alma, antes morta pelo pecado, vive agora a vida da graça de Deus, da amizade com Deus. *Seus pecados foram apagados, suprimidos* e não somente "cobertos" à moda protestante. Essa alma, por força da absolvição do Sacerdote e supostas suas boas disposições, já é outra (Ez 18,31).

Quantos vícios se abandonam, graças à Confissão frequente, que obriga ao arrependimento e ao propósito! Quantas almas débeis ou ignorantes encontram no Confessor um verdadeiro Pai que, ao lhes chamar prudentemente a atenção, evita que incorram em desordens morais!

A quem poderá recorrer, por exemplo, o médico, o advogado, a espôsa, a menina, com inteira confiança para resolverem graves problemas profissionais, de família, de índole íntima etc., senão ao Sacerdote, que sabe ser competente devido a seus muitos estudos, venerável pelo santo ministério que exerce e de um hermetismo completo, dado o estrito segredo sacramental que o impede de fazer mesmo o mais simples comentário sobre o que ouviu?

3. Uma coisa queremos especialmente acentuar: além do exame prévio da consciência, toda confissão boa requer um arrependimento sincero dos pecados e o firme propósito de não voltar a cometê-los.

É um erro protestante, que repetidas vezes pudemos comprovar, crer que, para a Confissão católica, basta a formalidade externa de acusação ante o Sacerdote. Muito longe disso. Sem arrependimento e sem propósito, não há perdão.

Por isso, uma das obrigações do Confessor consiste precisamente em provocar no penitente indevidamente preparado o arrependimento de seus pecados e que formule um firme propósito de emenda. Se o penitente, apesar

dos conselhos do Sacerdote, se recusa a formar êsse propósito ou não se mostra arrependido de suas culpas, o Sacerdote tem a grave obrigação de não o absolver.

De modo que precisamos fazer compreender ao protestante que a Confissão não é uma mera formalidade exterior, nem um absolver automaticamente a quantos se apresentarem; a Confissão pressupõe o arrependimento e o propósito internos, que se evidenciam à Igreja e a seus ministros mediante a formalidade exterior da acusação dos pecados ao Sacerdote.

Sem arrependimento e sem propósito, não há perdão. Repetimo-lo porque esta frase serve para solucionar um bom número de preconceitos protestantes.

4. "A Confissão é invenção dos Padres", ouve-se dizer de vez em quando. Seguramente, quem diz isto ignora totalmente os benefícios que a Confissão ocasiona. Sem falarmos do desconhecimento crasso que demonstra a respeito dos textos bíblicos que citamos.

Não é assim, senhor meu. *Ouvir confissões é positivamente incômodo* para o Sacerdote. Requer um estudo prolongado e renovado da Moral, para não se errar nos juízos; as longas assentadas nos confessionários, com muita freqüência de quatro horas e mais, são uma verdadeira mortificação para o Sacerdote que, metido e quase imóvel na pequena peça que é o confessionário, tem de suportar o calor do verão e o frio do inverno. Dada a proximidade do penitente, para que se possa fazer a Confissão em voz baixa, não são raros os perigos de contágio.

Em todo caso, andou muito pouco acertado "o Padre que inventou a Confissão" para seu prazer... (1).

5. É evidente que, pouco a pouco, os próprios protestantes vão compreendendo que a Confissão auricular é altamente benéfica para a vida da alma. Daqui a conceder que é necessária, visto que ordenada por Cristo, não falta muito.

(1) "Ninguém diga que foram os funcionários da Igreja que inventaram êsse Sacramento do perdão, porque, se assim tivesse sido, humanos como são, teriam excluído a si mesmos dessa humilhação. Sem embargo, nenhum Sacerdote, nenhum Bispo, nenhum Cardeal, nem sequer o Santo Padre, está imune da necessidade da Confissão". "Paz na alma", Fulton Sheen.

Os nossos irmãos parecem convencer-se de que a "confissão direta a Deus" é uma coisa muito vaga, que nem supõe um bom exame de consciência, nem dá a plena convicção do perdão, além de privar o penitente dos conselhos oportunos. A "voz interior que fala à alma" de quem assim se confessa é de uma autenticidade muito duvidosa e se presta a grandes erros (1).

Os tempos, graças a Deus, vão mudando. Há scitas, não se espante o leitor, em que já se pratica a confissão ao Pastor, se bem que não seja obrigatório. Há templos protestantes providos de confessionários iguais aos de nossas igrejas. O movimento dos protestantes intelectuais a favor da Confissão que outrora rechaçavam é hoje quase unânime. Por exemplo, os representantes das "Igrejas Regionais Evangélicas Unidas da Alemanha" realizaram no mês de maio de 1952 um Sínodo Geral Luterano, na cidade de Flensburg. Entre as resoluções que adotaram, figuram umas interessantíssimas sôbre a Confissão que reproduzimos em parte, tiradas do Comunicado Oficial que êsse Sínodo deu a conhecer. Diz assim o texto: "A salvação que a Igreja oferece só tem seu efeito na verdadeira Confissão, por meio do reconhecimento de todos os pecados e pela absolvição divina. Pode realizar-se em qualquer lugar, como uma conversação espiritual; como lugar mais adequado, indica-se a sacristia ou o escritório do Pastor; não se trata, pois de que os confessionários voltem a ser um dos móveis das igrejas luteranas... Os que tiverem sido chamados ao ministério da Palavra estão obrigados, por sua missão, a guardar inquebrantável sigilo de confissão ante todo mundo, inclusive ante os tribunais civis".

Queira Deus que esteja perto o dia em que, desaparecendo esta e as demais barreiras que nos separam de nossos irmãos protestantes, cheguemos a formar a Frente Espiritualista por que anela o Papa, para nos opormos ao avanço do materialismo ateu.

(1) "Seria muito bonito baixar a cabeça em um lenço e dizer a Deus que estamos contritos; mas sabemos perfeitamente que, se cometêssemos um crime contra o Estado, êste não aceitaria êsse tipo de reparação. Nem mesmo nos tribunais divinos, pode alguém ser réu e juiz ao mesmo tempo; seria demasiado cômodo". Fulton Sheen, no livro já citado.

QUESTIONÁRIO

Qual foi o procedimento de Lutero com respeito à Confissão?

a) Que textos do Evangelho provam a instituição divina do Sacramento da Penitência? Faça-se a exegese do texto de São João. O poder de perdoar foi privativo dos Apóstolos?

b) Existem testemunhos dos primeiros séculos referentes à Confissão? Que prática seguiram, a este respeito, as igrejas heterodoxas orientais?

c) Com o correr dos tempos, teria mudado no essencial a Confissão? Descrever a forma por que, nos primeiros séculos, se administrava a Confissão.

d) Qual é o erro mais freqüente dos protestantes em interpretação exegética? Em que baseou Lutero sua tese errônea: "A fé sem obras justifica"? Que se deve levar em conta para interpretar os textos paulinos da Epístola aos Romanos?

e) Que rumo tomaram a medicina e a psicoterapia modernas? Que ponto de contato têm a psicanálise e a Confissão? O Sacerdote faz psicanálise no confessionário? A justificação consiste em que se apaguem ou em que se ocultem os pecados do penitente? Enumerar alguns benefícios da Confissão; referir-se à utilidade que tem para os profissionais, os meninos etc. A administração do Sacramento da Penitência é um regalo para o Sacerdote? Os protestantes de hoje, com que olhos vêem a Confissão?

DÉCIMA LIÇÃO

A SANTA COMUNHÃO

"Jesus tomou o pão, abençoou, partiu-o e, dando a seus discípulos, disse: Tomai e comei, isto é o meu corpo. E tomando um cálice, dando graças, deu-o dizendo: Bebei dele todos, que este é meu sangue".

(Mt 26,26-28).

"Fazei isto em memória de mim".

(1 Cor 11,24).

O tema da Eucaristia é pouco agitado pelos protestantes que atuam em nosso meio. Contudo, de vez em quando se lhes ouve taxar-nos de idólatras, porque nós católicos adoramos a Jesus Deus, vivo e verdadeiro na Hóstia Consagrada.

Por isso, é nosso propósito provar brevemente a instituição divina do Sacramento da Eucaristia e, depois, recordarmos as doutrinas sobre a Presença Real, a Santa Missa, a Santa Comunhão etc.

a) INSTITUIÇÃO DIVINA DA SANTÍSSIMA EUCHARISTIA.

Mais do que fazer apologética, vamos demonstrar alguns textos da Bíblia Sagrada referentes à Sagrada Eucaristia, o Sacramento da loucura do amor de Deus por suas criaturas.

1. Prenúncio. *"Quando o orvalho se evaporou, viram sobre a superfície do deserto uma coisa miúda como grãos, parecida com a geadá. Os filhos de Israel, ao vê-la, perguntavam uns aos outros: Manhu? que é isto? pois*

não sabiam o que era. Moisés lhes disse: *Este é o pão que Deus vos manda para vos alimentar... A casa de Israel deu a esse alimento o nome de maná. Era parecido com a semente de coentro, branco e tinha um sabor como de tortas de farinha amassada com mel. Moisés disse: Deus ordenou que se encha um omer de maná para conservá-lo a fim de que vossos descendentes possam ver o pão com que vos alimentou no deserto*". Tomado ao Êxodo, capítulo 16.

Vários séculos depois, o livro da Sabedoria comentava de modo muito belo esse milagre, fazendo diante de Deus a seguinte consideração: *"Alimentaste teu povo com o manjar dos Anjos e lhe ministraste do céu um pão preparado sem fadiga, que continha em si todo deleite e a suavidade de todos os sabores. E assim aquele teu sustento demonstrava quão doce és para com teus filhos"* (Sab 16,20-21).

E passamos ao Novo Testamento. O próprio Jesus nos vai falar de forma muito clara sobre a instituição da Santíssima Eucaristia que, chegando o momento, irá oferecer-nos como presente do céu: *"Disseram a Jesus: nossos pais comeram o maná no deserto. E Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo, não foi Moisés quem vos deu o pão do céu, mas meu Pai é que vos dá o pão do céu. Eu sou o pão da vida. O que comer deste pão viverá eternamente e o pão que eu darei é minha Carne para a vida do mundo. Em verdade vos digo, se não comerdes a Carne do Filho do Homem e não beberdes seu Sangue, não tereis a vida em vós. Este é o pão que desceu do céu. Não como aconteceu a vossos pais, que comeram o maná e morreram. Quem comer este pão, viverá para sempre"* (Do capítulo 6 de São João; convém lê-lo todo).

2. *Instituição.* Entre as diversas descrições da instituição da Sagrada Eucaristia, escolhemos a que São Mateus escreveu e diz assim: *"Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e, dando-o aos discípulos, disse: Tomai e comei, isto é meu Corpo; tomando um cálice, e rendendo graças, deu-o dizendo: Bebei dele todos, que este é meu Sangue do Novo Testamento, o qual será*

derramado por muitos em remissão dos pecados" (Mt 26,26-28).

3. *Prática sacramental.* Vamos transcrever um texto muito eloqüente de São Paulo, escrito vários anos depois da instituição do adorável Sacramento. É dirigido aos cristãos de Corinto. Ei-lo: *"Falo-vos como a pessoas sensatas. Sede vós juizes do que vos digo. O cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do Sangue de Cristo? E o pão que partimos não é a comunhão do Corpo de Cristo? Porque o pão é um só e nós somos muitos em um só corpo, pois todos participamos desse único pão"* (1 Cor 10,15-17).

E agora, do mesmo Santo Apóstolo, uma descrição viva do modo por que se celebravam os ágapes, espécie de ceia sacrificial em que o presbítero consagrava e distribuía a Sagrada Eucaristia entre os assistentes. Diz São Paulo: *"Porque eu recebi do Senhor o que vos transmiti, que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: Isto é meu corpo, que se entrega por vós; fazei isto em memória de mim. E do mesmo modo, depois de ceiar, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento em meu Sangue; quantas vezes o beberdes, fazei-o em memória de mim. Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes deste cálice, anunciareis a morte do Senhor até que Ele venha. Assim, pois, quem comer deste pão e beber deste cálice indignamente será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo e, depois, coma do pão e beba do cálice; o que comer e beber o Corpo do Senhor sem discerni-los come e bebe sua própria condenação"* (1 Cor 11,23-29).

Não pode haver lugar para dúvidas. Jesus Cristo prometeu e instituiu o Sacramento da Santíssima Eucaristia. Os cristãos, cumprindo seu mandamento, solenizaram desde os primeiros tempos a recordação da Última Ceia, comendo o Pão consagrado, vínculo de unidade e fonte de vida, como consta claramente dos textos citados.

Quem nega a divina instituição do Sacramento nega a evidência.

b) PRESENÇA REAL EUCARÍSTICA.

Em sua revisão total do dogma católico, Lutero rechaçou, ao menos em parte, a doutrina tradicional sobre a Sagrada Eucaristia, doutrina que afirma que, debaixo das espécies sacramentais (enquanto estas não se corrompem), se encontra de modo permanente o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, juntamente com seu Sangue, Alma e Divindade. Mais: que esta presença é verdadeira, real e substancial, não meramente simbólica.

1. O desejo íntimo de Lutero, segundo se percebe lendo seus escritos, foi suprimir radicalmente todo vestígio de Missa e Comunhão; porém a luz das palavras de Cristo era tão clara, que não lhe foi possível ocultá-la. Por isso, teve de conformar-se com urdir uma teoria própria sobre este Sacramento, a qual, depois de diversas modificações, é ainda sustentada pelos protestantes do grupo luterano.

À imitação de Lutero, e entregues ao afã de achar "interpretação" para os textos sagrados, os diversos chefes religiosos se desentenderam de seu mestre, declarando-se então violentas polêmicas, como a que Lutero manteve com Zwinglio, nas quais se faltou tanto à caridade com os insultos, as calúnias etc., que, por paradoxo, o Sacramento da unidade passou a ser o Sacramento que trouxe mais discórdias entre os protestantes.

2. A título de informação, resumiremos essas *teorias errôneas acerca da Presença Real*. Segundo Lutero, Jesus está realmente presente na Santíssima Eucaristia, porém somente durante a Ceia (algo semelhante à nossa Missa) e unicamente no momento da Comunhão. Segundo Zwinglio, Jesus não está realmente presente na Santíssima Eucaristia; sua presença é simbólica. Segundo Calvino, Jesus está "virtualmente" presente na Santíssima Eucaristia, de uma maneira semelhante ao sol que está presente virtualmente naquilo que ilumina etc.

Tôdas essas teorias e outras que não mencionamos são um triste, mas legítimo fruto do "livre exame", segundo o qual todo cristão se sente com direito a interpretar a

Bíblia Sagrada da maneira por que o "ilumine" o Espírito Santo...

A) Para chegarem a suas respectivas conclusões, os teólogos protestantes tiveram que *torcer o sentido* claro e simples das palavras de Cristo citadas acima: "Isto é o meu Corpo... Este é o cálice de meu Sangue". Pois, o Senhor não disse: "Isto é meu Corpo enquanto dure a Ceia", nem disse: "Isto simboliza meu Corpo", nem tão pouco "Neste pão eu estou de uma maneira virtual".

Jesus disse simplesmente: Isto "é" meu Corpo. São Lucas, São Marcos, São Paulo etc., em seus textos originais gregos empregam, ao se referirem a essa frase de Jesus, o verbo "ser" e não os verbos "simbolizar", "representar" etc.

B) É verdade que, em outras passagens, se lê que Jesus disse de si mesmo: "Eu sou a porta do redil; o que entrar por mim se salvará. Eu sou a videira, vós sois os ramos" (Jo 10,9;15,1). Porém, nestes textos compreende-se claramente que a expressão é metafórica, tanto pela expressão em si quanto pelo contexto. Ademais, tenha-se isso muito em conta, Jesus não tomou uma videira em suas mãos, dizendo: *Esta videira "é" meu Corpo*, tal como se exprimiu quando falou do pão bendito e consagrado solenemente por Ele na Última Ceia.

Os Evangelistas, ao se referirem à instituição da Sagrada Eucaristia, tiveram evidentemente de tomar o máximo cuidado com os termos que empregavam, abstendo-se de usar palavras ambíguas, visto que o assunto era extremamente delicado e, sendo mal compreendido, poderia prestar-se nada menos do que à idolatria.

C) Por tôdas essas razões, nós católicos nos unimos a Santo Inácio de Antioquia para anatematizar aos herejes de hoje que, como os do primeiro século, contemporâneos do Santo, "se apartam da Eucaristia porque não crêem que a Eucaristia é a Carne de Nosso Salvador Jesus Cristo, Carne que padeceu por nossos pecados e foi ressuscitada pela benignidade do Pai" (Carta aos de Esmirna 7,1).

3. Eis aqui nossa tese: Jesus Cristo, como consta na

Bíblia Sagrada, está verdadeira, real e substancialmente presente na Sagrada Eucaristia. Às palavras consagratórias do Sacerdote, o pão deixa de ser pão e se converte no Corpo de Cristo, sem que por isso desapareçam as aparências, as espécies do pão. Outro tanto se passa com o vinho. A essa conversão de substâncias, a êste desaparecer a substância do pão e tornar-se presente a substância de Cristo Jesus, se dá o nome de "transubstanciação" (1).

Ora bem, afirmamos que *na Hóstia consagrada está não somente o Corpo de Cristo, mas também seu Sangue e sua Alma*. Porque, se Cristo está vivo debaixo das espécies do pão, deve seu Corpo conter seu Preciosíssimo Sangue e o todo deve estar animado por sua Alma. Por sua vez, se debaixo da aparência do vinho se contém o Sangue vivo de Cristo, deve ali estar sem dúvida alguma o Sagrado Corpo e a Alma bendita de Nosso Senhor.

Tudo isso é, evidentemente, uma cadeia de milagres e de mistérios que Deus Nosso Senhor quis pôr ao alcance de nossa inteligência e, sobretudo, de nosso coração, para nosso bem.

"Isto é meu Corpo", Jesus o disse e não pode haver a menor dúvida a respeito. Se nós cremos nêle e o amamos, aceitamos sua palavra.

Quando o Mestre quis deixar os judeus vislumbrarem êsse milagre de sublime amor, êles, apegados à terra, se afastaram cheios de ceticismo. Hoje, cada dia, Jesus volta

(1) Pelo que tem de chocante, copiamos um parágrafo do livro "A las Fuentes del Cristianismo", escrito pelo protestante sr. Samuel Vila: "Uma das razões de mais pêso contra o dogma da transubstanciação é o fato de que não existem as provas que seriam de esperar da mudança produzida nos elementos que compõem a hóstia uma vez consagrada. Se a êsses se juntar uma substância venenosa, a pessoa que ingerir os alimentos consagrados e, portanto, transubstanciados no corpo e no sangue de Cristo, morre exatamente do mesmo modo que se não se houvesse realizado o milagre da transubstanciação. É bem notório o caso de um Arcebispo do Peru que morreu envenenado pelo cálice que tomou na Sexta-feira Santa e isto de uma maneira tão fulminante que nem sequer teve tempo de retirar-se do altar".

Em primeiro lugar, comentamos nós, o vinho consagrado e o vinho sem consagrar conservam absolutamente as mesmas espécies, ou seja as mesmas qualidades não só físicas, como também químicas; portanto o Sacerdote que ingerisse um vinho envenenado experimentar em si os mesmo efeitos tanto se tiver sido consagrado o vinho, como se não o foi. Não há, pois, que esperar "nenhuma mudança produzida nos elementos que compõem a hóstia uma vez consagrada"; porque no sensível, tal mudança não existe.

a expor sua doutrina e convida todos a aceitá-la em sua imensa simplicidade: "*Em verdade, em verdade vos digo, se não comerdes a Carne do Filho do Homem e beberdes seu Sangue, não tereis a vida em vós*". E a todos os que hoje o escutamos, aos que cremos em suas palavras e aos que não crêem ou buscam subterfúgios e explicações artificiosas para apoiar sua inteligência que se rebela ante a aceitação do mistério em sua magnitude, a todos Jesus nos diz: "*Quereis vós também ir-vos?*" "*Senhor, a quem iremos?*" será nossa resposta pela bôca de São Pedro; "*Vós tendes as palavras da vida eterna*" (Jo 6,67-68)

4. É a homenagem de nossa fé. As aparências externas nos dizem uma coisa; Jesus nos diz outra. Cremos nêle, porque o sabemos onipotente, veraz, e porque o amamos.

"*Bem-aventurados os puros de coração porque verão a Deus*" (Mt 5,8). Com que facilidade admitem a Presença Real as almas entregues totalmente a Deus! A elas não lhes custa êste ato de fé. A outras, pelo contrário, lhes será mais dificultoso e, portanto, muito meritório, crer na verdade de Cristo-Eucaristia.

Por outra parte... desenganemo-nos, o homem tem de exercitar sua fé. Neste ponto ou em outro qualquer da Santa Religião. Temos de oferecer a Deus o obséquio de nossa inteligência que não vê, mas crê, assim como lhe fazemos oblação de nossa vontade, aceitando os desígnios de sua Providência lhe fazemos oferta de nosso coração, amando-o sôbre tôdas as coisas.

c) A SANTA MISSA.

A profecia de Malaquias (Mal 1,11) se cumpre ao pé da letra no ato litúrgico católico por excelência, o santo Sacrifício da Missa.

Para melhor compreensão da essência da Santa Missa, devemos considerar nela dois aspectos completamente distintos: a Missa enquanto Sacrifício e a Missa enquanto Sacramento.

1. *A Missa enquanto Sacrifício.* Afirmamos que o Sacrifício da Missa é a representação incruenta do Sacrifício da Cruz.

Já sabemos que todo sacrifício supõe: um oferente, uma vítima e a imolação da vítima.

A) Tanto na Cruz como na Missa, um só e o mesmo é o *oferente*, Cristo Jesus. Ora bem; na Cruz, Cristo foi o único oferente, enquanto na Missa Cristo é o oferente principal, porém está representado por um Sacerdote, que atua como oferente secundário.

B) A *vítima* é a mesma na Missa e na Cruz, ou seja, Cristo Jesus que se oferece em holocausto ao Pai Celestial pelos pecados do mundo.

C) A *imolação* da vítima foi efetuada de modo cruento na Cruz, já que Jesus morreu derramando seu sangue; na Missa, a imolação se dá de modo incruento, ou seja, sem derramamento de sangue, simbolizada pela separação das espécies ou aparências do pão e do vinho consagrados. Imolação incruenta e sacramental.

É mister, pois, que compreendamos que a Santa Missa é um Sacrifício real e verdadeiro, por mais que deixe de parecer-se com o que imaginamos ser o espetáculo de um sacrifício, isto é, uma vítima sangrenta sobre um altar de pedra, coberto de lenha e fogo.

Devemos, ademais, convencer-nos de que o Sacrifício da Missa, como todo sacrifício, serve para *nos proporcionar um fruto*. O sacrifício da Cruz nos trouxe como fruto a Redenção; o Sacrifício da Missa nos traz como fruto que nós aproveitemos cada vez com mais abundância os benefícios da Redenção.

2. *A Missa enquanto Sacramento.* Além de ser um Sacrifício, a Santa Missa é também, simultaneamente, o ato excelso em que se realiza um dos sete Sacramentos, o Sacramento da Eucaristia ou Comunhão.

Cristo, presente no altar pela transubstanciação, simultaneamente *se oferece a Deus como vítima propiciatória* (Missa-Sacrifício) e *se oferece aos homens como alimento* espiritual de suas almas (Missa-Sacramento).

O Sacramento da Santíssima Eucaristia ou Comunhão

é algo de estável: é o próprio Jesus Cristo, vivo e verdadeiro, debaixo das espécies eucarísticas. Prescinde êsse Sacramento, em sua essência, de que haja ou não comungantes, se bem que a instituição do mesmo foi feita em vista da Comunhão ou manducação. Por isso é que, em nossas Igrejas, conservamos no tabernáculo êste Sacramento Santíssimo da Sagrada Eucaristia, ou seja, as partículas consagradas remanescentes de uma Missa. Guardamo-las com tôda pompa e veneração, porque nelas, enquanto não se corromperem, está oculto Jesus Cristo, como dissemos páginas antes.

Vem daí que, a isso queríamos chegar, os católicos prestem culto de adoração ao Santíssimo Sacramento, à Sagrada Eucaristia. *Não somos, portanto, idólatras*: adoramos a Jesus, verdadeiro Deus, escondido no pão consagrado. E adoramos êsse pão consagrado, que na realidade não é mais pão, porque ouvimos Cristo dizer-nos: "Isto é o meu Corpo".

3. A fim de facilitar a compreensão dêsses raciocínios, repetiremos, mudando a forma de expressão, o que foi dito até agora sobre a Santa Missa.

Que é a Santa Missa? É um sacrifício em que Jesus se oferece mais uma vez a Deus Pai para que os homens aproveitem melhor os benefícios da Redenção.

Que ofício desempenha o Sacerdote na Missa? É o oferente secundário do Sacrifício. Jesus é o oferente principal: o Sacerdote atua em nome de Jesus.

Que é a Santíssima Eucaristia? É um Sacramento instituído por Jesus Cristo na Última Ceia. Realiza-se êste Sacramento na Santa Missa. Seu sinal sensível são as aparências do pão e do vinho, que permanecem depois da Consagração da Missa, debaixo das quais se encontra Nosso Senhor Jesus Cristo, vivo e verdadeiro.

Que é comungar? É participar do Sacramento da Eucaristia, recebendo dentro de si as sagradas espécies em que se ocultam Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Que relação tem a Santa Missa com a Sagrada Eucaristia? Pela palavra "Missa", entende-se mais a ação sa-

crifical, o Sacrifício. Pela palavra "Eucaristia", entende-se mais o Sacramento que tem lugar na dita ação sacrificial, entende-se mais o estável, o pão e o vinho consagrados na Santa Missa.

Ora bem; o vinho consagrado é consumido totalmente pelo Sacerdote; porém o pão consagrado não se consome todo de propósito, precisamente para que o remanescente seja guardado no tabernáculo do altar, donde o retira o Sacerdote para dá-lo aos moribundos, aos doentes e aos fiéis que não puderam comungar durante a Missa. Encerrado no tabernáculo, nós católicos o adoramos, pois êsse pão consagrado, essa Hóstia consagrada, é o verdadeiro corpo de Jesus Cristo.

Poderíamos dizer que a Santa Missa, a ação sacrificial, é transeunte; a Sagrada Eucaristia, o Sacramento, permanece.

4. Se Deus está em todos os lugares, para que irá adorá-lo na igreja? Esta é uma pergunta que os protestantes fazem freqüentemente. Respondemos com os seguintes raciocínios:

A) É certo que Deus está em todos os lugares, mas também é certo que êle prefere fazer sentir seus atributos de Poder, Majestade etc., em uns lugares mais do que em outros. A Arca Santa de Moisés e o Templo de Salomão são prova clara dessa afirmação.

B) Nós homens somos de natureza tal que nossos sentidos influem de maneira decisiva sobre nossa inteligência. Assim, é verdade que podemos elevar nosso coração a Deus em qualquer parte, porém nos será muito mais fácil recolher o espírito em um templo, onde tudo concorre para a oração.

C) Por último, seria uma falta muito grande de delicadeza para com Deus, que quis fazer-se presente em nossos altares, não ir visitá-lo, não render-lhe o devido culto de adoração. Deus não está presente em tôdas as partes do mesmo modo que o está no Santíssimo Sacramento, a saber, com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, tal como estêve na Palestina; nem derrama suas graças e favores em tôdas as partes com a mesma abundância com

que o faz na alma que o recebe. Se não fôsse assim, Jesus teria instituído em vão a Santíssima Eucaristia; em vão teria erguido amorosamente sua tenda entre nossas moradas.

Estas considerações moveram a Igreja a decretar a obrigação grave de assistir à Santa Missa nos domingos e nas festas, e de comungar ao menos uma vez por ano, na Páscoa.

5. No livro citado acima, "Peregrinação a Roma", escrito pelo Pastor protestante alemão Richard Baumann, lêem-se parágrafos que deixam entrever que êsse piedoso escritor, em plena capacidade intelectual, vai se aproximando cada vez mais da rocha de Pedro, da única e verdadeira Igreja da salvação, a Católica, Apostólica, Romana.

Eis aqui o comentário que faz depois de assistir à celebração de uma de nossas Missas: "Renunciar ao Santo Sacrifício é rechaçar a ação do Gólgota e separar a terra do céu, onde se festeja sem cessar o Sacrifício do Cordeiro... Ao sair, minha conclusão era esta: é verdade tudo que se fêz no altar do Senhor; tão verdade quanto a morte de Cristo na Cruz e como a liturgia do céu, diante do trono de Deus e do Cordeiro. Se isto não fôr culto divino, não existe culto sobre a terra".

d) A SANTA COMUNHÃO.

Depois de ter falado da existência do Santíssimo Sacramento da Eucaristia, diremos agora alguma coisa sobre sua recepção por parte dos fiéis.

1. Por conservarem tôda a fragrância dos anos imediatos à constituição da Igreja de Cristo, transcrevemos dois textos, um tomado aos Atos dos Apóstolos e outro à Didaqué, ambos documentos do fim do primeiro século e ambos muito explícitos, dentro da prudência que lhes impunha a "disciplina do arcano" (1).

(1) A "disciplina do arcano" obrigava os primeiros fiéis a manterem o mais estrito segredo tanto em seus escritos, quanto em suas conversações com profanos, a respeito de certas práticas religiosas que, se chegassem ao conhecimento dos não-iniciados, seriam por êles interpretadas erroneamente e servi-

Diz São Lucas em seus Atos dos Apóstolos, referindo-se aos primeiros cristãos: “*Eram perseverantes no ouvir o ensinamento dos Apóstolos, nas reuniões, no partir do pão e na oração*” (At 2,42).

Lemos na Didaqué: “*Reunindo-vos no dia de domingo, parti o pão e dai graças, depois de vos terdes confessado de vossos pecados, para que seja puro o vosso sacrifício*” (Didaqué 14,1). Note-se como já então se exigia a Confissão sacramental para adquirir a pureza da alma antes de receber o Santíssimo Sacramento.

Como pode ver-se em ambos os textos, a prática da Comunhão (comum-união) sempre, desde os albores do cristianismo, constituiu o centro da liturgia. Era o vínculo de união dos homens entre si, partícipes do mesmo pão (1 Cor 10,17) e o vínculo de união dos homens com seu Deus, já que êle se digna humilhar-se até fazer-se alimento de suas criaturas a fim de estar em contato mais íntimo com elas.

É de lastimar que os protestantes não o compreendam. É pena que desprezem os escritos dos Santos Padres, que nos transmitem o palpitar da primitiva Igreja e, com êle, o autêntico pensamento de Cristo no tocante à constituição e ao governo da mesma.

2. Poderíamos estendermo-nos na consideração dos efeitos da Sagrada Eucaristia na alma de quem a recebe. Basta-nos considerar que quem comunga devidamente entra em estreita união com o próprio Jesus Cristo, autor da graça, distribuidor de todo bem. Sendo assim, que poderia Jesus, o mesmo bondoso Senhor das estradas da Palestina, negar à alma que se aproxima dêle com fé e lhe expõe suas necessidades?...

Comungar freqüentemente era a regra dos primeiros cristãos, que deviam fortalecer sua alma com o alimento

riam para fazer mofa do cristianismo. Assim, por exemplo, no texto da I Coríntios, capítulo 10 versículo 15, já aduzido nesta lição como prova, o Apóstolo trata da Santíssima Eucaristia e se exprime desta forma: “Falo-vos como a pessoas sensatas...”

Em geral, os Santos Padres do primeiro e do segundo séculos são bastante discretos sobre os Mistérios de nossa santa Religião, daí a dificuldade que às vezes se apresenta para provar certos pontos de nossa doutrina com textos da antiguidade cristã.

espiritual por excelência para padecer os trabalhos e mesmo o martírio em defesa de sua fé.

A Sagrada Eucaristia, “*pão dos fortes e vinho que gera virgens*” (Zac 9,17), é também hoje o alimento indispensável dos espíritos que desejam lutar contra o rude materialismo que está invadindo tudo.

O Pontífice da Eucaristia, São Pio X, recomendou com tôda instância a Comunhão freqüente. Eis aqui as palavras de seu famoso Motu Proprio de 20 de dezembro de 1905: “O desejo de Jesus Cristo e da Igreja de que todos os cristãos se aproximem quotidianamente da Sagrada Mesa se baseia sobretudo no fato de que os fiéis, unidos a Deus pelo Santíssimo Sacramento, recebem dêle forças para vencer a sensualidade, para evitar as faltas leves que todos os dias saem a nosso encontro e para premunir contra os pecados graves a que a natureza humana está inclinada”.

É pena que a rotina no comungar possa destruir em grande parte êsses bons efeitos (1).

3. Não podemos encerrar esta lição sem dizer alguma coisa sobre a “*Comunhão nas duas espécies*”, já que alguns protestantes, como os luteranos, observam esta prática.

Já dissemos que em cada uma das duas espécies eucarísticas está Jesus realmente presente; portanto, basta comungar somente sob a espécie do pão ou sob a espécie do vinho para receber a Jesus, vivo e verdadeiro, com seu Corpo e Sangue.

É certo que Cristo, ao instituir na Última Ceia o Santíssimo Sacramento, disse: “*Fazei isto em memória de mim*”, ou seja, *consagrai e comungai* sob as espécies de pão e vinho. Ora bem; êste mandato foi dado diretamente aos Apóstolos, que eram os primeiros Sacerdotes da Igreja que nascia. Não foi, portanto, mandado a todos os fiéis o *comungar* sob as duas espécies, assim como não lhes foi tão pouco mandado que *consagrassem*.

(1) Do sublime ao ridículo, só há um passo. Uma Missa mal dita ou mal ouvida, ou uma Comunhão mal feita, perdem tôda sua grandiosidade e podem converter-se, talvez, em uma positiva falta de respeito para com Deus. Por isso, o lema de alguns liturgistas equivocados: “Menos Missas, mais bem celebradas e melhor ouvidas”, tem em parte sua razão de ser.

Que prática adotaram os primeiros cristãos sobre a forma de comungar? Comungavam às vezes sob as duas espécies e às vezes sob a espécie do pão. Aos encarcerados pela fé e aos enfermos graves, levava-se a Comunhão somente sob a espécie do pão. Outro tanto diga-se dos anacoretas e das famílias cristãs em determinadas circunstâncias, que levavam ao deserto ou a seus domicílios particulares o pão consagrado para prestar-lhe culto de adoração e para comungar quando fôsse oportuno fazê-lo.

Pouco a pouco se foi suprimindo entre os fiéis o costume de comungar sob a espécie do vinho, devido a que esta prática é mais incômoda, se presta a que caia o vinho, a que êste se corrompa com mais facilidade do que o pão; para comungar, era preciso beberem todos do mesmo cálice ou receberem na bôca o vinho consagrado por meio de uma pequena colher comum a todos. Tudo isso trazia inconvenientes.

O Papa Gelásio, nos fins do século VI, decretou que se comungasse não só sob a espécie de pão, mas também sob a espécie do vinho. Isto, prova que já então se comungava geralmente só sob a espécie de pão. Por que baixou esta lei? Porque os herejes maniqueus vinham comungar em templos católicos para se apoderarem das Sagradas Partículas e profaná-las. Ora bem; os maniqueus consideravam o vinho uma "criatura do diabo". Portanto, obrigando todos a comungarem sob a espécie do vinho, logrou-se evitar que os maniqueus se aproximassem para receber a Sagrada Eucaristia.

Novos decretos pontifícios aconselharam a voltar ao costume antigo de comungar somente sob uma espécie. O Concílio de Constança, em princípios do século XV, impôs esta prática como lei grave.

Hoje em dia, os orientais heterodoxos e os católicos do Rito Oriental comungam sob as duas espécies. Mais ainda, os católicos do Rito Latino podem comungar sob as duas espécies em qualquer templo católico do Rito Oriental ou mesmo em nossos templos de Rito Latino quando se celebra Missa em rito oriental.

Se, no dia de amanhã, a Hierarquia acreditar conve-

niente, pode ordenar que todos os católicos orientais comunguem sob uma só espécie ou, também, que todos os latinos comunguem sob as duas, ou ainda que seja livre fazer de uma ou outra forma...

Em uma palavra e como já dissemos ao tratar da Confissão, a Igreja manda e ordena em tôdas estas questões *acidentais*, questões de detalhe, que cercam a administração dos Sacramentos. E a Igreja faz uso dêsse poder conforme o exigem as circunstâncias.

Porém, replicam, não é mais parecido ao modo de proceder de Cristo e dos Apóstolos na Última Ceia o comungar sob as duas espécies? Respondemos que sim.

Não seria mais parecido ao pão empregado por Jesus um pão maior do que as hóstias comuns, por exemplo, um pão com casca e miolo? Respondemos que sim.

Não há dificuldade em admitir que, sob alguns aspectos, nossa Missa poderia ser mais parecida com a Última Ceia, a primeira Missa celebrada no mundo. O que afirmamos é que as diferenças que existem com essa Missa-tipo são acidentais. E que essas diferenças foram impostas ou admitidas, depois de séria deliberação, pela Igreja, que é quem tem poder para isto. Mas o essencial, além de uma quantidade de detalhes acidentais, isso se tem mantido e se manterá sempre na Igreja Católica, visto que Cristo está e estará sempre conosco até a consumação dos séculos.

4. Julgamos que a correta preparação do apologista católico exige *que conheça bem a doutrina católica* referente à Sagrada Eucaristia, quer os protestantes nos ataquem ou não sobre êste ponto. Por isso é que a expusemos, ao menos em parte.

Para o caso em que se suscite polêmica, deverão acentuar-se êstes pontos:

- 1) Instituição do Sacramento por parte de Cristo (São Mateus).
- 2) Presença Real, não simbólica, de Cristo na Santíssima Eucaristia (Jesus disse: isto "é" meu Corpo).
- 3) Os protestantes estão em completo desacôrdo entre si por não admitirem simplesmente a Presença Real

(Lutero, Zwínglio, Calvino... Palavras de Jesus: "Que-reis também ir-vos?").

4) Os primeiros cristãos celebravam Missa e comun-gavam (Atos dos Apóstolos, São Paulo aos Coríntios, Di-daqué).

5) Já que o pão consagrado é o Corpo de Cristo vivo, deve conter seu Preciosíssimo Sangue, sua Alma e sua Di-vindade; por isso, basta comungar sob a espécie do pão; os primeiros cristãos comungavam freqüentemente sob uma só espécie.

6) Deus está em tôdas as partes, porém não com seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade, como estêve na Pa-lestina e hoje está na Santíssima Eucaristia. Nós cató-licos não somos idólatras, quando adoramos a sagrada Eucaristia.

7) Deus prefere que o adoremos nos templos... Arca da Aliança, Templo de Jerusalém. Em nossas igrejas, há recolhimento propício à oração e, sobretudo, Deus está ali esperando nossa visita.

Finalmente, se o apologista católico "viver" estas ver-dades, poderá comunicá-las muito mais fàcilmente aos demais.

Q U E S T I O N Á R I O

Que acusação costumam fazer-nos os protestantes a respeito da San-tíssima Eucaristia?

a) Indicar algumas passagens bíblicas que, de um modo ou de outro, se relacionem com o Santíssimo Sacramento; sobretudo, o texto relativo à sua instituição.

b) Que resultados deu a errônea tese do "livre exame" com res-peito ao Sacramento da Eucaristia? Referir-se às principais teorias errôneas sôbre a Presença Real e, depois, provar a tese católica. Poder-iam os Apóstolos ter usado têrmos ambíguos ao tratar da Santíssima Eucaristia? Explicar em que consiste a transubstanciação. Debaixo das espécies do pão está também o Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo? Em que razões nos baseamos para afirmá-lo? Que exem-plo poderíamos aduzir para ilustrar o fato da transubstanciação? O de-siderato dos cristãos consiste em "compreenderem" os Mistérios de nossa Santa Religião?

c) Sob que aspetos se pode considerar a Santa Missa? Referir-se a alguns dos efeitos dêsse Sacramento. Paralelo entre o sacrifício da Missa e o da Cruz. Em que consiste o Sacramento da Eucaristia? Provar a necessidade de render culto a Deus nos templos.

d) De quando data a prática de receber a Santa Comunhão? Refe-rir-se a algum dos efeitos dêsse Sacramento. Que diferença essencial existe em comungar sob uma ou sob as duas espécies? As palavras de Cristo: "Fazei isto em memória de mim", obrigam a todos os cristãos? Qual foi a prática, no decorrer dos séculos, a respeito da Comunhão sob ambas as espécies? Pode hoje um católico comungar sob as duas espécies? Há diferença essencial entre nossa Missa e a celebrada na Quinta-Feira Santa? A quem compete regular a liturgia dos Sacramentos?

DÉCIMA PRIMEIRA LIÇÃO

PURGATÓRIO, OBRAS PIAS, INDULGÊNCIAS

“E mandou fazer uma coleta nas fileiras e recolheu até doze mil arcamas, que enviou a Jerusalém para se oferecerem sacrificios pelos pecados... Obra santa e piedosa é orar pelos mortos. Por isso, fez esse sacrificio expiatório pelos mortos, para que fossem livres dos pecados”.

(2 Mac 12.43-46).

Se bem que o Sacramento da Penitência apague todos os pecados cometidos depois do Batismo, devemos levar em conta que os apaga quanto à culpa e à pena eterna, porém não quanto à pena temporal.

O Sacerdote perdoa, em nome de Deus, a *culpa*, a ofensa feita à Divindade e assim o pecador fica reconciliado com Deus. Porém não devemos esquecer que todo pecado acarreta por si mesmo, ademais, uma *pena*, um castigo que será maior ou menor segundo a grandeza da falta e que, em geral, não desaparece totalmente ao administrar-se o Sacramento da Penitência.

Deus Pai perdoará a seu filho arrependido, mas lhe imporá igualmente o justo castigo, que mereceu por suas faltas.

Ora bem, a pena correspondente e merecida pelo pecado pode resgatar-se ou diminuir-se em vida mediante obras pias (jejuns, mortificações, esmolas etc.). Porém, se o homem morrer sem ter resgatado a totalidade da pena merecida por seus pecados, caso que é o mais freqüente, terá de purificar sua alma totalmente antes de chegar ao céu, terá de cancelar sua dívida no outro mundo, pois no céu “não pode entrar nada que esteja manchado” (Apc

21,27). O lugar onde, entre tormentos, essas almas se purificam chama-se de Purgatório.

Existe, também, para a alma que deixou este mundo, outro meio de purificação além do Purgatório: são os méritos dos sufrágios e obras pias em geral que os vivos, os que, portanto, ainda se acham em estado de obter méritos podem oferecer pelas almas dos que se encontram purgando por seus pecados (1).

a) O PURGATÓRIO.

Nossos conhecimentos sobre o Purgatório devem-se não precisamente ao fato de Cristo nos ter falado d'êlo, mas a que: 1) a existência de um Purgatório *se deduz naturalmente da doutrina cristã*; 2) *assim o deduziu a primitiva Igreja* por êle fundada; 3) *as Sagradas Escrituras* falam com termos inequívocos de um lugar para os que morrem com relíquias de pecado em suas almas.

1. *Está completamente de acôrdo com a doutrina do Salvador* que exista um lugar intermediário entre o céu, onde só *hão de entrar as almas imaculadas* e o inferno, para onde vão os que morrem em pecado mortal, sem se terem arrependido de suas ofensas a Deus. Nesse lugar intermédio, a alma se purifica como o ouro no crisol e, em seguida, limpa de tôda mancha, poderá gozar no céu a visão daquele que é a Pureza e a Santidade.

O próprio Lutero — sempre recorremos à sua opinião, já que êle deu a norma à de todo o protestantismo, — durante os primeiros anos da rebelião admitiu a existência do Purgatório. Em seus escritos do ano de 1537 ainda a defendia; porém depois, mais conseqüente com sua errônea teoria da “justificação só pela fé”, sustentou que quem morresse depositando sua fé nos méritos de Cristo ia diretamente para o céu e quem morresse sem essa fé ia diretamente para o inferno.

Hoje, os protestantes se inclinam a admitir a existência de um lugar de expiação para as almas dos que morrem sem ter satisfeito totalmente por seus pecados ante a

(1) A sigla R.I.P. significa “Requiescat in pace”, ou seja, “Descanse em paz”. A sigla Q.E.P.D. significa “Que em paz descanse”.

Divina Justiça. Porém, não querem de modo algum dar a êsse lugar o nome de Purgatório.

2. A existência do Purgatório *foi admitida unânimeamente pela primitiva Igreja*. Quem tiver tido oportunidade de visitar as Catacumbas de Roma terá experimentado o inefável gozo espiritual de encontrar-se em contato com êsses documentos indelêveis da devoção de nossos pais na fé que são as sepulturas dos mártires e dos primeiros cristãos. Tudo ali respira esperança em uma vida futura, mas, antes dela, se supõe sempre um tempo de purificação total por que há de passar a alma do defunto. Por isso, nos epitáfios dos não-mártires pede-se aos visitantes uma oração para que a alma do falecido se veja prontamente em liberdade para voar ao seio do Pai Celestial.

A antiguidade cristã celebrava sufrágios em benefício de seus defuntos. Se não cresse na existência do Purgatório, teria elevado em vão a Deus essas orações; pois, se a alma estivesse no inferno, de nada lhe valeriam elas, se estivesse no céu seriam desnecessárias.

Eis aqui uma frase de Tertuliano, escrita no ano de 217 de nossa era: “A espôsa roga pela alma de seu espôso e pede para êle refrigério e que volte a reunir-se a êle na ressurreição; oferece sufrágios todos os dias aniversários de sua morte” (De Monogamia, 10).

Poderíamos referir-nos a grande quantidade de outros documentos de então, porém vamos transcrever somente alguns dos escritos de Santo Agostinho. E escolhemos êste Santo porque suas obras foram copiosamente citadas pelos protestantes nas primeiras polêmicas com os católicos.

Comentando o Salmo 37, Santo Agostinho diz assim: “Limpa-me, Senhor, nesta vida e deixa-me de tal modo que já não seja necessário o fogo purificador feito por causa dos que serão salvos, mas de tal maneira contudo, que seja como por meio do fogo” (In Psalmum 37).

Referindo-se à obrigação de trabalhar imposta pelo Senhor no Gênese, o Santo diz: “Quem não cultivar seu campo e o deixar cobrir-se de espinhos terá nesta vida a maldição de sua terra em tôdas as suas obras e, depois desta vida, terá ou o fogo do Purgatório, ou a pena eterna”.

Santo Agostinho fala com freqüência sobre o Purgatório e êle próprio conta que ofereceu sufrágios por sua falecida mãe etc.

Como nota ilustrativa, acrescentamos que não só os cristãos orientais ortodoxos e heterodoxos confessam a existência do Purgatório, mas que os próprios Israelitas conservam esta crença.

3. Lancemos agora uma vista sobre as *Sagradas Escrituras*.

A) Antigo Testamento. O 2 Livro dos Macabeus, em seu capítulo 12, versículos 43 a 46, diz assim: “E mandou fazer uma coleta entre as fileiras e se recolheram umas doze mil dracmas, que foram enviadas a Jerusalém para se oferecerem sacrificios pelo pecado dos que haviam morrido... Obra santa e piedosa é orar pelos mortos. Por isso, fêz com que fôssein sufragados os mortos para que ficassem livres dos pecados”.

Que respondem os protestantes a êsse texto? Muitos dêles fazem o que Alexandre, rei da Macedônia, fêz com o nó górdio: desatam-no cortando-o. Quer dizer, negam que os Livros dos Macabeus sejam inspirados e que, portanto, façam parte da Bíblia Sagrada.

Poderíamos dizer que tirem bom proveito... Mas, a mais severa crítica e a tradição mais antiga inclui êsses Livros no cânone da Bíblia Sagrada, como já dissemos antes. É um mau procedimento o de desatar cortando, inaugurado por Lutero. Em todo caso, não há nenhuma dúvida de que êsses Livros datam de mais de cem anos antes de Cristo; são, pelo menos, portadores de uma tradição judaica digna de todo respeito.

B) Passando ao Novo Testamento, lemos que Jesus, segundo o capítulo 12, versículo 32, do Evangelho de São Mateus, fala de pecados que “não serão perdoados nem neste mundo, nem no outro”. Daí se pode deduzir que há pecados que se perdoam no outro mundo, no Purgatório.

Por sua vez, São Paulo se refere a pecados veniais que serão apagados pelo fogo e fala da alma do justo que será salva “porém de tal maneira, contudo, que seja como por meio do fogo” (1 Cor 3,15). Muitos comentadores, entre

êles Santo Agostinho, como vimos há pouco, aplicam estas palavras ao fogo do Purgatório.

Também de São Paulo pode alegar-se a frase da Epístola aos Filipenses, capítulo 2, versículo 10: “Ao nome de Jesus deve dobrar-se todo joelho nos céus, na terra e nos abismos”. Pensa-se que nos abismos do inferno as almas dos condenados não fazem reverências a Deus; portanto, parece que o Santo se terá referido às almas que amam a Deus e se purificam de seus pecados nos abismos do Purgatório.

4. Em todo caso, convenhamos com os protestantes em que a Bíblia Sagrada traz muito pouca coisa a respeito do Purgatório. O texto do Antigo Testamento, no 2 Livro dos Macabeus que apresentamos, é certamente apodítico, prova por si só. Os textos do Novo Testamento, em troca, são passíveis de diversas interpretações. Por isso, baseamos a prova de nossa tese, primeiro, no texto dos Macabeus e, segundo, na prática dos primeiros séculos do cristianismo e nos escritos de Santo Agostinho, autor, além do mais, preferido de Lutero.

Devemos notar, contudo, que, embora não conste nos Evangelhos que Jesus se tivesse referido diretamente à existência do Purgatório, tampouco lemos aí que êle atacasse essa crença comum em seu tempo, como censurou outras crenças judaicas contrárias à verdade (Pode ver-se Mt 23 na íntegra).

Além disso e voltando ao argumento clássico exposto na lição 4ª, secção b), argumento C), nem tôda a doutrina de Cristo consta na Bíblia Sagrada. Existe, além desta, a Tradição e o Magistério, que suprem tudo aquilo que não ficou consignado nos livros (Jo 21,25; 2 Jo 1,12; At 1,3).

b) O MÉRITO DAS OBRAS PIAS.

Damos o nome de obras pias, obras piedosas ou simplesmente de boas obras a tudo que fazemos por Deus com reta intenção.

Uma esmola, uma oração, o aceitar resignadamente

uma pena etc., podem ser motivos para nos aproximarmos do céu.

1. Porque tôda obra boa tem "mérito", ou seja, cria certo direito à retribuição. Ora bem, há uma grande diferença entre o mérito das obras pias que uma pessoa em estado de graça com Deus realiza e o mérito das obras de quem está em pecado mortal.

A) A quem *está em graça com Deus*, em amizade com Deus, portanto sem pecado mortal, a êsse tudo que fizer com reta intenção lhe serve para merecer um lugar mais alto no céu. Dizemos "com reta intenção", pois é necessário que, ao menos implicitamente, as obras se ofereçam a Deus e se façam para agradar a Deus.

São Paulo diz assim: "*Tudo que fizerdes, seja por palavras, seja por obras, fazei-o em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo... Tendo em conta que receberéis do Senhor a herança por recompensa*" (Col 3,17-24).

Mais ainda, o cristão em estado de graça pode ganhar méritos *para si e para os outros*; não somente no terreno do sobrenatural, mas também no plano do humano. Dêsse modo, o cristão na graça de Deus pode adquirir méritos em favor dos defuntos, para que o Senhor alivie suas penas no Purgatório. Verdade consoladora é a fé que podemos continuar obsequiando nossos seres queridos com orações, mortificações e sufrágios!

B) E os que *não estão em graça com Deus* podem adquirir méritos?

Também podem, porém seus méritos servirão unicamente para fazê-los menos indignos aos olhos de Deus de receberem a grande graça que é o arrependimento de seus pecados. Ou seja, o que está em pecado mortal vive em inimizade com Deus. Se praticar boas obras, como orações, esmolas etc., mais se aproximará do reto caminho, melhor se disporá a receber a graça de Deus e com ela o arrependimento e o perdão.

2. Descariamos deixar no ânimo de nossos leitores a convicção de que tôdas as nossas obras boas, até as mais triviais, adquirem verdadeiro valor sobrenatural se as fazemos por Deus. Desde as clássicas obras de misericórdia

que Tobias praticou e que tiveram sua recompensa ainda na terra (4), até os singelos trabalhos da vida quotidiana, *tudo há de ser de degraus* para nos levar a Deus.

Os próprios erros que cometemos, se ao incorrer nêles pretendíamos fazer algo de bom para agradar a Deus, podem ter mérito. *Aquêle que faz um mal crendo fazer um bem ganha méritos* diante de Deus. Daí se vê que nossas críticas são muitas vêzes injustas (Mt 7,1-2). Mesmo no caso em que a censura nos fôsse permitida, deveríamos refletir desta maneira: a ação de Fulano foi má, porém tenho de respeitar o senhor Fulano que a fêz, pois desconheço qual foi sua intenção. Talvez com essa própria ação equivocada, seu autor haja adquirido méritos diante de Deus.

Uma fonte de méritos, que costumamos desprezar, é a *aceitação com boa disposição* das enfermidades e das fadigas da vida. Basta ir oferecendo a Deus a aceitação de nossos sofrimentos, para que aumentem nossos méritos diante dêle; méritos que serão um precioso capital que poderemos, depois, empregar oferecendo-os a Deus pelas almas do Purgatório ou qualquer outra intenção razoável.

3. Note-se uma coisa muito importante. Deus recebe nossa petição, aprecia nossos méritos, mas não se obriga de modo algum a satisfazer nosso pedido. Porque nós, como crianças que somos, não sabemos bem o que mais nos convém e o que nos causaria dano. Por isso, temos de aceitar com confiança as decisões que o bom Pai que é Deus adota a nosso respeito e a respeito das pessoas por quem oferecemos nossas obras meritórias.

(4) "Boa é a oração com o jejum e a esmola com a justiça. Melhor é pouco com justiça que muito com iniquidade; pois a esmola livra da morte e limpa de todo pecado. Os que praticam a misericórdia e a justiça serão cumulados de felicidade, enquanto os pecadores são inimigos de sua própria sorte... Quando oravas tu e tua nora Sara, eu apresentava diante do Santo essas orações. Quando enterravas os mortos, também eu te assistia. Quando te levantavas sem preguiça e deixavas o pão para ires sepultar os mortos, não se me ocultava essa boa obra, antes contigo estava eu. Por isso, Deus me enviou para curar-te a ti e a Sara, tua nora" (Tobias, capítulo 12, versículos 8 a 14).

c) JEJUM, ABSTINÊNCIA E ESMOLA.

Referimo-nos agora a estas obras pias, que poderíamos chamar de "clássicas" por serem citadas desde os tempos mais antigos na Bíblia Sagrada e porque, segundo o testemunho unânime dos autores sagrados, são aceitas a Deus.

1. *Jejum e abstinência.* Jejuar é privar-se total ou parcialmente de comer; fazer abstinência é abster-se de comer carne.

A Igreja estabeleceu certos dias de penitência pública, muito poucos realmente, em que todos, salvo exceções determinadas, devemos mortificar-nos no comer. Cada um tem liberdade para mortificar-se particularmente, porém a Igreja nos impõe, como desagravo dos pecados que cometemos publicamente, uma penitência pública, a saber, que limitemos nossa alimentação em determinados dias.

O jejum é, na frase de Santo Ambrósio, "a morte do pecado, a raiz da graça e o alicerce da castidade"; Santo Agostinho diz que a abstinência "purifica a alma, eleva a mente e sujeita a carne ao espírito". Como boa Mãe, a Igreja nos recorda periodicamente êsses meios de santificação e, ao nos obrigar a praticá-los em certas oportunidades, nos convida a que o façamos mais freqüentemente.

Não busquem os protestantes na Bíblia Sagrada um preceito de Cristo que obrigue ao jejum e à abstinência.

No Texto Sagrado encontrarão uma quantidade de passagens em que se aconselham essas práticas: Tob 12,8; 2 Mac 13,12; Is 58,3-9; Jer 14,12; Jon 3,7-10; At 13,2-3; porém a obrigação de observar o jejum e abstinência em determinados dias é uma lei meramente eclesiástica.

Jesus Cristo jejuou êle mesmo (Lc 4,2) e deu normas sôbre o modo de fazer jejum: "Quando jejuardes, não vos mostreis tristes como os hipócritas que transfiguram seu rosto para que os homens vejam que estão jejuando; em verdade vos digo, já receberam sua recompensa. Tu, quando jejuares, unge tua cabeça e lava teu rosto".

Com respeito ao jejum e abstinência quaresmais, São Jerônimo e São Leão dizem que se trata de lei eclesiástica proveniente dos tempos apostólicos.

Resumindo. Se um protestante falar contra o jejum,

convém recordar-lhe a passagem citada de São Mateus, capítulo 6, versículos 16 e 17, em que Cristo se refere ao modo de jejuar. Por conseguinte, diremos, trata-se de uma prática que êle aconselha. Em continuação, podemos perguntar a nosso interlocutor se êle cumpre pessoalmente com êsse desejo do Mestre. Responderá provavelmente que "sim, algumas vêzes faço um jejum..." Talvez alegue que os jejuns devem ser espontâneos e, por isso, conteste a obrigação de jejuar; pode se responder, então, que a Igreja legislou, *com pleno poder para isso*, que essa penitência se faça publicamente, oficialmente, em determinados dias, mas isto não impede que todo bom cristão possa e deva fazer abstinência de carne ou jejuar em outros dias, segundo sugira sua devoção.

2. *Esmola.* Uma boa maneira de lucrar abundantes méritos para com Deus é o fazer esmolas. O dinheiro converteu-se hoje em uma chave mágica que abre tôdas as portas, do bem e do mal; privar-nos dêle implica privar-nos de uma multidão de satisfações e, portanto, fazer um grande sacrifício.

Para que a esmola seja meritória, há de fazer-se, porém, com boa intenção, como a de ajudar ao necessitado, rechaçando qualquer fim bastardo, como poderia ser a vanglória.

"Quando fizeres esmola — disse Cristo, não vás tocando a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas para serem louvados dos homens: em verdade vos digo, já receberam sua recompensa. Quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz a direita, para que tua esmola seja oculta; o Pai que vê o oculto te premiará" (Mt 6,2-4).

Algo mais devemos ter em conta se desejamos agradecer a Deus com a nossa esmola: *antes da caridade, está a justiça.* Antes do dever de dar esmolas, está o dever de não enriquecer injustamente à custa dos outros.

São terríveis as frases da Escritura Sagrada contra os que enriquecem defraudando o pobre. A êsses tais, diz por exemplo São Tiago: "Vossa riqueza está podre... vosso ouro e vossa prata estão carcomidos pela ferrugem; essa

ferrugem dará testemunho contra vós e roerá vossas carnes como se fôra joço. . . O salário dos trabalhadores que segaram vosso campo, defraudado por vós, clama e os gritos dos segadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos” (Tg 5,3-4. Pode ver-se também Miq 2,1-2).

Dá horror ver que há pessoas que destinam uma certa soma mensal para dar de esmola e, no mesmo tempo, não pagam o que é justo aos que dependem para seu sustento. Essas pessoas têm uma idéia muito equivocada da esmola cristã.

Também têm uma idéia equivocada da esmola os pobres que, dentro de suas possibilidades, não ajudam a quem estiver mais necessitado do que eles. Antes de criticar o rico, ponha o pobre a mão na consciência e pergunte-se como cumpre a lei da caridade. Pois a todos, ricos e pobres, nos diz a Sagrada Escritura pela boca do Profeta Daniel: “Redime teus pecados com a esmola” (Dan 4,24).

Por último, a Igreja, como no caso de jejum, estabeleceu um mínimo de esmolas para todos, exceto os mais necessitados. Antes, essa esmola se concretizava nos “dízimos”; hoje costuma deixar-se ao arbítrio dos fiéis o quanto queiram dar para sustentação do culto e das obras de beneficência da Igreja, o quanto achem conveniente.

3. E já que mencionamos a esmola para sustentação do culto, aproveitemos para nos referirmos a uma afirmação grosseira dos protestantes que se resume nestas palavras: “Os Padres *vendem os Sacramentos*, pois se tem de pagar para ser batizado, casado etc.”

Antes de tudo, devemos notar que os Sacerdotes têm de obter de alguma parte o dinheiro necessário para a manutenção do culto e sua própria manutenção, assim como para as obras de imprescindível beneficência, que absorvem grandes somas.

São Lucas, no capítulo 10, versículo 7, de seu Evangelho, recolhe as palavras ditas por Jesus aos 72 discípulos que enviara a pregar: “*O operário é digno de seu salário*”. E na Primeira Epístola a Timóteo, capítulo 5, versículo 18, São Paulo recorda essa frase de Jesus e uma similar do Deuterônimo, capítulo 25, versículo 4. É portanto, comple-

tamente “bíblico” que os Sacerdotes recebam ofertas em metálico ou em espécie para sua honesta sustentação e para a manutenção do culto e das obras de beneficência.

Se os governos pagassem êsses gastos ou se as esmolas espontâneas dos fiéis fôsem quantiosas, a Igreja não estabeleceria provavelmente tabelas de estipêndios para receber algum dinheiro: porém o orçamento do culto, nas nações católicas em que ainda se conserva, costuma ser muito reduzido e as esmolas espontâneas. . . também o são (1).

Ademais, aprenda-o bem de memória o apologista católico, o Sacerdote *não vende os Sacramentos*; costuma cobrar-se um tanto *por ocasião da administração de certos Sacramentos e isto é feito a título de esmola*, não a título de operação de compra e venda. Repetimos: Não se vendem os Sacramentos. Recebe-se, sim, um tanto a título de esmola para a honesta sustentação do clero e manutenção do culto e das obras de beneficência.

Por último, nada se recebe pelo fato de administrar a Confissão e a Comunhão, ambas de uso tão freqüente; nem pela Extrema-Unção. . . nem pela maioria dos Sacramentos. Costuma cobrar-se, sim, pelo emprêgo de ornamentação extraordinária nos casamentos e funerais, e também uma pequena contribuição por motivo da administração do Batismo.

Os que são pobres e, portanto, não podem contribuir com coisa alguma, nada pagam. Não contarão, em alguns casos, com pompa exterior; porém o Sacramento se lhes administrará tão integralmente como ao mais endinheirado.

É certo que diante de Deus todos somos iguais. Porém diante dos homens, não. Nem somos iguais, nem é lógico que queiramos aparentá-lo. O que ocupa um posto

(1). “E o orçamento nacional do Culto, onde vai parar? Em primeiro lugar, é muito reduzido e o pouco que se destina a gastos do culto se emprega em socorrer as necessidades mais prementes dos colégios gratuitos, das capelanias militares, ajuda às Cúrias, aos Seminários etc. O Clero Diocesano não recebe nenhuma subvenção do Estado, nem figura no orçamento nacional ou provincial”. Tirado do folheto “Vida y Religión” (conjunto de verdades religiosas redigido para uso do homem da rua), do Revmo. P. Fernando Alvarez. Editou: Ediciones Paulinas, Buenos Aires.

elevado na escala social, é muito natural que deseje rodear os atos transcendentais de sua vida, por exemplo o casamento, com um aparato exterior maior do que o que convém a outro senhor de categoria menos elevada. Além disso, haverá quem, ao fazer a distribuição do dinheiro a empregar-se por ocasião do casamento, prefira realçar a cerimônia religiosa, que é a principal e não dar tanta importância, por exemplo, ao serviço de confeitaria, que é secundário. Outros, ao revés, regatearão com a Igreja e não duvidarão em gastar com os trajos, as festas etc., dez ou vinte vezes mais do que empregariam na cerimônia nupcial. A Igreja não pode cerrar os olhos a êsses fatos, por mais que soprem os ventos do comunismo...

4. Vejamos agora duas objeções das que costumam propor os protestantes: "Em nossos templos *não se passa a bandeja*, como nas igrejas católicas". Ao que respondemos: de alguma parte lhes virá então o dinheiro. Ademais, nem em todos os templos protestantes sucede o mesmo. Pelo que sabemos, a regra geral é que os protestantes também aproveitam a oportunidade do concurso dos fiéis para colhêr esmolas destinadas ao culto e às obras de beneficência.

Outra objeção: "*Por que se vendem as Bulas e as Dispensas Pontificias?*" A resposta é a mesma dada para os Sacramentos, não se vendem. As Cúrias Diocesanas e a Cúria Romana hão de sustentar-se de alguma coisa. A distribuição dessas concessões (Bulas, Dispensas etc.), dá ocasião a que quem delas se beneficia ajude com suas esmolas a sustentar a Igreja. Aliás, essas taxas são diminutas!...

d) INDULGÊNCIAS.

Conhecemos pelo capítulo 25 do Levítico, versículo 10, uma das normas que Deus prescreveu ao povo de Israel por intermédio de Moisés: "*Santificareis o ano quinquagésimo e proclamareis a liberdade por tôda a terra e todos os habitantes dela. Será para vós um jubileu e cada um de vós recobrará sua propriedade, voltará à sua família*".

Também a Igreja Católica adotou a prática dos jubileus em determinados ciclos de tempo. Mas, está claro que as dívidas que a Igreja perdoa por ocasião de um jubileu não são de ordem material, mas espiritual. Assim, cada 50 anos ou cada 25 anos, como também por motivo de um grande acontecimento religioso, o Sumo Pontífice proclama um Ano Santo, um Ano Jubilar, em que se perdoam com muitíssima facilidade nossas dívidas espirituais para com Deus.

Os confessores, em tempo de jubileu, têm licença especial para *perdoar certos pecados* gravíssimos, ou seja, aquêles pecados "reservados" de que falamos na secção a) da 9ª lição sobre a Confissão. E os fiéis podem lucrar muito facilmente, para si e para as almas do Purgatório, o *perdão das penas temporais* devidas pelos pecados.

Como se entende que a Igreja possa perdoar inclusive as "penas" devidas pelas ofensas feitas a Deus? Não se disse que na Confissão se perdoa a "culpa", porém que a "pena temporal" devia purgar-se com padecimentos nesta vida ou no Purgatório?

É verdade. Porém também se disse que nossas obras meritórias nos dão um certo direito diante de Deus, o que nos autoriza a esperar que êle diminua as penas devidas pelos pecados. Ou seja, que *os méritos diminuem as penas*.

Ora bem, a Igreja é depositária do tesouro infinito dos méritos de Jesus Cristo e do caudal enorme dos méritos de Maria Santíssima e dos Santos. O Sumo Pontífice pode dispor dêsses méritos e aplicá-los segundo acredite conveniente. (Recordar as passagens famosas de São Mateus, capítulo 16, versículos 16 e seguintes; capítulo 18, versículo 18).

Nos anos jubilares, seja em Roma, cada tantos anos; seja em Santiago de Compostela, cada vez que a festa de São Tiago Apóstolo cai em um domingo, o Papa concede com liberalidade, embora sob certas condições, êsses méritos. E como o conceder ditos méritos traz consigo como consequência uma remissão, um perdão, ou seja, uma indulgência das penas devidas pelo pecado, êsse ato costuma chamar-se de — conceder Indulgências.

Ademais, tenha-se em conta que não somente nos anos jubilares se concedem Indulgências. Em ditos anos, são concedidas com mais abundância; mas em qualquer época o cristão pode lucrar *para si e para as almas do Purgatório* essas Indulgências.

1. "Cem dias de Indulgência", lemos às vezes ao pé de uma oração. Para entender essa frase, devemos recordar o que foi dito sobre a penitência pública que era costume impor nos primeiros tempos da Igreja. O pecador arrependido que cumpria aquelas pesadas penitências, por exemplo, jejuar, vestir trajos de penitente etc., ia ganhando sem dúvida alguma um pouco de mérito cada dia, em vista da remissão total das penas devidas por seus pecados. Pois bem, quando a Igreja concede, por exemplo, "cem dias de Indulgência", isto quer dizer que concede tanta remissão de pena quanta corresponderia à concedida a quem tivesse feito cem dias de penitência pública do tipo das que se faziam nos primeiros tempos do Cristianismo.

De modo que o cristão que, nas disposições devidas, entre as quais a de achar-se na graça de Deus, reza tal oração ou executa tal obra pia enriquecida de Indulgências recebe de Deus uma diminuição de parte da pena temporal devida por seus pecados. E se se tratar de Indulgências aplicáveis aos defuntos, o cristão que as lucra e aplica pode conseguir, dêsse modo, aliviar um ser querido que se encontra no Purgatório.

Às vezes, a Indulgência que se concede é plenária, quer dizer, abarca toda a pena merecida pelos pecados.

2. Não tencionamos com isto afirmar que o mérito proveniente de Indulgências ganhas *obrigue* Deus Nosso Senhor a perdoar as penas dos fiéis defuntos. Nós oferecemos nossas obras; Deus as aceitará ou não, segundo os desígnios de sua Providência, a qual leva em conta tanto o bem particular do defunto, quanto o bem comum. Do contrário, um rico que deixasse muito dinheiro para os sufrágios iria imediatamente para o céu, enquanto um pobre teria que purgar mais por carecer de recursos.

Deus vê tudo e conhece tudo; aprecia as obras do rico

e do pobre em sua justa medida; aprecia as disposições espirituais do falecido e o ânimo das pessoas que ficaram. Deus é a própria justiça.

3. A chispa que provocou o incêndio protestante foi precisamente uma controvérsia sobre as Indulgências. *Na época de Lutero, houve indiscutivelmente abusos na pregação e no trâmite para concessão de Indulgências.* Era freqüente outorgá-las a quem, supostas certas condições espirituais, entre as quais sempre a de estar na graça de Deus, desse uma esmola preestabelecida, que era destinada às Obras da Igreja. Dado isso, foi muito fácil ao povo inculto cair no uso de expressões errôneas, como "comprar" Indulgências, "resgatar com dinheiro" as almas do Purgatório etc. E o que é pior, toda a doutrina das Indulgências ficou meio deturpada.

A) Quem houver seguido nossa exposição compreenderá bem que não há nada de particular em que a Igreja enriqueça com Indulgências essa obra pia que é dar esmolas. O fato prestou-se a abusos, a ponto que a própria Cúria Romana teve que intervir a alguns dos pregadores de Indulgências. . . Porém o abuso não justifica a condenação do uso legítimo.

B) Além disso, sempre foi possível ganhar Indulgências para si ou para os defuntos, mesmo plenárias, mediante atos muito simples de piedade, que não acarretam nenhum desembolso.

Portanto, nem as Indulgências se compram, nem os ricos são mais favorecidos com elas do que os pobres, nem são uma licença para pecar, nem perdoam os pecados estritamente falando, se bem que possam perdoar a pena temporal merecida pelos pecados; pelo contrário, *para lucrar uma Indulgência se deve estar na graça de Deus, isto é, sem pecado.*

4. Falamos mais extensamente da esmola e das Indulgências, pois nossos conceitos sobre o assunto devem ser muito claros.

Os protestantes se escandalizam com certo tipo de caridade estrepitosa que os católicos fazem algumas vezes. Querem saber, além disso, que é isso de "vender" Sacra-

mentos e "comprar" Indulgências... Devemos esclarecê-los; para isso, devemos primeiro nos esclarecer.

E ao encerrar esta lição sobre o Purgatório e as obras pias, elevamos nosso pensamento àquela que é a Mãe de todas as graças, Mãe de Deus, Mãe nossa e Mãe também de nossos irmãos protestantes. E, pensando nela, pedimos a Jesus instantaneamente a conversão desses irmãos nossos. Que vejam a luz sem demora, como o cego de Jericó (Lc 18,41-42).

Ofereçamos com freqüência o mérito de nossas boas obras nessa intenção. E que nosso oferecimento seja por intermédio de Maria Santíssima. Ela as apresentará a seu Filho e no-las devolverá transformadas em abundantes graças de conversão. Pois Jesus Cristo não nega nada no céu a quem nada lhe negou na terra.

QUESTIONÁRIO

Os pecados se perdoam na Confissão quanto à culpa ou quanto à pena? Pode resgatar-se nesta vida a pena temporal? Que é o Purgatório?

a) Aceito o conjunto da doutrina de Cristo, deduzir dela a necessidade de um Purgatório. Qual foi o pensamento de Lutero a esse respeito? Que opinam hoje muitos protestantes? Qual foi a prática da Igreja primitiva? Provas tomadas das Catacumbas e das obras de Santo Agostinho. Que diz a Bíblia Sagrada a respeito do Purgatório?

b) Que entendemos por obras pias? Que mérito têm as obras do que está na graça de Deus e do que está em pecado mortal? Nossas pequenas obras de todos os dias, os próprios erros que cometemos involuntariamente, nossas penas e enfermidades poderão ser fontes de mérito? Nossos méritos obrigam a Deus?

c) Que finalidade tem a Igreja ao impor jejuns e abstinências? Que texto de São Mateus se pode aduzir para provar a conveniência do jejum? Que afirmam São Jerônimo e São Leão a respeito do jejum quaresmal? A esmola meritória é compatível com a vanglória? Que praticar primeiro, a caridade ou a justiça? Os Sacerdotes vendem os Sacramentos? Por que razão cobram algo na ocasião de administrá-los? É justo que se ostente mais pompa exterior quando se casa uma pessoa de alta sociedade do que quando se casa um pobre? O Sacramento é diferente em um e outro caso? As Bulas e Dispensas Pontificias são vendidas?

d) Que se entende em geral por Jubileu? A Igreja pode perdoar

as culpas? A Igreja pode eliminar ou, ao menos, diminuir as penas por elas merecidas? De onde tira a Igreja os méritos necessários para satisfazer pela pena? Que se entende por Indulgência? Que significa "tantos dias de Indulgência"? Todas as Indulgências são aplicáveis pelos defuntos? Que prática deu margem a que Lutero rechaçasse a doutrina sobre as Indulgências? É lícito conceder Indulgências a quem contribuir com esmolas para as Obras da Igreja? É preciso ter dinheiro para ganhar Indulgências? A que intenção conviria aplicar muitas de nossas boas obras? Quem nos pode ajudar enormemente a aproveitarmos os méritos que provêm de nossas obras pias? Jesus poderá negar alguma coisa à sua Mãe?

Cristãos (que crêem em Cristo).	Católicos Apostólicos Romanos (com unidade de fé e de governo).	Rito Latino 390 milhões	Rito Grego Rito Melquita Rito Maronita etc.	40 milhões
	Igrejas Heterodoxas erradamente chamadas Ortodoxas: com certa unidade de fé e sem unidade de governo).	Ritos Orientais 10 milhões	Igreja da Grécia Igreja da Rússia Igreja da Sérvia etc.	160 milhões
	Protestantes (sem unidade de fé, nem de governo).	Luteros Calvinistas Episcopais Batistas Adventistas Favore. da Salvação	220 milhões	

Total de Cristãos: 780 milhões. — Total de Pagãos: 1.400 milhões. Total de habitantes do mundo: 2.180 milhões.

Nota. Estes números correspondem a um termo médio entre as cifras que apresentam várias estatísticas, entre elas as de Fisher, De-Agostini e o Anuário Protestant "A Christian Year Book".

DÉCIMA SEGUNDA LIÇÃO

O ECUMENISMO

"Porém não rogo somente por estes (os Apóstolos), sendo por quantos creiam em mim devido a suas palavras para que todos sejam um... para que sejam unidos em estreita união".

(Jo 17,20-23).

O ecumenismo é, em linhas gerais, um movimento simpático que é promovido pelas diversas igrejas protestantes e heterodoxas orientais a fim de fomentar a união de todas elas entre si e, como etapa final, com a Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Antes de falar desse movimento, convém lançar uma vista global sobre o mundo cristão de hoje para ver que lugar ocupa a Igreja Católica com relação às demais igrejas e confissões que têm a Jesus Cristo como a Deus e Senhor.

A) Como se pode apreciar no quadro sinótico da página anterior, existem católicos apostólicos romanos tanto de rito latino, como de ritos orientais. De modo que os católicos orientais de rito maronita, digamos por exemplo, são tão católicos apostólicos romanos quanto os católicos sul-americanos de rito latino. Serão diferentes, de acordo com os diversos ritos, os processos canônicos e a forma externa do culto, porém a fé é uma só. E o governo é único, todos obedecemos em questões de fé e costumes ao Romano Pontífice e, por isso, somos "romanos". A denominação de Igreja *Católica*, ou seja, "universal", deve-se primeiramente a que nossa Igreja é una e única para todo o mundo, e tem membros, de fato, em todo o mundo, dentro da mais estrita unidade de fé e governo de que temos falado.

b) Por sua parte, há também cristãos orientais que, desde há uns dez séculos, desde a primeira grande cisão religiosa, não pertencem à Igreja Católica por não quererem prestar obediência ao Romano Pontífice. Essas igrejas orientais se deram a si mesmas o nome de "Ortodoxas", ou seja, "as que conservam a verdadeira fé". Na realidade, são *heterodoxas*, o que equivale a dizer que possuem outra fé que não a devida.

c) Existe, enfim, um grupo de cristãos muito numeroso, ao qual pertencem algumas das Confissões ou Igrejas que atuam com pertinaz proselitismo entre nós. Provêm êsses grupos religiosos, como já se mostrou amplamente, da segunda grande cisão que sofreu o cristianismo, faz uns cinco séculos. Sua denominação de *Protestantes* se deve a Lutero e os Príncipes arrastados em sua revolução religiosa haverem "protestado" contra a Dieta de Spira, no ano de 1529, pelo fato de esta conceder liberdade religiosa aos católicos que viviam em territórios protestantes...

a) MOVIMENTO ECUMÊNICO.

Depois de têmos situado as seitas protestantes e as igrejas orientais heterodoxas dentro do vasto panorama cristão, passamos a historiar um pouco o movimento ecumênico que foi iniciado em princípios dêste século e vai alcançando importância cada vez maior.

O objetivo principal dêsse movimento é promover congressos internacionais com delegados de tôdas as religiões que rendem culto a Cristo e com o fim de formar, cedendo cada qual um pouco de sua parte, um tipo de religião cristã padrão, única para todos e que satisfaça a todos, inclusive aos católicos.

1. Foi Edimburgo, no ano de 1910, a sede da primeira Convenção do Protestantismo que chegou a alcançar verdadeira projeção. Desde então, as diversas denominações: "Fé e Ordem", "Fé e Trabalho" etc., organizaram outras convenções, entre as quais se destacam a de Lausana em 1926 e a de Oxford em 1937.

Dêsses movimentos nasceu um outro, novo e pujante, o "ecumenismo" propriamente dito, que celebrou sua primeira conferência em Utah.

Prova da convergadura dessas conferências foi a de Amsterdam, que reuniu em 1948 representantes de 148 igrejas dissidentes. A mais recente, reunida em Lund em 1952, contou com a assistência de representantes de 158 denominações diversas, provenientes de 40 países.

2. Praticamente tôdas as igrejas e denominações protestantes e heterodoxas orientais têm algum representante nesse movimento. A Igreja Católica, não.

À primeira vista, esta posição de nossa Igreja parece intransigente, mas não é assim. Pela simples razão de que *êsses congressos ecumênicos buscam a verdade e a Igreja Católica já a possui*: êles se sabem desorientados, nós temos a certeza de sermos a Igreja de Cristo.

Se, reconhecendo a autenticidade do tesouro da Revelação que a Igreja Católica possui, o movimento ecumênico a convidasse para conferenciar a respeito de detalhes de liturgia, organização interna, regime externo etc., então nossa Igreja aceitaria com prazer e discutiria com êles em pé de igualdade. O que não pode discutir em pé de igualdade é a autenticidade da mensagem evangélica herdada de Cristo e mantida incólume pela Igreja Católica, Apostólica, Romana durante vinte séculos.

O acontecimento mais terrível para a humanidade, pois faria supor o fracasso total de Cristo, seria que, por absurdo, a Igreja Católica dissesse a uma voz com os protestantes e os heterodoxos orientais: "eu também duvido da autenticidade de minha fé; vejamos se podemos juntos encontrar a verdade".

Apesar de tudo, a Santa Sé permitiu, já desde 1950, que, segundo o critério dos respectivos bispos, alguns católicos assistissem a êsses congressos a título de observadores. Por exemplo, assistiram ao recente congresso de Lund três observadores católicos.

Resta dizer que, não obstante a boa vontade que move a todos, o desenrolar dêsses congressos tem sido sempre tempestuoso, tanto ao se tocar em temas dogmáticos, como

em temas políticos. Sobretudo neste último terreno, a discórdia se torna mais aguda, já que a maioria das igrejas heterodoxas orientais e muitas das confissões protestantes são acusadas de uma passividade inexplicável em face do comunismo.

Pode dizer-se que os ecumenistas ainda não chegaram a conclusões práticas; salvo a magnífica de fomentar o desejo de união em busca da única verdade.

b) A INTRANSIGÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA.

Com relação ao ecumenismo, cabe apresentar algumas observações sobre a mal-interpretada intransigência da Igreja Católica.

1. A Igreja é intransigente *no essencial*, no dogmático, porque possui a verdade. Transigir no campo religioso supõe uma modificação. Quer dizer, ou admitir alguma verdade que antes se rechaçava, ou abandonar outra que antes se professava. E isto não o fez, não o fará, nem pode fazê-lo a Igreja Católica. A intransigência da Igreja é a intransigência de Cristo: "Quem não está comigo, está contra mim; quem não semeia comigo, desperdiça" (Lc 11,23).

Pelo contrário, em *coisas acidentais*, secundárias, a Igreja é, tem sido e será transigente dentro do possível, ou seja, dentro do que não implique arrastar a Igreja em algo de ilícito ou errôneo.

A Igreja, por exemplo, ante uma nova doutrina filosófica ou um novo regime político, adota sempre uma atitude de expectativa: observa e medita. O filósofo ou o político desejaria que a Igreja se decidisse imediatamente a seu favor, em favor do que ele crê ser a verdade. Mais ainda, desejaria que a Igreja fôsse transigente, aceitasse tácitamente os erros escondidos nos refolhos de tais sistemas filosóficos ou políticos.

Porém a Igreja procede com muita cautela. Apoiará decididamente *quanto de verdade* estiver incluído em ditos movimentos filosóficos ou políticos, mas se absterá de dar seu apoio franco *aos movimentos em si*, pois sabe por ex-

periência de séculos que todo movimento, por ser movimento, é cambiante, cai prontamente em erros e que êsses erros podem chegar mesmo a fazer desaparecer totalmente aquela verdade sobre que haviam começado a edificar-se os sistemas.

Muitos políticos se voltam contra a Igreja justamente por essa lhes recusar um apoio total e cego.

Não sucede assim nos países onde impera o protestantismo, precisamente porque o protestantismo é mais "transigente", adapta-se com maior facilidade às circunstâncias. Ou seja, expõe-se a cair ou cai mais facilmente no erro.

É por esta razão que muitas das atuais confissões protestantes cederam diante do ensino leigo, do divórcio, do aborto legal, do neomalthusianismo ou bem diante do avanço comunista etc.

2. Os protestantes nos lançam em rosto dois exemplos clássicos de intolerância religiosa: a *Inquisição Espanhola* e a *Noite de São Bartolomeu*.

Embora não possamos nos estender sobre êsse particular, vamos sugerir estas idéias: a exagerada intolerância religiosa da Idade Média não foi devida nem aos protestantes, nem aos católicos, mas à própria Idade Média.

Não se esqueça que foi essa época que herdou a tradição da queima das bruxas, dos "juízos de Deus", dos ordálios etc., resquícios todos dos costumes bárbaros. Por outra parte e nisto admiramos a Idade Média, naquela época o pior delito era a heresia, o delito contra Deus mesmo; por Ele ser superior a todos os príncipes e nações, constituía sua ofensa um crime, o mais abominável de todos, visto que de lesa-majestade divina. Hoje em dia, nossas mentalidades materialistas não compreendem essa linguagem. Hoje se compreende mais, por exemplo, a decisão da Corte Suprema de um país tido como protestante a que fôra submetido um pleito sobre a proibição da película blasfema "O Milagre": a Corte se declarou incompetente para proibir tal película, visto não poder decidir sobre que coisa seja "blasfêmia"...

Além do mais e voltando a nosso assunto, exagerou-se até o inacreditável no tocante à *Inquisição Espanhola*.

Nos *poucos* casos, segundo está hoje demonstrado, em que se aplicou na Espanha a pena capital com intervenção dêsse Tribunal Eclesiástico, deve ter-se em conta que era o poder civil, digamos: o govêrno, quem applicava a pena. O papel da Igreja consistia em julgar se tinha havido ou não delicto contra a fé; o govêrno, por sua parte, baseando-se em que êsse tipo de *delinquentes contra Deus* era muito pernicioso à tranqüilidade da nação, castigava ou eliminava o culpado, como hoje se castiga ou elimina aos delinquentes contra a segurança do Estado ou contra a propriedade privada.

O que sucedeu realmente, no concernente à história da Inquisição Espanhola e, em geral, de tôda essa época, foi que, sendo a Espanha então, como hoje, uma nação fundamentalmente católica, a ela mais que a nenhum outro país dirigiram os protestantes os dardos mais envenenados de sua crítica. A Lenda Negra não é mais do que isso, uma lenda...

No que se refere à *Noite de São Bartolomeu* (24 de agosto de 1342), a História nôs suficientemente em claro que foi a Rainha da Franca, Catarina de Médicis, que era tudo menos boa católica, a única responsável pela matança dos protestantes huguenotes. Como Rainha, alegou que essas mortes foram feitas em sua defesa, para livrá-la de uma conjuração; os reis vizinhos, do mesmo modo que o Papa, lhe enviaram as felicitações de protocolo, não pelas mortes ocorridas, mas por ela se ter livrado da conspiração. Hoje em dia se faz o mesmo quando o poder constituído de uma nação logra sufocar um levante interno.

Porém, não é de estranhar que se tenha adulterado a história de séculos passados. Em nossos dias mesmos ignoramos muitas vèzes o que acontece realmente, visto que, de um mesmo fato, nos dão versões contraditórias e simultaneamente "fidedignas"!

Por outra parte, os protestantes não se deixaram ficar atrás no que respeita à mal entendida intolerância religiosa. Para justificar nossa afirmação basta recorrer, por exemplo, às efemérides dos reinados de Henrique VIII da Inglaterra, da sanguinária Isabel I, de Eduardo VI,

Jaime I etc., que, na Inglaterra e na Escócia, afogaram em sangue todo intento de vida católica (1).

E se nos referirmos ao próprio Lutero? Recorde-se o que foi dito ao princípio desta lição sôbre a atitude intransigente dêle e dos príncipes luteranos da Saxônia, de Brandenburg, de Hesse etc., que "protestaram" contra a Dieta de Spira porque esta exigia liberdade religiosa para os católicos dos Estados dêsses príncipes. Que razões alegaram Lutero e os príncipes novadores? Um princípio que hoje em dia qualquer protestante teria vergonha de adotar, porém que não pareceu, então escandaloso: "Cujus regio, illius religio", quer dizer, cada qual há de ter a religião que está implantada na região em que vive...

c) O LATIM E O ECUMENISMO.

Uma porcentagem muito elevada dos católicos de todo o mundo, noventa e sete por cento, adota o rito latino, como se pôde ver no quadro sinótico.

Nós, os dêsse rito, usamos a língua ecumênica por excelência, o latim, tanto na liturgia, como na linguagem oficial das relações com a Santa Sé e no estudo da filosofia e da teologia.

Nos primeiros séculos se havia utilizado o grego com preferência; em seguida, passou-se a utilizar o latim. De modo que não é essencial à Igreja Católica o uso da língua latina. Se, no dia de amanhã, ela quisesse modificar sua linguagem, poderia fazê-lo sem dúvida alguma.

Quanto ao dia de hoje, as *vantagens* do latim são muito grandes.

A) Oferece-se a Deus em tôdas as partes do mundo e até com as mesmas palavras latinas um idêntico sacrificio, a Santa Missa. Um sacerdote japonês pode, por exemplo, celebrar em nossas igrejas ou em qualquer templo do

(1) Os Reis de Inglaterra vêm jurando, faz séculos, ao Arcebispo protestante de Cantorbery: "to maintain to the utmost of her power, in the United Kingdom the protestant Reformed Religion established by law", ou seja, "manter com todo seu poder e Religião protestante, estabelecida pelas leis no Reino Unido".

mundo, sem que a liturgia adotada sofra a mínima mudança.

B) Os estudos feitos em latim dão a máxima universalidade ao dogma católico. Em tôdas as partes se ensina o mesmo com os mesmos termos, contendo os mesmos conceitos. Até alguns dos textos de estudo são os mesmos em todo o mundo.

C) A maior parte dos escritos e documentos da antiguidade cristã está em latim: podemos beber a teologia em suas próprias fontes.

D) O latim é por si mesmo uma língua riquíssima em matizes. Além disso, como língua morta, não sofre alterações; o que foi escrito há séculos é compreendido hoje com o mesmo sentido que lhe deu o autor.

Inconvenientes: o povo não entende o latim utilizado nas cerimônias.

A) É certo; isto é um grande inconveniente. Porém os fiéis podem utilizar traduções que lhes permitam participar dos atos de culto com plena compreensão.

B) Além disso, já existem países católicos de rito latino em que alguns dos Sacramentos são administrados em língua vernácula.

C) Ademais, as igrejas orientais católicas sempre utilizaram em sua liturgia o grego ou a língua própria das respectivas nações.

D) Em nossa terra se estão difundindo cada vez mais, graças a Deus, o Missal e os Sacramentários em língua vernácula para uso do povo. Mediante seu uso, não somente se interpretam melhor as cerimônias, como se participa delas juntamente com o sacerdote.

É de suma urgência obedecer neste ponto aos Sumos Pontífices e à nossa Hierarquia que, já faz anos, vêm instando para que se proporcione aos fiéis uma participação cada vez maior nos atos do culto.

As devoções baseadas no sentimentalismo e não em uma compreensão clara de nossos deveres para com Deus, a Santíssima Virgem e os Santos devem ceder as poucas posições que ainda ocupam a uma piedade esclarecida, fundada na verdade, no dogma, na doutrina.

Estamos rezando o Têrço? Façamo-lo pausadamente. O costume de rezar o Têrço "meditado" se vai estendendo, graças a Deus, entre nossos fiéis.

Estamos participando ativamente nos atos do culto e dialogando em latim com o Celebrante? Tratemos de procurar o sentido profundo das frases que proferimos.

O canto litúrgico há de ressoar na bôca dos fiéis, como outrora, em nossos templos. Neste particular, devemos aprender com os protestantes, pois em geral põem muito empenho em louvar a Deus com o canto. O gênio da música, João Sebastião Bach, era um protestante...

Os Papas falaram; a Hierarquia de nosso país também. Que não suceda com o canto e a participação dos fiéis no culto o que sucedeu com a questão social. A Igreja também falou por aquê tempo, porém os endinheirados e os que tinham nas mãos meios de melhorar a situação operária, formar sindicatos católicos etc., não deram importância a suas palavras. A desobediência à Igreja traz sempre conseqüências fatais.

d) OITAVÁRIO PELA UNIÃO DA IGREJA.

O Oitavário pró União das Igrejas Cristãs: heterodoxa, protestante e católica, é praticado entre as datas muito significativas de 18 e 25 de janeiro. Comemoramos a 18 de janeiro a cátedra de São Pedro em Antioquia e a 25 do mesmo mês, a Conversão de São Paulo.

Esse Oitavário, que hoje se pratica no mundo inteiro entre os católicos e mesmo entre alguns protestantes, é uma devoção de origem protestante. Um grupo de anglicanos pertencentes à "Sociedade da Expição" começou a difundi-la em 1908...

Vejamos primeiro quem eram os integrantes da Sociedade da Expição. Formavam êles uma espécie de Congregação Religiosa, constituída em fins do século passado por membros de ambos os sexos, pertencentes à Igreja Anglicana, que fundaram vários mosteiros de vida comum, baseando-se nas Regras de São Francisco.

Em 1908, como dissemos, praticaram pela primeira vez o Oitavário pró União da Igreja; no ano seguinte, passaram-se em cheio para a Igreja Católica, formando parte de uma florescente Ordem Terceira Franciscana que ainda existe.

Outro caso similar de conversão em massa foi o do mosteiro protestante de Santa Maria que também, depois de se ter imposto por uns anos as Regras Franciscanas, passou coletivamente ao catolicismo; hoje constitui uma próspera comunidade missionária.

São vários os mosteiros protestantes de vida comum que praticam em nossos dias as Regras de São Francisco, embora adaptadas, como é natural, a suas modalidades peculiares...

Será que o protestantismo terá que atravessar uma etapa franciscana, tal como sucedeu a Joergensen, Cherterton, Papini, Gemelli, Claudel, o Grande-Rabino de Roma Zolli etc., antes de receber o abraço fraternal do catolicismo? Ninguém sabe os desígnios da Providência.

A tendência para a união é um fato inegável e feliz da nossa época. Mais ainda, indispensável, dado o avanço das forças sem-Deus, que só poderá ser detido por uma frente única de espiritualidade autêntica.

A prática do Oitavário pró União da Igreja fará sem dúvida que Deus Nosso Senhor olhe com especial benevolência para o movimento ecumênico e ilumine a inteligência dos chefes das diferentes Confissões e Igrejas que participam do afã unionista ⁽¹⁾.

“Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a querem edificar” (Sl 126). Na torre de Babel que levantaram sem querer, os protestantes não podem ouvir nenhuma linguagem comum; prova disso são as Conferências Ecumênicas a que nos referimos.

O Senhor já tem sua casa construída. É a casa paterna onde o Pai Celestial, representado por nosso Pai Comum, o Santo Padre, espera receber com um grande abraço aos filhos pródigos de todo o mundo. Tardarão eles a voltar?

⁽¹⁾ Para popularizar essa devoção, anexamos ao final deste livro um “Oitavário” popular.

QUESTIONÁRIO

Que lugar ocupam dentro do cristianismo as igrejas heterodoxas orientais, as protestantes e a Católica? A que se devem esses nomes, que as identificam?

a) Que se entende por “ecumenismo”? A Igreja Católica tem algum representante oficial nesse movimento? Nossa Igreja pode pôr-se em pé de igualdade com as demais igrejas cristãs? Que conclusões práticas se obtiveram com os congressos ecumênicos realizados até agora?

b) A Igreja Católica é intransigente no essencial ou no acidental? Que atitude adota a Igreja ante uma nova doutrina filosófica ou um novo regime político? Que costumam os políticos exigir da Igreja? Que atitude costuma o protestantismo tomar diante dos poderes temporais? Referir-se à Inquisição Espanhola e à Noite de São Bartolomeu. Foram intransigentes os monarcas daquela época? Foram-no Lutero e os Príncipes luteranos ante a Dieta de Spira? Que argumento empregaram contra os católicos?

c) O latim é essencial à liturgia católica? É vantajoso o uso dessa língua? Que atitude deve adotar o povo fiel nos Ofícios Divinos? Referir-se ao uso do Missal, do Sacramentário e do Canto Litúrgico. Que conseqüências traz a desobediência às normas da Igreja?

d) Que entendemos por “Oitavário pró União das Igrejas”? Quais foram os começos dessa devoção? Referir-se à influência de São Francisco na conversão de protestantes ao catolicismo. Poderão os protestantes chegar a um acôrdo entre si em seus congressos ecumênicos, se recusam volver à Casa Paterna que o Senhor edificou?

DÉCIMA TERCEIRA LIÇÃO

O CELIBATO DOS SACERDOTES

“Quem é solteiro cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor. O casado há de cuidar das coisas do mundo e de como agradar à sua mulher, e assim estará dividido”.

(1 Cor 7,32-33).

Vamos tratar agora de um problema delicado, o celibato sacerdotal. Os protestantes não encontram solução para êle; por outra parte, não faltam católicos mal informados que têm idéias muito confusas a êsse respeito. Por isso, estender-nos-emos um pouco mais do que de costume, a fim de propormos a questão em seus devidos termos. Bem colocado o problema, a conclusão se impõe por si mesma.

Sustentamos, em primeiro lugar, que o celibato casto é um estado de vida que qualquer homem ou mulher pode adotar legitimamente. Depois, referindo-nos particularmente aos sacerdotes, justificaremos com razões muito bem fundadas seu celibato, livremente abraçado e fielmente observado.

Claro está que as razões que aqui se expõem serão entendidas muito mais facilmente por quem possua um coração puro do que por aquêles que, submersos no pecado, não têm tempo, nem desejo, nem talvez possibilidade, humanamente falando, de elevar os olhos ao céu e apartar seu corpo da terra. Mais ainda, são razões que se entendem perfeitamente em épocas de fervor; em épocas de tibiez espiritual, seu resplendor se ofusca. O entendimento amortecido, sem a vivacidade espiritual que a de-

voção produz, necessita de renovados esforços para ver claro. E isto não por culpa das razões mesmas, mas por culpa da tibiez ou da frieza espiritual em que se encontra imerso o entendimento humano.

Muitos serão os breves argumentos que iremos expondo ao longo desta lição. Recordamos ao leitor o conselho de sublinhar ou marcar aquêles que lhe pareçam mais convincentes a fim de os gravar na memória e de tê-los "à mão" quando convier utilizá-los.

a) É POSSÍVEL OBSERVAR UM CELIBATO CASTO.

Ouve-se com freqüência dizer que quem não contraiu casamento é celibatário. Nós preferiríamos ter nomes para distinguir as duas classes de pessoas que estão nessa situação por motivos muito diferentes.

1. Chamariamos apenas de solteiro ou solteira, nosas considerações aplicando-se indistintamente a homens e mulheres, aos que deixaram de casar-se por não ter encontrado oportunidade para fazê-lo ou por alguma circunstância física ou psíquica os ter impedido. Chamariamos de célibes ou celibatários os que fizeram de sua situação um *estado de vida*, procurando e aceitando voluntariamente ficarem solteiros por alguma razão de ordem superior, tal como o serviço de Deus, o arrimo dos pais necessitados, o serviço da pátria, o estudo da ciência etc.

O célibe ou celibatário não é, pois, um mero solteiro. Orientou e canalizou tôda sua existência com uma formação espiritual e as providências materiais que exige seu típico estado de vida. E, se assim não procedeu, não terá sido prudente; pagará as conseqüências na medida em que deixou de ser previdente.

2. Suposta a existência do celibato como estado, passamos a rebater a opinião dos que dizem ser impossível observá-lo *castamente* por ir *contra as leis da natureza*. Hoje em dia a medicina já disse sua última palavra a respeito: é falso que abstinência total da exonerção seminal voluntária acarrete algum transtôrno somático. A res-

peito, ouvi de um cirurgião notável, professor de medicina, estas palavras — "Temos nos hospitais muitas salas para enfermidades venéreas; porém não temos nenhuma para enfermos de castidade". E de outro professor, especializado em Psiquiatria: "Comprovei comigo mesmo que a abstinência total é inócua" (1).

3. Não se pode tão pouco alegar que o célibe ou celibatário cumpridor de seu dever em matéria de castidade vá *contra as leis de Deus*.

Deus instituiu o Sacramento do Matrimônio; porém instituiu também o Sacramento da Ordem. E assim como nem todos estão obrigados a ordenar-se sacerdotes, tão pouco estão todos obrigados a receber o Sacramento do Matrimônio.

O celibatário consciente não despreza o Matrimônio. Antes o reverencia como a um "*Sacramento grande*" (Ef 5,32), porém não se sente com vocação para adotá-lo; ou bem as circunstâncias lhe indicam que não o deve adotar.

Objetarão alguém: Deus deu esta ordem ao gênero humano — "*Crescei e multiplicai-vos*" (Gên 1,28). A resposta a essa objeção é simples; o mandado de multiplicar-se não foi dado a cada um dos indivíduos em particular, mas ao gênero humano em geral. Do contrário, pecaria quem não se multiplicasse, quem não tivesse descendência, coisa evidentemente absurda.

(1) "A altíssima proporção de adolescentes que ignoram em nosso país que a continência prematrimonial é a única garantia de sua integridade física e moral demonstra decididamente que não se difundiu ainda o verdadeiro fundamento da educação sexual. Deve divulgar-se a opinião da Academia de Medicina de Paris, do Colégio de Médicos de Nova York e seus arredores, da Associação Argentina de Dermatologia e Sífilis, e de muitas outras fontes indiscutíveis que demonstram a garantia que a castidade representa; fontes que são às vèzes ignoradas pelos pedagogos e pelos médicos". Em "La verdadera profilaxis venérea" do professor Dr. Luiz Maria Balña.

No Congresso sobre a Prostituição que a Federação Abolicionista Internacional organizou em Roma em 1950, o professor Scremin apresentou várias conclusões importantes, afirmando entre outras coisas: 1º) que os prostíbulos são fonte inevitável de contágio venéreo; 2º) que são escolas de perversão sexual; 3º) que servem não tanto para solucionar um problema dos solteiros quanto para fomentar o vício de solteiros e casados, já que na Itália, por exemplo, os homens casados freqüentam mais os prostíbulos do que não o fazem os solteiros.

Recomendamos a leitura do livro "Función sexual", do Dr. Manuel N. J. Bello. Buenos Aires, 1953, distribuído pela A.J.A.C.

4. Assentada a existência legal do celibato casto, argüem-nos que a experiência ensina que quem adota êsse estado de vida está muito exposto a cair em falta, a cometer um ato ilícito.

Respondemos: depende. Se adotar, para não cair, os meios peculiares a seu estado, não cairá. Se se descuidar e não elevar seu espírito, se ceder aos sentidos, cairá do mesmo modo que os casados que não exercem contrôlo sôbre suas paixões.

Quais êsses meios necessários para não cair? Há de dois tipos: meios sobrenaturais e meios naturais.

Meios sobrenaturais: oração, mortificação, prática freqüente da Confissão e da Santa Comunhão ⁽¹⁾, devoção a Maria Santíssima, vida paroquial com participação de suas atividades em alguma instituição, em contato com sacerdotes e pessoas de bons costumes etc. Deus da graças peculiares de estado aos célibes, aos celibatários como tais.

Meios naturais: o primeiro é bem focalizar sua vida. O célibe sabe que tem de prescindir de tudo que se refere ao sexo. Todo seu proceder se subordina a essa idéia. Por isso, ante certos e determinados problemas, de um modo reage o célibe e de outro modo, o solteiro.

Muito ajudará a quem abraça o celibato ocupar sua mente com uma grande idéia. Poderia esta ser a caridade para com os parentes necessitados, em benefício dos quais terá renunciado ao matrimônio; ou um amor fervoroso a Deus, em cujas mãos terá colocado tôda sua vida, seu coração, suas melhores energias espirituais e corporais; ou a idéia do bem, da ciência, do magistério etc.

Um grande ideal reprime tôdas as demais tendências. É como essas árvores gigantes em redor das quais a erva não cresce, porque elas absorvem tudo. Se não houver êsse ideal superior, a castidade periga, máxime nos de temperamento sanguíneo.

(1) Pensava o Cardeal Gomá que a Santa Comunhão, o trato íntimo com Deus, devolve em parte ao homem o dom de imunidade ante as paixões de que gozavam Adão e Eva. Com respeito à devoção à Santíssima Virgem, recomendam os autores a prática de rezar três Ave-Marias e a oração "Bendita seja tua pureza" ao levantar-se e ao deitar-se, modificando-se neste último caso a oração assim: "Eu vos ofereço nesta noite..." Essa prática se recomenda mesmo aos que vivem habitualmente em pecado mortal.

E, sobretudo, fugir da tentação. Por uma parte, pedir a Deus que "não nos deixe cair em tentação" e, por outra, afastar-se dela.

Façamos um pouco de filosofia barata: o ímã é um ferro como qualquer outro, porém com a virtude de atrair. Ponhamos um alfinete a dez centímetros e o ímã não o atrai; ponhamo-lo a cinco e o alfinete será irresistivelmente atraído pelo ímã. O alfinete que não quiser ser aprisionado não se aproxime mais do que a prudência aconselha. Que se mantenha à distância...

A "distância respeitosa" é o segredo de quem, como os célibes ou celibatários, têm de cumprir seu dever de castidade. Ora bem, essa distância respeitosa pode manter-se perfeitamente, mesmo admitidas relações estreitas com pessoas de outro sexo, principalmente se tôdas as atividades forem dominadas por um ideal nobre, como seria o caso do apostolado.

A custa de todos seus esforços, poderá o célibe reprimir perfeitamente suas tendências? Sem dúvida alguma.

A função dos diques é reprimir as águas. É enorme a pressão que exerce o líquido sôbre a parede do dique; sem embargo, uma parede bem construída de contenção, diligentemente conservada, oferece sem a menor dúvida amplas garantias. Se as rachaduras que vão aparecendo são descuidadas e não se trata rapidamente de repará-las, então sim, a estabilidade do dique está em perigo.

5. *O celibato casto é um fato corrente.* Quem afirmar o contrário, alegando que a continência é por si mesma impossível de observar, nos obrigará a pensar erradamente dêle, de seus irmãos e irmãs, de seus filhos e filhas etc.

Que êsse senhor não seja derrotista. Que se decida a freqüentar, por exemplo, nossos ambientes católicos, nossas famílias, nossas paróquias, nossos conventos e se vencerá de que *ainda restam muitos corações que se conservam limpos* nesta terra inundada de lama.

O que sucede é que muitos dos críticos que "não compreendem" o celibato casto têm, infelizmente, um temperamento que lhes torna quase imprescindível satisfazer

seus instintos, máxime se não possuem uma vontade robusta, capaz de pôr um freio à força do apetite sensitivo. E pensam que acontece o mesmo com todos os outros. Como o guloso que deseja ansiosamente o creme de Chantilly e crê que ninguém possa prescindir dêle.

6. Esta é nossa tese a respeito do celibato: *todo solteiro* deve privar-se de certo tipo de satisfações. Deus reservou tais satisfações ao estado matrimonial, porque elas levam consigo deveres sérios e graves, que só conseguem suportar os que contraíram matrimônio.

Por outra parte, há solteiros, os célibes, que fizeram de sua situação um estado permanente de vida, livremente e com todo direito. Esses têm a mesma obrigação de observar castidade que qualquer outro solteiro, embora gozem de maiores facilidades para fazê-lo que os que ficaram solteiros por força das circunstâncias e contra sua vontade.

b) HISTÓRIA DO CELIBATO SACERDOTAL.

Queremos deixar bem assentado que não há nenhum texto bíblico que *obrigue* aos que exercem a função sacerdotal a manter-se afastados do matrimônio. Porém, ao mesmo tempo, afirmamos que são vários os textos bíblicos que *aconselham* o celibato a quem deseja dedicar-se ao serviço de Deus. Esses textos serão expostos mais adiante.

1. Passamos agora a expor uma breve resenha dos trâmites que se seguiram até a implantação definitiva do celibato sacerdotal na Igreja do rito latino.

A) *Cristo, Senhor Nosso*, Sacerdote Eterno, nosso modelo em tudo, não contraiu matrimônio. Por isso se chama "o Príncipe dos Virgens".

Entre os Apóstolos, alguns eram solteiros, outros eram casados. Porém todos, segundo o evidencia a lógica, seguiram sós a Jesus; basta recordar a passagem em que São Pedro diz ao Senhor: "Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. Que será de nós?". Ao que Jesus respondeu: "Todo aquêle que deixar irmãos e irmãs, pai ou mãe ou filhos e campos, por amor de meu nome receberá cem por um nesta terra, e depois a vida eterna" (Mt 19,28-29).

Sabemos que São Paulo e São João eram solteiros; São Paulo não somente se gloria de o ser, mas aconselha a não se casarem os que desejam entregar-se ao serviço de Deus. Leia-se todo o capítulo 7 de sua Primeira Carta aos Coríntios.

B) Por sua vez, *muitos dos cristãos* dos primeiros séculos, homens e mulheres, começaram a praticar os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. Os que isso observavam eram tidos em grande estima; apesar de tudo, como costumava officiar de sacerdote o chefe de família (presbítero = ancião), é natural que houvesse poucos sacerdotes solteiros. Tertuliano, no ano de 200 ("De Exhortatione Castitatis"), fala do grande número de sacerdotes que viviam continentos, já que haviam escolhido a Deus como espôso. O apologista Orígenes, pela mesma época ("In Leviticum"), justifica assim o celibato sacerdotal: Os sacerdotes da Antiga Lei observavam continência, afastando-se de suas espôsas, durante o período de seu serviço no Templo; os da Nova Lei não conhecem tais inconvenientes, por serem célibes ou celibatários. Aos sacerdotes judeus cabia a paternidade material; aos cristãos, a espiritual etc.

No século IV, o celibato eclesiástico era prática comum, se bem que não obrigatória, em Espanha, Itália, Oriente e Egito.

C) O Concílio de Elvira, na Espanha, celebrado entre os anos de 300 e 306, *proibiu, pela primeira vez no mundo*, que os bispos, os sacerdotes e os diáconos da região vivessem em matrimônio. E mandou depor de seus cargos os que não observassem continência total.

Os Sumos Pontífices aprovaram essa decisão e foram estendendo a obrigatoriedade do celibato clerical a diversas regiões. Assim, o Papa São Sirício foi autor de um documento em que se alegam belíssimas razões em favor do celibato eclesiástico, ao mesmo tempo em que se castiga severamente quem não o observar⁽¹⁾. Enfim, o celibato clerical já era obrigatório em todo *Ocidente* no século V.

(1) Pode ler-se este documento no "Enchiridion Symbolorum". Denzinger, número marginal 89.

No *Oriente*, depois de diversas proibições e concessões, foi permitido desde o século VII em diante aos sacerdotes e diáconos conviverem com suas espôsas, se já tivessem contraído enlace antes da ordenação. Com tudo isso, porém, o celibato se converteu em requisito indispensável para aquêles que hão de ocupar os mais altos cargos eclesiásticos. Além do mais, nunca faltaram entre os orientais os mosteiros em que sempre se observou não só perfeita castidade, como também pobreza e obediência.

D) Podemos, portanto, resumir o processo que se seguiu no estabelecimento do celibato clerical: absolutamente falando, não há incompatibilidade entre as funções sacerdotais e o matrimônio; porém, como é apropriado para o sacerdote o celibato, conforme o desejo de Cristo que São Paulo, depois, repetiu, *pouco a pouco brotou na Igreja nascente a formosa flor do celibato* de uma plêiade sempre crescente de sacerdotes castos que haviam pôsto todo seu coração e tôda sua pessoa aos pés de Cristo, ao serviço de seu reinado.

2. Esta é, em grandes rasgos, a história do celibato eclesiástico. Hoje se encontra claramente legislado que quem aspirar ao sacerdócio na Igreja Católica, Apostólica, Romana de rito latino tem de renunciar, anteriormente, ao matrimônio. Se prevê que não irá poder carregar o pêso do celibato, não se aproxime das Sagradas Ordens. É se os Superiores do Seminário onde o candidato faz seus estudos previrem, com sua experiência, que êle não suportará êsse pêso, não o admitirão ao Sacerdócio; dir-lhe-ão lhanamente mais ou menos estas palavras: "seu temperamento não foi feito para cumprir os deveres sacerdotais" e lhe abrirão as portas do Seminário.

Doze longos anos tem à sua disposição o estudante de nossos Seminários para decidir-se pelo sim ou pelo não. Uma vez por ano, pelo menos, pratica o candidato ao sacerdócio, um retiro espiritual de seis dias para pensar exclusivamente em Deus, em sua alma e sua vocação. Antes de receber cada uma das três últimas Ordens Sagradas, tem de escrever por seu próprio punho um documento em que declara desejar receber a Ordem Sagrada correspon-

dente com pleno conhecimento de causa a respeito das obrigações que o celibato lhe impõe. Em qualquer momento de seu curso, pode abandoná-lo sem nenhum prejuízo para sua reputação ou seu patrimônio. Não é possível ordená-lo sacerdote se não tiver 24 anos completos de idade ou, quando menos e com dispensa de Roma, vinte e dois. Poderiam pedir-se mais garantias? Será que os noivos por exemplo, tomam a décima parte dessas precauções ao escolherem *seu estado permanente de vida*, o matrimônio?

Por isso, a obrigação jurada de observar perfeita e perpétua castidade, que o sacerdote contrai, é algo que obriga com a fôrça de uma promessa soleníssima feita a Deus e aos homens e que de forma alguma pode quebrar-se.

3. Não ficaria completo êste esboço da história do celibato eclesiástico se não deixássemos bem assentado que a lei do celibato, promulgada pela Igreja, pode ser derogada pela mesma Igreja, se esta o acreditar conveniente.

É conhecido, por exemplo, o caso recente em que se ordenou sacerdote um ex-Pastor protestante alemão convertido ao catolicismo, a quem o Papa, por dispensa especial, permitiu continuar a viver com sua espôsa e seus filhos, em perfeito matrimônio. O mundo católico se inteirou da notícia e a aceitou tranqüilamente, com êste comentário universal: "o Papa pode fazê-lo; se isto lhe pareceu acertado, não temos nada a acrescentar".

O caso, embora muito fora dos costumes, não suscitou polêmicas, nem se organizaram petições em massa ao Vaticano para obter dispensas semelhantes, nem aconteceu nada do que pressagiavam os não-católicos. É que nossos sacerdotes amam seu celibato e o povo fiel vê nessa renúncia algo de muito grande e muito conveniente à vocação de Mediador que compete ao sacerdote (1).

(1) É raro o caso, porém dá-se, da Ordenação Sacerdotal de um casado, cuja espôsa, de livre vontade e geralmente para ingressar em algum convento de Religiosas, consente em separar-se perpétuamente dele e deixá-lo em liberdade completa. A Ordenação de viúvos é um pouco mais frequente.

c) O SACERDOTE CATÓLICO OBSERVA O CELIBATO.

Embora custe a nossos adversários admiti-lo, o sacerdote católico observa o celibato. Faz séculos que o vem observando e hoje o ostenta como um de seus melhores ornatos.

1. É que se precisa partir da convicção de que o sacerdote não é um senhor qualquer a quem, da noite para o dia, vestiram uma batina e disseram: mantenha-se casto. Para chegar ao presbiterato, exigem-se muitos anos de reflexão e prova.

Nem todos os temperamentos servem para o sacerdócio; nem tôdas as vontades têm a mesma têmpera. A seleção que se opera nos longos anos do Seminário permite fazer chegar aos degraus do altar aos que, humanamente falando, oferecem garantias.

Eu diria a muitos cétricos: se você, desde sua primeira juventude, tivesse vivido retirado em uma casa de estudos e houvesse rodeado sua vida de atividades semelhantes às de um sacerdote, guardaria também castidade. Porque os sacerdotes não são heróis, nem seres anormais; são criaturas perfeitamente normais, que observam um *plano de vida* sãbiamente ordenado, o qual, em boa psicologia experimental e segundo as leis fisiológicas perfeitamente conhecidas, os leva naturalmente à observância da castidade perfeita. E esta é a explicação "humana" do celibato casto do sacerdote.

Ora, se acrescentarmos ao que precede uma *vocação divina*, umas graças especialíssimas de Deus em favor de seu ministro e um emprêgo constante dos meios sobrenaturais específicos para manter a santidade do estado sacerdotal, teremos então o quadro completo da situação do sacerdote em face do celibato.

2. Vamos enumerar sucintamente alguns dos *meios* de que goza o sacerdote para cumprir santamente sua vocação.

Antes de tudo, seu grande ideal de apostolado, de serviço de Deus, de oblação a Deus de todos os momentos de sua vida.

O sacerdote veste uma batina negra, de renúncia, que o distingue de todos os demais; porém, para celebrar a Santa Missa se reveste totalmente de uma alva de imaculada brancura, que lhe fala da virtude angélica, indispensável ao digno ministro do Altíssimo. Sôbre essa vestimenta branca coloca os ricos paramentos sagrados que lhe dizem algo da glória celeste, predispondo-o para o contato direto com a Divindade que vai ter lugar na Santa Missa.

O Santo Sacrifício o situa como Mediador entre o povo pecador e o Deus ofendido. E êle, depois de ter oferecido por todos e por si mesmo, a Vítima Divina, comunga, recebe em seu peito o bom Jesus que, ao menos "ex opere operato", o encherá de graças.

O Sacerdote faz meditação diàriamente durante 20 a 30 minutos e, segundo a frase de Santa Teresa, "ou se deixa a meditação para ir atrás do pecado, ou se deixa o pecado para ir atrás da meditação..."

Mais de uma hora diária lhe tomará a recitação do Breviário que, mesmo feita com certa distração, lhe irá gravando na consciência máximas de vida superior, exemplos de varões preclaros por sua virtude etc., além de lhe facilitar uma visão da vida litúrgica paralela à da vida civil.

Grande devoção professa o sacerdote pela Rainha do Clero, Maria Santíssima. A vida da Mãe de Jesus tem muitos pontos de contato com a do sacerdote. Ambos geram a Jesus e dão Jesus ao mundo. Ambos o levam por entre as gentes para abençoá-las, perdoar, fazer o bem. E na hora do sacrifício, ambos, aos pés da Cruz de Cristo, perdoam, como êle e oram pelos filhos extraviados.

Uma arma infalível tem o sacerdote a seu alcance, como a têm os fiéis, porém talvez mais do que êles, para defender a pureza da vida, a saber, a mortificação corporal. Ao que exercita esta arma o demônio nunca oferecerá batalha, pois sabe antecipadamente que será vencido.

O ministério: batizar, casar, assistir aos moribundos etc., o coloca a cada momento diante da realidade profunda da vida, sem disfarces, nem dissimulação. Quantas lições, quantas consolações retira o sacerdote do santo ministério do confessorário!

A uns atrairá o púlpito ou a tribuna; a outros a pena ou a cátedra. Umas vêzes, o instituto X a fundar; a obra Z a dirigir.

Enfim, os ministros de Deus vivem uma intensa segunda vida dentro de sua existência comum.

Muitas vêzes por dia êles vêem o Santo Crucifixo e a imagem dêsse homem morto entre dores para salvar aos demais é um lenitivo para suas penas e um incentivo para a luta.

Seu traje e a pública profissão do ministério lhe evitam ouvir aquelas conversações inconvenientes de que tanto gosta o mundo. A modéstia dos olhos ante as pessoas do outro sexo é uma defesa da pureza de seu estado. As leituras... tudo, enfim, conspira a favor da santidade de sua vida.

E, se tudo isso fôsse pouco, restaria que tôda semana deve prestar contas de sua alma ante o sacerdote confessor e cada ano beneficiar-se com vários dias de Exercícios Espirituais, durante os quais, longe de tôda atividade, dá um balanço em sua vida e ausculta o estado de sua alma...

3. Admitindo-se tudo que precede, podem perguntar-nos como explicar, então, as quedas que de vez em quando ocorrem entre as fileiras do clero?

A) Talvez Deus permita êsses dolorosos fatos para manter na humildade a ordem sacerdotal. Se os sacerdotes se soubessem impecáveis, seriam insuportáveis pelo orgulho.

B) Por outra parte, os sacerdotes, como confessores, hão de encontrar-se com reincidentes, carregados de misérias espirituais. Quem tem ofendido a Deus, mesmo que seja só em coisas leves, compreende muito mais facilmente o pecador do que o asceta irrepreensível, severo e rígido em geral.

C) A fé de quem crê em Cristo e na Igreja prescindindo ou apesar da pessoa do sacerdote é muito mais genuína e meritória do que a fé que tem sua razão de ser no ministro que se sabe ser santo.

D) Em todo caso, a última explicação da falibilidade dos sacerdotes é a debilidade humana. O ministro

do altar, "um homem tomado de entre os demais homens para que se dedique ao serviço de Deus", não deixa por isso de ser homem e, por esta razão, "êle mesmo está rodeado de fraquezas" (Hebr 5,1-3. Veja-se a Segunda Epístola aos Coríntios, 4,7). Deus não quis servir-se de Anjos impecáveis para seu serviço na terra, mas de homens falíveis. Por que? Mistério de sua sabedoria.

E) Uma coisa é evidente: se o sacerdote se conservar fiel a suas obrigações, é impossível que caia. Porém, se desprezar voluntariamente os meios naturais e sobrenaturais que facilitam manter-se em seu estado, então cairá fatalmente, cedo ou tarde. Suceder-lhe-á exatamente o mesmo que ao casado que descuida de suas obrigações respectivas.

F) Esta reflexão fazemos conosco: nenhuma pessoa sensata, ao verificar o número elevado dos adultérios, digamos por exemplo, que se cometem diariamente, tirará a conclusão que é preciso abolir a instituição matrimonial e proclamar o amor livre. Pois do mesmo modo, aquêle que, ao ouvir: "eu conheci um Padre que..." (a maior parte dessas histórias são meras invenções sem nenhum fundamento, mas suponhamos que fôssem certas); aquêle que, ao ouvir que um sacerdote faltou a seu dever de célibe, tirasse a conclusão de que se deve suprimir o celibato clerical não estaria refletindo devidamente.

Nem suprimir, pois, o matrimônio, porque há casados que pecam; nem suprimir o celibato, porque há célibes que pecam.

Finalmente, os que andam divulgando os tristes casos que, dada a fragilidade humana, sucedem algumas vêzes parecem bastante com o cecaravélho que se compraz em revolver resíduos...

4. Vamos referir-nos agora a algo de muito chocante pela falta de lógica que revela.

Censuram os não-católicos em geral ao sacerdote por ser "um parasita, um enganador que impõe aos demais cargas pesadas como jejuns, abstinência e a vergonhosa e insuportável confissão dos pecados" etc. Enfim, segundo êles, o sacerdote é um refugio humano, digno de todo des-

prêzo. Mas, chegam ao tema do celibato e se lhes abrandam repentinamente o coração. Olham, cheios de ternura, para o sacerdote e lamentam: "Por que não se pode casar?" E com todo entusiasmo se sacrificariam para fazer-lhe o favor de casá-lo.

De onde vem esta repentina comiseração? Nem é obstáculo o fato de que êsses mesmos senhores sejam solteiros ou tenham irmãos e irmãs na mesma situação, e que não se casam "porque isso é coisa particular dêles..." Pois que apliquem o mesmo critério em favor do sacerdote; se êle não quer casar-se e prefere ser sacerdote, terá suas razões (*).

Algo de *mais perigoso* resulta, segundo nosso ponto de vista, de certa atitude "transigente" que se está difundindo também entre alguns católicos mal formados em sua fé. Jactam-se êstes de ter um espírito mais largo, mais moderno e, por isso, "compreendem" a situação do sacerdote, do mesmo modo que "compreendem" a situação de um casado que falta a seu dever.

De maneira nenhuma. A culpa de um homem casado é grave, mas a do sacerdote é gravíssima, por ser sacrilega. Se vemos mal a um policial que rouba valendo-se de seu uniforme e a um militar que vende ao inimigo os segredos de guerra, se nos repugna um médico que exige de sua enfêrma a entrega de seu corpo a trôco da saúde, com muito maior severidade devemos julgar o sacerdote que não cumpre sua promessa sagrada; pois nem o policial, nem o militar, nem o médico ostentam a excelsa missão de recordar ao próximo a necessidade de cumprir os respectivos deveres para com Deus, como é o caso do sacerdote.

Ora bem, *não confundamos a pessoa com a instituição*. Não confundamos a um "sacerdote" com o "sacerdócio". O exército, a policia e a medicina continuariam a ser ben-

(*) Vem-nos à memória o caso de Lutero que proclamou que todos os sacerdotes e religiosos deviam contrair matrimônio, mas êle não se decidiu a fazê-lo, pois sabia que, como casado, perderia muito de seu prestígio e daquela mobilidade que convinha à sua missão de pregador. Porém seus amigos lograram convencê-lo e, por fim, uniu-se com Catarina Bora, ex-religiosa, que, certamente, não o fez feliz.

fazejos e beneméritos por mais que um militar, um policial e um médico faltassem a seu dever.

Quem desprezar a medicina por conhecer um médico de maus costumes e não quiser, por isso, consultar-se com os facultativos estará procedendo de modo ridículo. De modo semelhante, quem desprezar o sacerdócio em si por conhecer o caso de um sacerdote escandaloso e não quiser, por isso, aproveitar-se dos auxílios da Religião estará procedendo com muito pouco senso.

5. Diz a Sagrada Escritura: "*O vinho e as mulheres fazem apostatar até os sábios*" (Eclo 19,2).

O sacerdote o sabe; por isso, leva uma vida morigerada e mantém, com relação às pessoas do outro sexo, aquela "distância respeitosa" de que falamos no princípio desta lição.

Isto não quer dizer que haja de fugir da mulher e que haja de sentir-se diminuído diante dela. Pelo contrário. O sacerdote é e deve ser o grande confidente da mulher, que busca nêle compreensão, conselho e apoio; por sua vez, a mulher é uma grande ajuda para o sacerdote, dado seu espírito eminentemente religioso e abnegado.

A exemplo de São Paulo, *o sacerdote há de ver em cada mulher uma irmã*. A mulher pecadora é para o sacerdote uma irmã que necessita urgentemente dos auxílios da graça para reconstruir sua vida. E a mulher virtuosa é uma irmã que pode fazer muito bem a quem o necessita e que, além do mais, deve também receber ajuda para manter-se e adiantar-se na virtude.

Maria Santíssima representa para o sacerdote o protótipo feminino. Humilde, pura, abnegada. Em tôda mulher cristã resplandecem raios daquela humildade, pureza e abnegação. Porém onde aparece com maior nitidez a figura de Maria é na mãe do sacerdote, em cujo coração ela fomentou desde a infância o sublime ideal da conquista das almas (*).

(*) "Maria ocupa um lugar preferencial na liturgia da Igreja e no Braviário. O liturgista que não cumpre seu ministério de modo formalístico ou rotineiro trata de chegar a uma relação pessoal com a Mãe de Deus. E quando natural, poderíamos dizer, que veja nela a encarnação do Espírito Santo, o qual lhe servirá de norma para sua vida pessoal e para a cura de almas.

Também Jesus se encontrou com a mulher em seu caminho. As Santas Mulheres que foram admitidas em seu séquito, no séquito do Mestre. As mulheres pecadoras, representadas pela Samaritana e pela Madalena, acharam nêle um amplo perdão.

A mulher se beneficiou dos milagres do Taumaturgo e escutou emocionada os preceitos da Nova Lei, segundo a qual ela, escravizada até então durante séculos, deixava de ser um mero objeto para uso e proveito do homem.

Por isso, a mulher guarda até o dia de hoje para com Jesus uma gratidão muito grande, um profundo afeto respeitoso. Por isso, sempre sai em sua defesa, como a esposa de Pilatos e a Verônica, a limpar as injúrias de seu rosto.

Ora bem, a mulher sabe que o sacerdote é, na terra, o ministro dêsse Jesus...

Qual é, pois, o "segrêdo" do celibato sacerdotal?

Digamo-lo em uma palavra: o "segrêdo" consiste em que o sacerdote não olha a mulher com os mesmos olhos com que a olha o homem da rua e a mulher não olha para o sacerdote como para um homem da rua.

6. Dissemos, parafraseando São Paulo (Hebr 5,1-2; 2 Cor 4,7), que o sacerdote, no cumprimento de sua missão sublime, não perde sua humanidade, mas a eleva, a sobrenaturaliza; pondo em prática os meios que a Igreja lhe proporciona, mantém-se firme em seu estado e serve à cristandade, apesar da luta que a matéria faz ao espírito (Rom 7,19-25).

Quantos aviões sulcam hoje velozes os ares? Inúmeros. Sem embargo, todo vôo significa duas fôrças em pugna constante: a gravidade contra a velocidade. A gravidade atrai o avião para a terra; a velocidade o mantém nos ares.

Uma minuciosa revisão de motores e aparelhos de

tanto quanto para o trabalho de educar o sexo feminino. Maria é a "cheia de graça", é a coroa de seu sexo em sentido natural e sobrenatural, é a Virgem das virgens, a Mãe das mães e, como Mãe de Cristo, também nossa Mãe... Ela reúne de um modo único tudo quanto há de nobre na mulher. O sacerdote que a venera comunicará a tôdas as suas irmãs algo de sua nobreza e de sua distinção. Em tôda mulher que encontrar em sua vida tratará de buscar um raio da dignidade feminina ou, também de despertar o raio que seus olhos vêem em Maria". "O Sacerdote no mundo", por José Sellmair.

comando faz com que essa coisa difícil que é não cair se torne uma realidade de todos os dias em milhões de aeronaves.

Descuidem os pilotos seus comandos, abandonem os mecânicos a conservação dos instrumentos de vôo e bem depressa virá o desastre. Não por culpa da aviação em si, mas por culpa dos homens da aviação.

Guiar em terra uma carroça seria, certamente, mais seguro para os pilotos do que conduzir um avião pelos céus. Mas isto é mais nobre, sem dúvida alguma. Exigem-no a pátria, o progresso, a própria vocação...

Descuide-se o sacerdote de rezar o Ofício Divino, de fazer a meditação, os Exercícios Espirituais, de reconfortar constantemente seu espírito nas fontes da graça, de robustecê-lo com a mortificação voluntária; descuide os "controles"; a queda será inevitável. Porém, por culpa de sua desídia.

Seria mais seguro para quem é sacerdote, sobretudo do clero diocesano, permanecer em terra, ser um entre os outros muitos da terra. Mas a vocação divina o chamou com doce insistência. Os homens têm necessidade de quem os leve ao céu, os ponha em contato com seu Criador e Senhor. Por isso, muito grande há de ser o mérito e o galardão que esperam os destemidos que, em nome de Deus, oferecem entre perigos sua vida inteira em benefício da salvação de seus irmãos.

d) O PORQUÊ DO CELIBATO SACERDOTAL.

Já se deixaram entrever, ao longo desta lição, as razões por que a Igreja mantém em vigor a lei do celibato clerical.

1. Comecemos por propor argumentos tirados da Bíblia Sagrada.

Antigo Testamento. No capítulo 6 do Livro dos Números dão-se normas a respeito dos homens e mulheres consagrados a Deus, mas isto não é mais do que uma tósca figura da consagração total que fazem a Deus nossos sacerdotes, nossos religiosos e religiosas.

A legislação relativa aos deveres da continência dos sacerdotes judeus durante seu serviço no Templo se assemelha um pouco mais a nosso celibato clerical. Contudo, pode dizer-se que na Antiga Lei se desconhecia a jóia do celibato virginal.

Novo Testamento. Na Nova Lei, lei das finezas da caridade e da graça, é que se ouve em tôda sua harmonia a delicada linguagem da virgindade.

A) Estava o Senhor dando normas sôbre o matrimônio, conforme o novo Evangelho; pareceram aos Apóstolos difíceis de cumprir e lhe disseram: "Então, é melhor não casar". Ao que Jesus respondeu, segundo se lê em São Mateus, capítulo 19, versículos 11 e 12: "*Nem todos são capazes de o entender, senão somente aqueles a quem isto foi concedido*". Há várias classes de pessoas, prossegue o Mestre, que, por uma causa ou por outra, não podem contrair matrimônio, porém há algumas que se impuseram a si mesmas a obrigação de não casar-se "*por causa do reino dos céus*".

De maneira que, segundo Cristo, em primeiro lugar nem todos estão capacitados para abraçar o celibato, nem todos "*são capazes de entendê-lo*". E em segundo lugar, há quem o abrace "*por causa do reino dos céus*", para alcançá-lo e para fazê-lo alcançar pelos demais. A estes "*lhes foi concedido*", por dom especial de Deus, decidiram-se pela senda da virgindade, senda que preferiram ao caminho do matrimônio.

B) São Paulo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 7, aconselha decididamente o celibato a quem deseja entregar-se ao serviço de Deus. Eis aqui suas palavras: "*Este é meu conselho às viúvas e às pessoas não casadas: é bom que permaneçam assim, como eu permaneço... Quanto às virgens, não tenho preceito do Senhor; dou, sim, conselho. Julgo que é vantajoso para o homem não casar-se. Está unido a uma mulher? Não procure separar-se. Não tem mulher? Não procure casar-se. Se te casares, não pecas por isso; se uma donzela se casa, também pouco peca... Quem não tem mulher anda solícito unicamente com as coisas do Senhor e com o que há de fazer*

para agradar a Deus. Ao contrário, o que tem mulher anda preocupado com as coisas dêste mundo e com o que há de agradar a sua mulher, e assim se acha dividido". **Con-**
vém ler o capítulo todo.

C) Eis aqui, por fim, o prêmio, segundo a **Bíblia** Sagrada, dos que se mantiveram virgens: "*E cantavam como um canto novo diante do trono. Estes são os que não se macularam com mulheres, porque são virgens. Estes seguem o Cordeiro onde quer que êle vá. Estes foram resgatados de entre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro*". Assim diz o Apocalipse em seu capítulo 14, versículos 3 a 5.

Não queremos deter-nos a fazer um comentário exegético dos dois últimos textos citados; seu sentido é óbvio e salta aos olhos. Recomendamos, isto sim, que nossos leitores gravem na memória essas passagens, sobretudo a de São Paulo aos Coríntios, capítulo 7, pois têm uma força probatória muito grande.

2. E agora, a título de ilustração, vamos transcrever uns trechos referentes ao celibato eclesiástico, tirados de documentos dos últimos Sumos Pontífices.

Pio XI, em sua encíclica "*Ad catholici sacerdotii*", assim se exprime: "O grande aprêço que o Divino Mestre mostrou ter pela castidade, exaltando-a como algo de superior às forças ordinárias; o reconhecerem a êle como "Flor de uma Mãe virgem", criado desde a infância na família virginal de José e Maria; verem sua *predileção pelas almas puras*, como as dos dois Joãos, Batista e o Evangelista; o ouvirem o grande Apóstolo São Paulo exaltar o valor inestimável da virgindade, *especialmente para se poder empregar mais de continuo ao serviço de Deus* ("o que não tem mulher anda solícito unicamente com as coisas do Senhor e com o que há de fazer para agradar ao Senhor"); tudo isso era quase impossível que não fizesse sentir aos sacerdotes da Nova Aliança o encanto celestial dessa virtude privilegiada... e fazer-se voluntariamente obrigatória sua guarda, que muito depressa o foi por lei severíssima eclesiástica em tôda a Igreja Latina".

A "*Menti nostrae*", exortação ao clero católico do

Santo Padre Pio XII, dá razões semelhantes em favor do celibato sacerdotal. “E é precisamente porque *deve estar livre das preocupações do mundo* para dedicar-se todo e por inteiro ao serviço divino que a Igreja estabeleceu a lei do celibato, para que fôsse sempre mais manifesto a todos que o sacerdote é ministro de Deus e pai das almas... Quanto mais refulgir a castidade sacerdotal, tanto mais virá o sacerdote a ser junto com Cristo “*Hostia pura, hostia sancta, hostia immaculata*”.

Como se pode ver, ambos os Pontífices assinalam, por uma parte, a maior pureza que o celibato supõe e, por outra parte, a maior utilidade que traz à Igreja o fato de seus ministros se entregarem de corpo inteiro ao apostolado.

3. Convidamos os protestante a um momento de reflexão sincera. Se os sacerdotes não observarem êsses conselhos evangélicos que supõem uma perfeição maior, quem os irá observar? Se os pastôres não os puserem em prática, como as ovelhas irão pô-los em prática? Se, de acôrdo com os desejos de Lutero, tivermos de dizer às religiosas, ou seja, às virgens consagradas a Deus nos conventos, nos colégios e nos hospitais, que deixem seus hábitos e contraíam matrimônio, para quem terão sido escritas as palavras da Bíblia Sagrada que acabamos de transcrever?...

Na realidade, estamos certos de que os Pastôres protestantes não aspiram ao sublime gênero de vida que supõe a observância dos conselhos evangélicos e do celibato em particular. Porque o conceito de “Pastor” e o de “sacerdote” se diferenciam diametralmente...

A) *O sacerdote vive seu ministério de Mediador* entre Deus e os homens. Suas mãos devem ser imaculadas, pois com elas há de tocar em Jesus Eucaristia na Santa Missa. Seu coração há de estar vazio de tudo que é terreno para inspirar confiança às almas delicadas que necessitam de solução para seus problemas íntimos de consciência.

B) *O sacerdote, todo entregue a Deus e às almas*, se dedica ao ministério sem poupar seu tempo, sua pessoa, seus bens. Foi o que se tornou patente nos campos de concentração durante a segunda guerra mundial. Havia, por

exemplo, em um mesmo campo ministros de várias religiões: heterodoxos orientais, protestantes, católicos etc. Os que eram casados não se aventuravam, comumente, a levar os auxílios da religião a quem precisava deles, por temor dos carcereiros que o haviam severamente proibido. Julgavam êsses ministros que suas vidas pertenciam também a seus filhos e espôsas. Em uma palavra, estavam atados. Os sacerdotes católicos, pelo contrário, livres de tôda ligação humana, não temiam arriscar-se para servir a seus fiéis.

C) Por que mesmo os sacerdotes católicos de rito oriental ficaram imobilizados em suas regiões? Por que não demonstraram o espírito missionário que sempre caracterizou os sacerdotes do rito latino? A resposta é simples: Como lhes seria possível cumprir a ordem de Cristo: “*Ide e pregai*”, acompanhados de mulher e filhos? Seria coisa muito difícil, máxime não havendo quem lhes pague altos salários, que compensem os gastos e os sacrifícios.

D) São muitas, enfim, as pequenas travas que dificultariam *em nosso meio* a ação do Clero a que se permitisse a vida conjugal.

O sacerdote casado, por menos que se descuidasse, passaria a ser um pequeno burguês com legítimos desejos de assegurar o futuro de sua espôsa e seus filhos. Se o Estado remunerasse seus serviços, tanto pior; pois em nenhum caso poderia levantar-se contra uma injustiça dêsse Estado retido pelo obstáculo da família, que dependeria do salário.

Com respeito à espôsa, podemos supor que seria virtuosa, circunspecta etc. Porém, se não o fôsse? O caso de espôsas ciumentas, intrometidas, quando não positivamente escandalosas, não é, na verdade, tampouco frequente. Por sua parte, os filhos, sua índole, sua educação e o resto, distrairiam necessariamente o sacerdote das funções peculiares do ministério etc.

O apostolado não pode ficar exposto a tais percalços.

4. Já é tempo de encerrarmos êste capítulo. Fizemo-lo mais longo de propósito, porque na prática não há

conversação ou polêmica com protestantes em que não venha à tona esse assunto. Convém, portanto, estar preparado.

Convençam-se de uma vez por todas os que ainda não compreenderam o celibato eclesiástico de que este não cria seres anormais. O sacerdote católico é um homem como outro qualquer que, desejoso de servir a Deus, livre de todo laço humano, consagrou-se totalmente ao serviço da Divindade, aceitando o convite evangélico de permanecer célibe ou celibatário. Não perdeu nada com isto; antes pelo contrário, ganhou muito. Senão, veja-se:

O sacerdote é "Pai", ainda que não seja espôso. Enche seu coração de carne com outro coração de carne, o de Jesus Eucaristia.

Fertiliza sua vida com a paternidade, com uma paternidade espiritual muitíssimo mais nobre do que a natural. Não gera filhos para esta vida; gera-os para o céu.

Durante toda sua existência, o sacerdote alimenta a vida da alma de seus filhos espirituais com os diversos Sacramentos: deposita em seus lábios o manjar inefável da Santa Comunhão; perdoa suas faltas; abençoa-os quando eles se sentem capazes de fundar um novo lar; acompanha-os à sepultura.

A paternidade espiritual tem a virtude de formar, sustentar e incrementar a vida sobrenatural dos espíritos; porque o ministério sacerdotal consiste em gerar constantemente Cristo nas almas dos homens.

A espôsa do sacerdote é a Igreja. Ama-a entranhadamente; por ela se sacrifica e em defesa dela entregaria sua vida, se necessário.

Pode afirmar-se, com verdade, que o coração do sacerdote é ressecado, que a vida do sacerdote é anormal e estéril?...

Transcreveremos para finalizar um trecho formoso de Pio XI, tirado da encíclica citada há pouco: "É de certo um espetáculo de comover e excitar admiração, embora se repita com tanta freqüência na Igreja Católica, ver os jovens levitas que, antes de receberem a Ordem Sagrada do Subdiaconato, isto é, antes de se consagrarem plenamente

ao serviço de Deus, *por sua livre vontade renunciam aos gozos e satisfações que poderiam honestamente usufruir em outro gênero de vida*". E isto única e exclusivamente "por causa do reino dos céus".

QUESTIONÁRIO

Estarão todas as pessoas igualmente habilitadas para entender as razões a favor do celibato sacerdotal?

a) É o mesmo dizer solteiro e célibe? O celibato é contra as leis da natureza ou contra as leis de Deus? Enumerar alguns dos meios sobrenaturais e naturais que o célibe deve adotar para não cair. Que se entende por "distância respeitosa"? Quem está em melhores condições para observar a castidade, o célibe ou o solteiro?

b) Há algum texto bíblico que obrigue ao celibato eclesiástico? Quem começou a observá-lo na Nova Lei? Em que ano se tornou obrigatório para os sacerdotes de determinada região? Tardou em estender-se essa obrigação a toda a Igreja Latina? A Igreja oriental, que legislação observa a esse respeito? O sacerdote aceita às cegas a obrigação do celibato? Que processo antecede seu voto definitivo? A Igreja Latina não aceita absolutamente, em nenhum caso, ordenar sacerdote a um candidato já casado?

c) Todos os temperamentos servem para o sacerdócio? O sacerdote fiel a seu celibato é um herói, um ser anormal ou simplesmente um homem normal? Enumerar alguns dos meios de que goza o sacerdote para manter a santidade de seu estado. Como se explica, então, a queda de um sacerdote? Enumerar várias dessas explicações e, entre elas, uma aduzida por São Paulo. A inobservância do celibato clerical justificaria a abolição do mesmo? Que atitude deve adotar o sacerdote diante das pessoas do outro sexo? A quem há de ver o sacerdote na mulher? Quem é para o sacerdote o protótipo feminino? Que atitude adotou Jesus para com a mulher e a mulher para com Jesus? Qual é o "segrédo" das relações entre o sacerdote e a mulher? Paralelo entre os sacerdotes e os homens da aviação.

d) Aduzir três trechos da Bíblia Sagrada em que se manifesta a conveniência do celibato eclesiástico. Que razões alegam Pio XI e Pio XII em favor do celibato sacerdotal? Seria lógico que nossos sacerdotes não observassem este conselho tão claro de Jesus, repetido por São Paulo e galardoado por São João no Apocalipse? Demonstrar que o ministério sacerdotal exige pureza de vida e total entrega pessoal pela Causa. Enumerar alguns inconvenientes que se seguiriam ao estabelecimento em nosso meio de um clero casado. São "Pais" nossos sacerdotes? Que espetáculo "comove e excita admiração", segundo o trecho de Pio XI que transcrevemos?

DÉCIMA QUARTA LIÇÃO

MARTINHO LUTERO E JOÃO HENRIQUE NEWMANN

*"Por seus frutos os conhecereis...
Toda árvore boa dá bons frutos e
toda árvore má dá maus frutos".*

(Mt 7,16-17).

As fortes personalidades de Martinho Lutero e de João Henrique Newmann se prestam a um paralelo entre duas existências cuja razão de ser foi, para um deles, um contínuo descer da verdade para o êrro e, para o outro, um contínuo ascender do êrro para a verdade.

Dois livros, mais do que nenhum outro, nos servirão de guias: "Martinho Lutero", de Hartmann Grisar S. J., historiador jesuíta alemão sumamente documentado e o singelo livro "História de minhas idéias religiosas", de João Henrique Newmann, espécie de diário íntimo em que o autor vai narrando sua conversão ao catolicismo.

a) MARTINHO LUTERO.

Lutero nasceu em Eisleben, na Alemanha, a 11 de novembro de 1483.

Depois de ter terminado o estudo das humanidades, seu pai o matriculou na Faculdade de Direito de Erfurt. Por êsse tempo, contando êle vinte e um anos completos, em um dia de forte tempestade *formulou o voto de fazer-se religioso*; dois meses depois ingressou no Convento dos Agostinianos, na mesma cidade de Erfurt. Corria então o ano de 1505.

É o próprio Lutero quem nos assegura que seu ingresso na vida religiosa foi devido a que um raio caiu muito perto dêle, podendo tê-lo morto. Acreditou ver nesse raio

um apêlo do alto e, apesar de não ter nenhuma disposição para o claustro e de seus melhores amigos procurarem dissuadi-lo de seu empenho desatinado, insistiu em fazer-se religioso. Estas duas peculiaridades de seu caráter: padecer freqüentes alucinações e possuir uma vontade tenaz até a teimosia, o acompanharam durante tôda a vida.

Dado que sua maneira de ser não o dispunha para o sacerdócio, bem fácil lhe teria sido obter dispensa do voto de entrar no convento, se é que efetivamente um propósito emitido sem prévia deliberação e diante do perigo de morte pode merecer a classificação de voto. Mas, apesar de todos os tropeços, chegou a *ordenar-se sacerdote* em 1507.

Durante o banquete que se seguiu à Primêira Missa, o pai de Lutero levantou-se de repente colérico e exclamou que a vocação de seu filho ao sacerdócio não era de Deus, mas do diabo; que em primeiro lugar estava a obediência aos pais etc. Permite-se-nos notar que o progenitor de Lutero também havia dado, em sua vida familiar, mostras de um caráter bastante alterado. O futuro reformador guardou muito más recordações de seu pai.

Já sacerdote, Lutero dedicou-se ao ensino e ao estudo; participou da política e pouco a pouco se foi desviando da doutrina tradicional católica.

1. Os escritos de Lutero, desde 1515 e para diante, já contêm os germes de suas inovações em matéria religiosa.

A primeira demonstração pública de sua rebeldia foi colocar na porta da igreja universitária de Wittenberg um escrito que continha *95 Teses sobre as Indulgências*, contrárias à doutrina católica tradicional; nesse escrito eram convidadas, ademais, tôdas as universidades da comarca a assistir a disputa teológica que Lutero ia iniciar ao redor desse tema. Corria o ano de 1517.

Desde então se foi estendendo como um rastilho de pólvora a dúvida religiosa. O campo estava preparado, como dissemos na 2ª lição; não foi necessário nada mais do que lançar a centelha.

2. Entre as controvérsias que Lutero sustentou de palavra ou por escrito para defender sua doutrina im-

provisada, destaca-se a *Controvérsia de Leipzig, no ano de 1519*, em que se definiu contra o Primado do Romano Pontífice, chamando ao Papa de "*Anticristo, hidra de Roma*" etc. João Eck, teólogo católico, o rebateu; mas Lutero, dando novas interpretações à Bíblia Sagrada e adulterando friamente a História, pôde sair-se mais ou menos airoso aos olhos de seus amigos.

Depois de um exame maduro da situação por parte da Cúria Romana, o Papa Leão X publicou uma Bula em que se condenavam, ponto por ponto, os erros principais da nova doutrina luterana, porém sem fazer menção nesse documento do nome de Lutero. Convida-se, em seguida, ao novador para retratar-se dos erros em que podia ter incorrido, dando-se-lhe um prazo de sessenta dias para isso; do contrário, cairia automaticamente sobre êle a pena de Excomunhão. Lutero respondeu *queimando públicamente a Bula* e os livros de Direito Canônico, diante de delegados das universidades adeptos de suas doutrinas. A sorte estava lançada; era o dia 10 de dezembro de 1520.

3. Desde êsse momento, a distância que separava Lutero da verdadeira Igreja se foi fazendo cada vez maior.

Vejamos alguns pontos de sua nova doutrina.

Na página 208 do volume 3 da "*Correspondência do doutor Martinho Lutero*" encontra-se uma carta dirigida por êle a Melanchton, datada de 1º de agosto de 1521 em Wartburg, que diz: "*Sê pecador, um verdadeiro pecador e peca com fôrça; mas crê mais fortemente ainda*" (*pecca fortiter, sed fortius fide*).

Não se deve tomar literalmente esta forte expressão de Lutero, tantas vêzes empregada depois em seus escritos. Compreendemos perfeitamente que se trata de uma hipóbole perigosa para tirar o mêdo e dar confiança a seu amigo, cuja consciência recalcitava contra os novos modos de proceder contra Roma e a fé católica. Porém, evidentemente, a estas expressões e conseqüências o levava sua teoria de que "*a só fé fiducial justifica*"; portanto, as obras, o pecar ou não pecar, é coisa trivial, secundária, para quem tem fé firme em Cristo.

Não é de se estranhar que essa doutrina, errônea em

si mesma e mais perigosa ainda por ser *interpretada tortuosamente*, levasse às piores desordens. Máxime se se lhe acrescenta a pregação de que “o homem é algo assim como um animal sem liberdade, que é conduzido por Deus ou pelo diabo”.

Hartmann Grisar, o mais profundo historiador de Lutero, estuda a fundo o problema e tira esta conclusão; “So-bejam na teoria luterana leis e sanções, cuja superfluidade fica demonstrada quando se afirma que, sem liberdade, não pode haver ninguém responsável”.

4. Transcreveremos outra carta da vasta obra “Correspondência do doutor Martinho Lutero”. Está datada de 27 de janeiro de 1524 e foi dirigida pelo reformador a seu amigo Bruck; diz assim: “Devo confessar que não me atrevo a proibir que se tenham várias mulheres, porque a isso não se opõe a Sagrada Escritura”. Frases como esta sobre a bigamia se encontram com certa freqüência em seus escritos. Deus sabe que “interpretação” terá o novador dado a passagens tão claras como São Mateus, capítulo 19; São Marcos, capítulo 10; São Lucas, capítulo 16; Primeira aos Coríntios, capítulo 7; Efésios, capítulo 5 etc.

É fato positivo que Lutero permitiu o *duplo matrimônio de Landgrave Filipe de Hesse*.

Quando, em dezembro de 1539, êsse príncipe lhe pediu autorização formal para contrair novo matrimônio com uma jovem de 17 anos, filha de uma camareira do palácio, com a condição expressa de que devia ser tida como esposa legítima e, portanto, elevada à categoria de princesa, Lutero e seu conselheiro teológico Melanchton firmaram uma autorização que se expressava nestes termos: “Se Vossa Alteza está resolvido a tomar segunda mulher, opinamos que deve fazê-lo de modo secreto, como já nos manifestamos por ocasião da dispensa que solicitava. Não há nisso contradição, nem escândalo considerável...” Isto quer dizer que Lutero e os novadores, premiados pelas circunstâncias, autorizaram a bigamia, concedendo ao príncipe duas esposas legítimas simultâneas.

Essa debilidade de Lutero teve tremendas conseqüências. A partir desta bigamia, sucederam-se inumeráveis

divórcios, cujas partes, depois da separação, exigiram dos novos chefes religiosos permissão formal para **contraírem legalmente novo matrimônio**; pois, se se havia concedido autorização para a bigamia, com muito mais razão se deveria concedê-la para o divórcio absoluto e total.

Martinho Buccero, que foi quem, em nome de Landgrave Filipe de Hesse, pedira autorização a Lutero para o duplo matrimônio que comentamos, dá testemunho do escândalo e da imoralidade que o acontecimento provocou no povo com estas palavras escritas de Magdeburgo ao príncipe: “O povo volta à selvageria, a imoralidade reina por tôda parte”.

Lutero, por sua parte e referindo-se na mesma época a várias províncias alemãs em que se havia estendido a pseudo-reforma protestante, as classifica de “uma Sodoma espantosa”...

5. A essa altura de sua vida, Lutero sofreu graves perturbações no interior de sua alma, como se deduz de seus escritos. A reforma ia destruindo tôda a ordem cristã estabelecida durante séculos e êle próprio se horrorizava com sua obra.

Foi também nesta época, ano de 1525, em que seus amigos lograram convencê-lo a deixar a vida irregular que levava e contrair matrimônio, tal como êle mesmo havia aconselhado aos religiosos e religiosas.

Catarina Bora, ex-monja, foi eleita para sua companheira. Esta união sacrílega, em lugar de tranqüilizar a Lutero, como êle e seus amigos esperavam, exasperou ainda mais seu espírito. Assim escreve no ano de suas bodas: “Eis que por êsse matrimônio me rebaixei e envileci de tal maneira que espero que os anjos tenham rido, enquanto todos os demônios choravam” (Estudo sobre Lutero, Kroker).

Melanchton, teólogo de Lutero, lamenta-se a seu amigo Camerário em carta de 16 de junho de 1525, nestes termos: “E como observo em Lutero tristeza e inquietação, causadas por esta mudança em sua existência, procuro com todo meu zelo e empregando tôdas as razões possíveis animá-lo...” (“Lutero”, Grisar).

A vida de Lutero como espôso parece haver transcorrido sem maiores transtornos. Com relativa freqüência o novador se refere a Catarina Bora em seus escritos. Às vezes a chama carinhosamente de sua "amada Kathe", porém muitas outras vezes faz troças, mesmo grosseiras, à custa dela e que não vem ao caso transcrever por serem precisamente muito grosseiras. De vez em quando, referindo-se à prisão que lhe causava a família (Catarina deu seis filhos a Lutero) e ao caráter de sua companheira, a chama de "Cadeia", "Mestra Catarina", "Mestre Moisés", "santíssima senhora doutôra" etc.

É conhecida a anedota em que Lutero aparece falando com Catarina, ambos olhando para o céu em noite estrelada e dizendo: "Este céu formoso não é para nós..."

6. Grandes controvérsias se seguiram à propagação da doutrina do "livre exame", controvérsias que Lutero teve de sustentar não somente contra os católicos, mas também contra protestantes como êle, que dissentiam de seus pontos de vista. Zwínglio, Erasmo, Eck e muitos outros mantiveram polêmicas por escrito e às vezes de palavras com o novador.

Por outra parte, o fato de constatar um divisionismo religioso sempre crescente entre seus próprios prosélitos tinha necessariamente de solapar o fundamento teológico que Lutero, dentro de seu impenetrável e altivo subjetivismo, se havia construído como apoio da nova doutrina. Foi por isso que a dúvida se apresentava a cada momento em seu espírito, máxime durante os períodos de depressão geral de que o novador padecia freqüentemente.

Em 1540 Lutero pronunciava, fatigado e desalentado, estas frases que se acham consignadas no livro "Conversas à sobremesa". Assim se exprime: "Por mais que me esforce, não posso crer e, sem embargo, ensino aos demais. Sei, porém não creio. Ah, quem pudera ao menos crer somente!"

Eis aqui a prova da caducidade de sua doutrina. O *critério subjetivo da fé* não pode ser garantia de salvação. A fé fiducial protestante, sem obras, pode obscurecer-se e mesmo faltar, sobretudo quando investe a tentação ou

quando uma cadeia de pecados aparta a alma humana do reto caminho, do "recta sapere", do apreciar o que é reto.

Porém, a fé sustentada com obras, tal como a professam os católicos, quando chega o momento da provação, subsiste nas cinzas, enquanto as obras brilham na superfície. As obras realizadas constante e meritôriamente nas trevas da tentação e na aridez da secura espiritual dão, por uma parte, também a *segurança da salvação* e, por outra parte, *aceleram o retorno à luz* (*).

7. Não é de estranhar, pois, que Lutero, na base de seu proceder e de suas teorias, passasse a maior parte de sua vida sobressaltado, inquieto, padecesse alucinações espantosas e tivesse um caráter áspero e combativo.

Só em uma coisa achava paz seu espírito desassossegado, em lançar invectivas contra o Papado.

Hartmann Grisar demonstra de maneira convincente, baseando-se nos escritos do novador, que *Lutero era um psicopata*. Tinha manias obsedantes acêrca do demônio, a quem via em tôda parte, seja na pessoa do Papa, seja agindo nos acontecimentos mais triviais ou se apresentando sob a forma de um cachorro, de uma coruja etc. Acreditava nas bruxas que, dizia, deviam ser lançadas ao fogo; temia seriamente o imediato fim do mundo.

Hoje em dia se pode afirmar, sem temor de êrro e de exagerar em nada a nota, que Lutero padecia de uma neurose, a obsessão de ser perseguido por parte do demônio.

Sua terminologia mesmo não é própria de um homem normal; usava com freqüência contra seus adversários os epítetos de jumento, cachorro, porco endiabrado, turco etc. Gostava de misturar com suas expressões as palavras de excrementos, rameiras e outras mais soezes.

Diz Grisar no capítulo 18 da obra citada: "É impossível seguir a Lutero ao longo de suas descrições do matrimônio e das relações sexuais sem que nos choquem a superficialidade e grosseria de seus têrmos, e sem reconhecer nêles que a sensualidade dominava Lutero".

(*) Não receamos errar dizendo que os protestantes não têm propriamente fé. Desejam ter fé. Anseliam, vêm-se na necessidade de crer em algo de belo e lógico, que é o cristianismo. Mas, não podem chegar ao fundo da fé, como o faz um católico.

Paralelamente a essas expressões, Lutero emprega outras em que reina uma *piedade piegas e subjetiva* que é, em certos momentos, suave e fomenta mesmo um certo fervor em quem o lê. Porém, essas doçuras desaparecem como bôlhas de sabão ao bater nas imprecações contra o "Papa asno" ou epítetos dêste gênero.

8. Martinho Lutero faleceu em Eisleben, sua cidade natal, a 18 de fevereiro de 1546, com a idade de 62 anos, depois de uma penosa enfermidade do coração, cujo diagnóstico exato não se conhece até hoje.

Morreu assistido por seus amigos. Catarina Bora e seus filhos, que se encontravam vivendo em uma aldeia próxima a Eisleben, não foram avisados da proximidade da morte do pai do protestantismo.

O derradeiro escrito de Lutero, datado de dois dias antes do falecimento, combate o procedimento dos Sacramentários, seita que, como tantas outras, havia nascido à sombra do tristemente célebre "livre exame". Pode dizer-se, pois, que, não obstante os sofrimentos árduos de sua velhice, Lutero morreu com a pena lutadora na mão...

Deus tenha piedade dêle.

b) JOÃO HENRIQUE NEWMANN.

Indubitavelmente Newmann é a antítese de Lutero. Espírito delicado, investigador profundo, amante da verdade em tôdas as suas expressões...

Nasceu João Henrique Newmann em Londres a 21 de fevereiro de 1801, de uma família protestante anglicana.

Curso a universidade e, depois, se fêz Pastor. Chegou a ser professor da Universidade de Oxford e, por fim, pároco da Igreja Anglicana de Santa Maria, na mesma cidade.

Homem amante do estudo, simpatizou sobremaneira com o recém-iniciado "Movimento de Oxford", que tendia a uma profunda revisão da fé protestante anglicana a fim de estabelecer um cotejo da mesma com os demais credos, especialmente com o credo católico romano.

Levado por sua inata piedade e seu espírito investi-

gador, Newmann se entregou em cheio ao estudo da História Eclesiástica dos primeiros séculos de nossa era. Preparou várias monografias sobre os escritos dos Santos Padres. E foi então que a dúvida religiosa começou a corroer seu espírito: que Igreja é a herdeira legítima do Evangelho e do cristianismo primitivo? A Católica ou a Protestante Anglicana?

Nada sabia responder. Porém, enquanto a luz ia paulatinamente iluminando sua inteligência, se manteve fiel a suas crenças anglicanas; mais ainda, sua vida foi um constante e amargo constatar que a fé de seus primeiros anos, querida e defendida por êle com todo o vigor de sua forte personalidade, ia cedendo terreno diante do avanço avassalador da verdade católica que, não obstante seus desejos íntimos, ia se apoderando de sua inteligência. Até que por fim, vencido como São Paulo pela luz, teve de entregar-se ao Senhor de corpo e alma com um: "Senhor, que quereis que eu faça?" (At 9,1-7;22,10;26,14).

Deixemos falar Newmann. Nossa única tarefa será ir transcrevendo trechos de algum dos capítulos de seu diário íntimo, pois tal é sua "História de minhas idéias religiosas".

Assim pois, deixando o capítulo 1 relativo à infância, passemos ao capítulo 2, que abarca o período de sua vida transcorrido entre os anos de 1833 a 1839. Diz assim: "Quando era jovem e, mais tarde, conforme ia crescendo, eu cria que o Papa era o anticristo. No Natal de 1824, preguei um sermão nesse sentido".

Efetivamente, durante muitos anos Newmann acreditou firmemente na autenticidade da fé anglicana. Porém depois, ao aprofundar seus estudos religiosos, chegou necessariamente a duvidar da legitimidade das crenças protestantes.

Vejamos que nos diz no capítulo 3 de seu livro, que abraça os anos de 1839 a 1841. "Meu forte era a antiguidade; ora bem, acontecia que, a meu parecer, no meado do século V se refletiam os séculos XVI e XIX. Vi meu rosto nesse espelho e era como o de um herege monofisita. A Igreja da "Via média", que o Movimento de

Oxford patrocinava, estava na mesma posição que a Igreja Oriental. Roma era o mesmo que hoje e os protestantes éramos hereges eutiquianos”.

A perseverança de Newmann no estudo dos primeiros séculos da Igreja, a comparação da essência das diversas heresias com a confissão anglicana e, sobretudo, a análise de certas atitudes oficiais que adotava a igreja protestante a que êle pertencia, desencadearam em seu espírito uma terrível tempestade, que durou anos de agitação.

O capítulo 4º de seu livro, ou seja, o que descreve o período do ano 1841 ao ano 1845, assim o demonstra: “Tôda nossa desgraça como igreja não provém de que a gente se assusta de olhar em frente para as dificuldades? Dissimularam-se atos que se deviam denunciar. E qual é a conseqüência? Que nossa igreja (anglicana) vem caindo durante séculos, ao ponto que hoje parte de suas pretensões e manifestações são uma pura vergonha”.

Desenganado da doutrina protestante por êle professada, porém sem dar ainda o passo definitivo a favor de Roma, que continuava a odiar interiormente, Newmann julgou-se no dever de apresentar sua renúncia à paróquia de Santa Maria.

Assim, disse a seus paroquianos no sermão de despedida, referindo-se à Igreja Anglicana: “Mãe, mãe! Como é possível que hajas recebido tantas coisas boas e não tenhas sabido conservá-las? Como deste à luz a tantos filhos e não os reconheces? As flôres e as promessas caem de teu seio sem permanecer em teus braços”.

E, em carta a um amigo, se exprime dêste modo, por essa mesma época: “Devo dizer-te francamente que não foi por desilusão, irritação ou impaciência que apresentei com razão ou sem ela, minha demissão da paróquia de Santa Maria; mas porque penso que a Igreja de Roma é a Igreja Católica e a nossa não é parte da Igreja Católica, porque não está em comunhão com Roma”.

A Universidade de Oxford, escandalizada com a atitude de Newmann, o expulsou do número de seus professores. Era no ano de 1843.

Dois anos se passaram depois da demissão do cargo de

Pastor. Dois anos de estudo, meditação, agitações e desesperanças. Mas, por fim, triunfou a luz. Newmann, convencido da necessidade de dar um passo definitivo em direção da verdadeira Igreja de Cristo, fêz solenemente sua profissão de fé católica, precedida de uma retratação dos inúmeros escritos de sua juventude que a atacavam fortemente...

O capítulo 5º do livro que comentamos começa com estas palavras: “Desde que me fiz católico já não tenho, naturalmente, mais história que contar de minhas opiniões religiosas. Ao dizer isto, não quero dar a entender que minha inteligência tenha estado ociosa ou que eu tenha deixado de pensar em assuntos teológicos, mas que não tenho mudanças a anotar, nem inquietações e perplexidades de nenhum gênero. Tenho vivido em paz e tranqüilo; não tive nenhuma dúvida... Foi como a chegada ao pôrto, depois de um temporal em alto mar. Minha felicidade permaneceu, neste espaço de tempo, sem interrupção”.

Como complemento, transcrevemos uma opinião de Newmann sobre o clero católico, opinião que estampa o autor no último capítulo do formoso livro que vimos comentando: “Em primeiro lugar, devo dizer que, quando me fiz católico, nada me surpreendeu mais do que a maneira de ser evidentemente inglêsa de nossos sacerdotes; eram naturais e menos afetados do que muitos dos clérigos anglicanos... Em seguida, também me surpreendeu, quando tive mais ocasião de julgar os sacerdotes, a fé singela no Credo católico e na doutrina que sempre professaram; coisa que nunca parecia lhes ser um pêso. E, agora que tenho vivido na Igreja Católica mais de *vinte e um anos*, devo acrescentar que não posso recordar que tivesse ouvido falar de um só exemplo na Inglaterra de um sacerdote desleal.

“Sempre disposto a sacrificar-se por seu povo, dia e noite, enfêrmo ou com saúde, em tôdas as estações; sempre disposto a acudir ao chamado de qualquer enfêrmo. O que os espanta é que um de seus paroquianos possa falecer sem Sacramentos por sua culpa.

“Que fascinação tão poderosa é a que faz procederem

do mesmo modo milhares de homens e lhes infunde tão pronta obediência a uma regra determinada, como se estivessem submetidos a uma severa disciplina militar? É muito difícil de dar uma resposta, a não ser que se admita a única que é óbvia: êsses homens crêem intensamente no que professam”.

Tais são as expressões que João Henrique Newmann estampou em seu interessantíssimo e agradável livro “História de minhas idéias religiosas”, depois de viver durante anos no seio da Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Cumprido, por fim, assinalar que a Igreja, em prêmio de seu sincero arrependimento e de suas virtudes notáveis, lhe concedeu as Ordens Sagradas do sacerdócio em Roma, pelo ano de 1847, aos 46 de sua idade, depois de alguns de estudo na Cidade Eterna.

Voltando à Inglaterra, sua figura se foi enaltecendo cada vez mais, ao ponto de poder experimentar em 1878 a grande satisfação de ser recebido triunfalmente pela mesma Universidade de Oxford que outrora o expulsara e agora lhe concedia o título de “fellow” honorário.

O Papa Leão XIII, para coroar a obra magnífica começada com suor e lágrimas, lhe conferiu em 1879 a púrpura cardinalícia...

O Cardeal Newmann faleceu em Edgbaston a 11 de agosto de 1890. São inumeráveis os que, desde então, devem sua fé à pena do historiador, poeta, orador e teólogo apologista inglês.

Deixamos ao leitor o cuidado de completar o paralelo entre Martinho Lutero e o Cardeal João Henrique Newmann.

QUESTIONÁRIO

Que ponto de contato têm as exigências de Martinho Lutero e João Henrique Newmann?

a) Por que época e em que país nasceu Lutero? Qual foi o móvel de sua entrada na vida religiosa? quais foram as peculiaridades mais notáveis de seu caráter? Referir-se a seu sacerdócio, à controvérsia sobre as Indulgências, à controvérsia de Leipzig. Que atitude adotou o Papa

Leão X a respeito de Lutero? Que fez Lutero com a Bula de Excomunhão? Que conseqüências acarretou a teoria luterana de que “a fé sòzinha, fiducial, justifica”? Referir-se ao duplo matrimônio de Filipe de Hesse e à união sacrílega de Lutero. Ficou tranqüilo o espírito do novador depois de sua união com Catarina Bora? Que referências faz Lutero de Catarina? A que resultado levou a teoria luterana do “livre exame”? Que conseqüências teve para o próprio Lutero sua doutrina religiosa, principalmente a que se refere à justificação pela fé sòzinha fiducial? Esboço do psiquismo de Lutero. Referir-se às circunstâncias do falecimento de Lutero.

b) Por que época e em que país nasceu João Henrique Newmann? A que confissão protestante pertencia? Referir-se a seus estudos e à sua nomeação para Pastor. Por que aderiu ao Movimento de Oxford? Quais foram seus estudos prediletos? Referir-se a suas primeiras dúvidas acêrca da autenticidade da fé anglicana; à renúncia à paróquia de Santa Maria e à atitude que adotou para com êle a Universidade de Oxford. Abjuração dos erros protestantes. Ficou tranqüilo o espírito do apolo-gista inglês depois de sua conversão ao catolicismo? Juízo de Newmann acêrca dos clérigos católicos. Referir-se à sua Ordenação Sacerdotal, à sua reintegração na Universidade de Oxford e a seu cardinalato. Falecimento do Cardeal Newmann. Paralelo entre Martinho Lutero e o Cardeal João Henrique Newmann.

RESUMINDO

“Quem ama a seu irmão está na luz; quem odia a seu irmão está em trevas... O que ouvistes desde o principio (ou seja, a mais pura doutrina dos Apóstolos), fazei com que permaneça convosco. Se permanecer convosco o que tendes ouvido desde o principio, também vós permanecereis no Filho e no Pai”.

(1 Jo 2,10-25).

A cisão religiosa entre católicos e protestantes foi produzida há quatro séculos; mas imediatamente começaram as animosidades a ir diminuindo. Hoje talvez nos encontremos nas vésperas da união total. Em todo caso, alguma luta ainda subsiste infelizmente.

Saiba o apologista católico que nunca há de ver no protestante que o combate a um inimigo; veja mais nêle a um irmão equivocado, como dissemos no princípio desta obra. Mas saibam também os protestantes que nos dói muito aos católicos que êles venham pregar suas teorias religiosas em nosso meio, doutrinas aliás em plena decadência. Isto nos dói porque é considerar-nos no plano religioso dos ateus ou dos idólatras. *E nos é muito doloroso* porque temos a certeza de que essas pregações não conseguem de modo algum formar bons protestantes; conseguem apenas fazer perder totalmente suas crenças aos católicos de fé vacilante. Em uma palavra, seus trabalhos só servem para destruir a cristandade; não para construí-la.

Por tôdas essa razões, não há dúvida de que hão de dar estreitas contas a Deus os chefes religiosos que dirigem a campanha descatorizadora mundial de que nos queixamos.

Não é época para insistir no desmembramento do Corpo Místico de Cristo. É época de unir.

Que o Movimento Ecumênico encontre em boa hora o reto e único caminho da verdade. Louvável é todo esforço, no terreno espiritual ou material, que tenda a unir energias que possam ser aproveitadas na luta contra o inimigo comum, o materialismo ateu (1).

Queremos encerrar esta obra com um testemunho que supomos imparcial e livre de toda suspeita para nossos adversários na fé, já que emana de uma fonte protestante, ou seja, vamos ceder a palavra a uma de suas publicações.

O artigo que transcreveremos a seguir se referirá ao fato das numerosas conversões ao catolicismo que se produzem entre os protestantes.

Esse trabalho expõe as razões que moveram certas personalidades "evangélicas" a abraçarem a nossa Santa Religião Católica.

Não é um mero sentimentalismo o que move a êsses homens, diz em síntese a publicação. É a força de uma Religião cujas verdades se enlaçam perfeitamente com o senso comum, que é a verdade na mente de todos e com o cosmos e suas exigências teológicas, filosóficas e físicas.

A ciência não informada pela verdade católica é puro ouropel; é fôfa, não tem segurança, não tem fundamento firme, engana aos que põem nela sua esperança...

Enfim, o artigo que transcreveremos é uma verdadeira apologia do catolicismo. E tem tanto maior valor por estar redigido por uma pena protestante. Transcrevê-lo-emos para que o *meditem* nossos leitores católicos e protestantes. Foi tirado do importante semanário evangélico alemão "Christ im Welt", número de 21 de agosto de 1952. Seu título: Ist der Protestantismus am Ende? O Protestantismo está chegando ao fim?

Diz assim: "Não se trata do número das conversões, mas de seu peso; o valor espiritual dos que vão hoje de Wittenberg a Roma é maior do que o foi no passado. São freqüentes os casos de contemporâneos preeminentes e es-

(1) Publicações norte-americanas nos informam de que protestantes e católicos trabalham juntos na produção de películas cinematográficas religiosas. Em seguida, cada grupo acrescenta à fita um comentário adequado e ela pode ser exibida por católicos e por protestantes. Consegue-se dêsse jeito fazer boas películas religiosas de preço razoável.

piritualmente destacados que se convertem... Essas pessoas se convertem por motivos internos sérios, convertem-se por uma decisão espiritual que não é superficial, mas que tem raízes muito profundas; convertem-se não se afastando de Deus, mas indo para Deus, a que acreditam encontrar mais clara, mais profundamente em Roma do que em nossas igrejas evangélicas.

"Homens como Greene e Haecker, Waugh e Berengruen não são cabeças subalternas, que se encontrem mais à vontade obedecendo às ordens de Roma. Suas obras demonstram sua origem e força cristãs, não sua debilidade e incerteza. Nós os evangélicos temos muito boas razões para nos perguntarmos por que êstes modernos porta-vozes da antiga verdade desertaram de entre nós para se passarem para Roma.

"Trata-se de algo muito sério; é uma ocasião para que os evangélicos indaguem onde radicam as diferenças de sua fé e sua vida, que afastem dêles precisamente aos que, com zelo e seriedade, desejariam ser cristãos.

"O cosmos ordenador do credo católico, particularmente a doutrina neotomista, tem um atrativo para seres espirituais, para os quais a ordem na universalidade é igualmente uma necessidade interna. Êste cosmos do pensamento católico abarca com uma intensidade incomparável a integridade do ser: desde o biológico, passando pelo psíquico, até o metafísico: tem um ambiente definido para uma ordem social e do direito baseada no sobrenatural. Existe neste mundo católico um sistema de uma ordem espiritual, firme e amplo, em que cada coisa ocupa seu lugar e posição claros e definidos.

"Uma tal ordenação de tudo que existe, baseada no sobrenatural e ideada intensamente, não é coisa de pouca monta em um mundo desequilibrado, fora dos eixos. Equivocar-se-ia muito quem intentasse rebaixar a universalidade dêsses cosmos católicos de pensamento à categoria de um refúgio para sentimentais fracassados na vida, dissimulando assim as deficiências do protestantismo, que não tem ordenação nenhuma dessa altura a oferecer.

"Porém a força criadora dos ensinamentos católicos não é o mais decisivo, o que mais atrai aos homens para

a Igreja Católica. O mais importante é que ali encontram a presença de Deus de uma maneira mais viva, mais próxima e mais verdadeira do que nas igrejas evangélicas. A lâmpada do Santíssimo nos templos católicos sempre abertos, a adoração perpétua que não emudece em hora nenhuma na superfície de nosso planeta... isto é o que dá ao Catolicismo a vantagem sobre o protestantismo, com seus templos fechados e só abertos por algumas horas no domingo"...

Até aqui a revista protestante "Christ und Welt". Nada nos resta acrescentar.

Que o leitor protestante, em cujas mãos haja caído nosso livrinho, medite sinceramente as verdades indubitáveis que aqui se expõem. A Bíblia Sagrada, tão querida de nós quanto dêles, necessita do complemento da Tradição divina, apostólica e do Magistério; só assim pode proporcionar ao mundo *o corpo autêntico e estável de doutrina* salvadora que é a herança de Cristo.

Tenha o leitor protestante a certeza de que a Igreja Católica o espera com os braços abertos, como boa Mãe de todos; que as dificuldades que, sem dúvida, se opõem ao passo decisivo não são tão grandes quanto a imaginação as representa, que tudo neste mundo tem sua importância, mas que o essencial é mesmo salvar sua alma.

E ao leitor católico sugerimos um ato fervoroso de agradecimento a Deus pela graça inefável de tê-lo feito nascer em um meio que professa a verdadeira fé, favor que traz consigo a responsabilidade de conhecer bem a única doutrina da salvação e de defendê-la valentemente, como um tesouro inapreciável que é.

NOTA FINAL

ATACAR O MAL PELA RAIZ

"A messe é grande, os operários são poucos. Rogai, pois, ao dono da messe que mande operários para sua messe".

(Mt 9,37-38).

"Senhor, salvai-nos, que perecemos!"

(Mt 8,25).

Tomamos a liberdade de apresentar como a causa profunda da extensão que o protestantismo tem conseguido entre nós a escassez de sacerdotes.

Não resta dúvida de que, ante o ataque protestante, o laicato católico deve pôr-se de sobreaviso e fazer frente à avalanche; mas a ação do sacerdote é insubstituível para que se mantenha e propague a fé de nossos antepassados e de nossos maiores. E a verdade é que o número de sacerdotes é exíguo, ridículo, em face da ingente quantidade de almas que dependem de seus cuidados.

Consultemos a seguinte estatística que estampa o R. P. Hermann Fisher S.V.D. em seu livro "Mais sacerdotes para a salvação do mundo":

Em Portugal há um sacerdote para ..	569 habitantes
Na Irlanda há um sacerdote para ...	607 habitantes
Na Itália há um sacerdote para	804 habitantes
Na Espanha há um sacerdote para ...	945 habitantes
Na Áustria há um sacerdote para ...	1000 habitantes
Na Inglaterra há um sacerdote para .	1063 habitantes
Na França há um sacerdote para ...	2000 habitantes
Na Alemanha há um sacerdote para .	2130 habitantes
Na Colômbia há um sacerdote para ..	2711 habitantes

No México há um sacerdote para ... 4029 habitantes
 Na Argentina há um sacerdote para . 4174 habitantes
 No Brasil há um sacerdote para 6944 habitantes

Nem é preciso tecer comentários; os números dizem tudo.

Muito trabalham nossos sacerdotes. Muito bem dirigida deve estar sua ação para que, sendo tão poucos, mantenham o país em um notável nível religioso. Mas o trabalho que resta é imenso e de suma urgência. Pelo que nosso propósito deveria ser unânime no sentido de

- trabalhar arduamente pelo fomento das vocações sacerdotais;
- dar às crianças uma educação tal que faça possível frutificarem algumas vocações que se acham em germe;
- convidar os meninos piedosos de nossas relações a pensarem na possibilidade de seu ingresso no Seminário;
- custear os estudos dos menos afortunados e, em geral, dar esmolas para sustentação dos Seminários;
- e sobretudo um firme propósito de rogar muito a Jesus, o Sacerdote por antonomásia e a Maria Santíssima, Rainha do Clero, para que aumente sempre o número dos sacerdotes santos.

APÊNDICE

OITAVÁRIO PELA UNIÃO DA IGREJA

Para rezar-se de preferência do dia 18 ao 25 de janeiro, dias em que se comemoram a Cátedra de São Pedro em Antioquia e a Conversão de São Paulo.

ORAÇÃO PARA TODOS OS DIAS

Senhor meu Jesus Cristo: na hora de total desorientação que o mundo vive, prostramo-nos diante de Vós, que sois o Caminho, a Verdade e a Vida, e, depois de vos render a homenagem de nossa submissão total à vossa vontade divina, vos formulamos a seguinte petição: Reinai, Senhor, no coração de todos os homens.

Reinai naqueles que hoje vos desconhecem ou, ignorantes, vos repelem. Porém, sobretudo, exercei vosso reinado sobre a multidão dos integrantes das igrejas heterodoxas orientais e protestantes que, de algum modo, vos prestam culto como a Deus e Senhor, mas que não aceitam submissos a totalidade de vossos direitos. Fazei que, eliminados os obstáculos que os mantêm afastados da única e verdadeira Igreja, a Católica, Apostólica, Romana, se aproximem de Vós e de vosso Representante na terra, o Sumo Pontífice, que os espera de braços abertos como a filhos pródigos.

A intercessão de São Pedro que, por inspiração vossa estabeleceu sua Sé em Roma e o valimento de São Paulo, cuja conversão à verdadeira fé celebramos cheios de júbilo, façam que quanto vos pedimos neste Oitavário obtenha o favor de ser ouvido por vossa Divina Majestade. É o que vos imploramos pela intercessão da sempre Virgem Maria, vossa Mãe e nossa Mãe queridíssima. Amém.

Rezemos um Pai Nosso e uma Ave Maria pela conversão dos heterodoxos orientais e dos protestantes.

ORAÇÃO PARA O 1º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que durante a vossa vida mortal fizestes o milagre estupendo de dar vista ao cego de Jericó, nós vos rogamos que

abraís os olhos de nossos irmãos protestantes e heterodoxos orientais, a fim de que lhes seja dado ver o único caminho que leva a Vós que é o que nos indica a Igreja Católica, Apostólica, Romana. Amém.

ORAÇÕES FINAIS PARA TODOS OS DIAS

Antifona. Tudo que ligares na terra será ligado no céu e tudo que desatares na terra será desatado nos céus, disse o Senhor a Simão Pedro.

Oremos. Ó Deus que, entregando a vosso bem-aventurado Apóstolo Pedro as chaves do reino celestial, lhe conferistes a autoridade pontifícia, concedei-nos que mediante sua intercessão nos vejamos livres das ataduras do pecado.

Antifona. São Paulo Apóstolo, pregador da Verdade e mestre dos gentios, intercedei por nós diante do Senhor, que vos escolheu.

Oremos. Ó Deus que, pela pregação do bem-aventurado Apóstolo Paulo, destes a doutrina a todo o mundo, concedei-nos que tenhamos força de vontade para seguir os exemplos daquele cuja conversão celebramos. Amém.

ORAÇÃO PARA O 2º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo que, entre vossos fiéis amigos, escolheste a Simão e lhe trocastes o nome, chamando-o de "Pedro", ou seja, a pedra fundamental sobre que feis edificar a vossa Igreja, concedei-nos vermos em todos e em cada um dos Papas, sucessores que são de São Pedro, outras tantas pedras sobre cuja estabilidade descansa, por especial designio vosso, a Igreja santa da Salvação. Amém.

ORAÇÃO PARA O 3º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos prevenistes dizendo: "Guardai-vos dos falsos profetas que virão a vós revestidos com peles de ovelha", fazei que vendo seus frutos de anarquia na fé, sacrilega espoliação dos legítimos privilégios de Maria Santíssima e menosprezo do Sacerdócio virginal do qual Vós nos destes o exemplo sublime, saibamos apartar-nos desses falsos profetas e aderir incondicionalmente aos verdadeiros Pastores de vosso rebanho. Amém.

ORAÇÃO PARA O 4º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que estendestes vossos braços no madeiro da Cruz para abraçar a todos e salvar a todos, pedimos-vos que chegue sem demora o dia em que vossos filhos, os heterodoxos orientais e os

protestantes, retornando à casa paterna, se decidam também a receber vosso carinhoso abraço e acolher-se sob o manto de Maria Santíssima, mãe comum de todos os homens. Amém.

ORAÇÃO PARA O 5º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que para manter incólume a unidade da fé e salvaguardar a unidade de ordem e regime, destes à vossa Igreja o Pontificado Supremo, dotado de infalibilidade em matéria de fé e costumes, concedei-nos aceitarmos sempre com espírito de sincera adesão a autoridade daqueles a quem dissestes: "Apascentai minhas ovelhas, apascentai meus cordeiros". Amém.

ORAÇÃO PARA O 6º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que, com todo anelo, desejustes a unidade de vossa Igreja, pedindo ao Pai Celestial que todos seus membros fôssem "uma mesma coisa", de modo que formassem "um só rebanho sob um só pastor", olhai, Senhor, como o cisma destruiu a unidade de vossa grei. E concedei-nos, imploramos, o pronto retorno das ovelhas extraviadas ao único aprisco da salvação que constitui a Igreja de vossos eleitos. Amém.

ORAÇÃO PARA O 7º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que dotastes São Pedro, vosso primeiro Vigário, dos poderes necessários para que se tornasse o sustentáculo firme de vossa Igreja e lhe assegurastes solenemente que "as portas do Inferno não prevalecerão contra ela", nós vos rogamos que cumuleis de especiais auxílios celestes a vosso atual Vigário, o Sumo Pontífice João XXIII, a fim de que uma vez mais as hostes infernais se esfaquem ante a rocha inabalável de vossa Santa Igreja. Amém.

ORAÇÃO PARA O 8º DIA

Nosso Senhor Jesus Cristo, que iluminastes a inteligência e movestes a vontade de vosso antigo perseguidor Saulo, convertendo-o no apóstolo infatigável das Gentes, nós vos suplicamos que ilumineis e movais o coração de tantos irmãos nossos que não se decidem a prostrar-se diante de Vós e dizer-vos como São Paulo: "Senhor, que quereis que eu faça?..." Que chegue sem demora o dia em que eles também convertidos, se transformem em fervorosos apóstolos da verdade de vossa doutrina salvadora. Amém.

ÍNDICE

Razão de ser deste livro	9
1ª lição: O apologista católico	15
2ª lição: Situação histórica	21
3ª lição: A Bíblia Sagrada	33
4ª lição: A tradição	49
5ª lição: O magistério	63
6ª lição: Argumentos gerais	79
7ª lição: O culto a Maria SS. e aos santos	89
8ª lição: O Sumo Pontífice	105
9ª lição: A confissão	113
10ª lição: A santa comunhão	127
11ª lição: Purgatório, obras pias, indulgências	145
12ª lição: O ecumenismo	163
13ª lição: O celibato dos sacerdotes	175
14ª lição: Martinho Lutero e João Henrique Newmann	199
Resumindo	213
Atacar o mal pela raiz	217
Oitavário pela união da Igreja	219